



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



DAIANA SILVA DOS SANTOS

**PERIFERIA EM CENA - VIVENCIANDO TEATRALIDADES,  
CONSTRUINDO CIDADANIA:  
LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS PERIFÉRICAS ATRELADAS A  
MÚSICAS DE IGOR KANNÁRIO**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA  
2019

DAIANA SILVA DOS SANTOS

**PERIFERIA EM CENA - VIVENCIANDO TEATRALIDADES,  
CONSTRUINDO CIDADANIA:  
LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS PERIFÉRICAS ATRELADAS A  
MÚSICAS DE IGOR KANNÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) na Área de concentração Linguagens e Letramentos, do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V*, em Santo Antônio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA  
2019

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Santos, Daiana Silva dos

Periferia em cena - vivenciando teatralidades, construindo cidadania: leitura de obras literárias periféricas atreladas a músicas de Igor Kannário. / Daiana Silva dos Santos. – Santo Antônio de Jesus, 2019.

162 f.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)  
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.  
*Campus V*. 2019.

Contém referências e anexos.

1. Literatura. 2. Leitura periférica. 3. Cidadania. I. Nascimento Neto, João Evangelista do. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

## PEÇA: MOMENTO DE AGRADECER

**AUTOR:** Deus. A Ele toda honra e exaltação! Responsável por escrever cada cena deste grande teatro da VIDA!

Para que este espetáculo pudesse se concretizar, contamos com a participação de muitos personagens que abrilhantaram e trouxeram em suas atuações a dinâmica necessária para a grande peça acontecer.

Dispostos em diferentes cenários, interpretando distintos papéis, cada ator trouxe à cena elementos essenciais que ofereceram sentido ao enredo.

### PRIMEIRO ATO

Casa de família, sala de estar, sofá, brinquedos espalhados pela casa, planos de aula. Ao fundo, sala de jantar, espaço de conversas, risos e partilha.

É dia... Porque com eles, a luz é constante em minha vida.

**PAIS:** José Barreto e Valdelice. Base e sustento. Responsáveis por todos os ensinamentos e exemplos de vida. Amor e força são suas principais características.

**IRMÃOS:** Júnior e Jussi. Responsabilidade e dedicação. Parceiros constantes. A irmã Jussi possui duplo papel, ora tia, ora mãe dos meus filhos para que eu pudesse prosseguir na minha atuação estudantil.

**FILHOS:** Raiana e Guilherme. Não precisam de fala nesta trama. O simples motivo de existirem já traz o brilho necessário para que eu cumpra cada dia.

**MARIDO:** Reinaldo. Grande parceiro e exemplo de pai. Trabalho e determinação são suas principais qualidades.

**CUNHADOS:** Cacau e Daiane. Apoio constante. Cacau nunca me deixou esquecer os prazos da dissertação e sempre acreditou no meu potencial. Daiane, a amizade necessária para fortalecer a caminhada.

**SOBRINHOS:** Maria Clara e Clarice, *in memoriam*. Pequenas atrizes que representam o amor sem palavras, apenas com gestos e lembranças.

### SEGUNDO ATO

Sala de aula na UNEB, carro na estrada, um cantinho qualquer que emane amizade.

É dia e noite. Porque todo momento do dia se faz especial quando estamos ao lado de quem nos faz bem.

## CENA 1

**O GÊNIO DA LÂMPADA:** Orientador João Neto. Sabedoria e Compromisso o define. Não é personagem de presença fixa uma vez que necessita cumprir diferentes desejos em distintos cenários, porém, sempre que solicitado, sai de sua lâmpada e ajuda-me no que necessito.

**A FADA MADRINHA:** Professora Priscila Fiorindo. Fonte de dedicação e carinho. Com palavras doces e um pouco de magia, própria dos seres encantados, apresentou-me novas possibilidades para o desenvolvimento do meu trabalho, enriquecendo e ampliando meus horizontes.

**PARTICIPANTE ESPECIAL:** Ney Wendell, com sua experiência, proporcionou à trama novos olhares e um brilho ainda maior.

**A FRIDA:** Luciana Moreno, resistência e força definem seu perfil de mulher, estudante e professora. Num gesto de carinho e dedicação, aceitou o convite para participar da banca de defesa, contribuindo para o crescimento e aprimoramento do meu trabalho.

**TRIO HARMONIA:** Aníger, Jadson e Thaís. Responsabilidade, alegria e empolgação traduzem, respectivamente, as características de cada um. Atores necessários para tornar as Idas e Vindas à SAJ mais leves e felizes.

**QUARTETO FANTÁSTICO:** Evelyn, Elisângela, Cinara e Edilson. Atores com características tão distintas que se complementam trazendo à turma a alegria e criatividade necessária.

**SUPER DUETO:** Carla e Tânia. Peças de perfeito encaixe. Como o perfume das rosas, emanam sutileza e dedicação para todos que rodeiam.

**A TAMPÃO E A PANELA:** Grazi e Marlene. O exalar da calma e compromisso. Personagens que transformaram a sala no Reino da doçura.

**O GUERREIRO:** Ítalo. Mesmo diante de todas as angústias mostrou-nos que a fraqueza é própria do ser humano, mas a superação provém dos fortes.

**A VALENTE:** Márcia. Bondade e tranquilidade lhe garantem a valentia necessária para superar os obstáculos. Seu exemplo nos encoraja.

**MESTRES:** Adelino, Monalisa, Rosemere, Marcos, Gredson e Paulo. Símbolos de compromisso e sabedoria. Seus ensinamentos foram alargadores de caminho para meu percurso acadêmico e profissional.

## CENA 2

(muda-se a cena com a entrada de novos personagens vindos de diferentes cenários, porém a temática é mantida: a amizade).

**ESTRELAS:** Bruna, Evânia, Vânia, Tati, Goi e Dayse. Pertencentes à família Estrela de Davi, sempre concederam muito apoio e força para prosseguir minha caminhada.

**AMIGOS/IRMÃOS:** Evamy, Dinho, Quelle e Alex. Compreensão os define. Entenderam minha ausência sabendo que era necessária para a concretização do meu sonho.

**PLAYERS:** Everardo e Lincoln. Parceria e alegria traduzem esses personagens. Sempre trouxeram o riso e a companhia quando o desânimo teimava em invadir.

**D’LUA:** Jéssica. Com o dom de traduzir emoções em imagens, esta artista conferiu a esta dissertação cor e beleza atreladas à criatividade e arte.

## TERCEIRO ATO

Escola da Zona Rural em São Félix, Sala dos professores, Praça da Escola, Sala de aula.

É dia.

**ALUNOS:** São muitos, diferentes e iguais. Razão do projeto, personagens imprescindíveis à trama. Por muitas vezes, trocaram de papel tornando-se professores que me ensinavam verdadeiras lições de vida.

**COLEGAS DE PROFISSÃO:** Na multiplicidade de saberes encontramos um ponto comum: Companheirismo. Mostraram que, apesar das angústias, somos capazes de dar as mãos e ajudar um ao outro.

**FUNCIONÁRIOS:** Qualidade principal desses personagens: dedicação. Todos de alguma forma envolveram-se no projeto ajudando em tudo que necessitava.

**PATROCINADOR – CAPES.** Grata pelo patrocínio e financiamento dos meus estudos.

A todo o elenco, meu muito obrigada!

## RESUMO

Na presente dissertação de mestrado, intitulada PERIFERIA EM CENA: VIVENCIANDO TEATRALIDADES, CONSTRUINDO CIDADANIA. LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS PERIFÉRICAS ATRELADAS À MÚSICAS DE IGOR KANNÁRIO, apresentamos resultados da pesquisa aplicada com uma turma de 9º ano de um colégio municipal da cidade de São Félix-Ba. Sabedores que o novo cenário educacional exige a presença do gênero literário como protagonista nas aulas de Língua Portuguesa é que esta dissertação coloca-o no palco, sob os holofotes, discutindo suas bases e aplicabilidade no ensino mediante um processo de reconhecimento, identificação e significados a partir da Literatura Periférica/Marginal, originária de um cenário de conflitos e resistência, interpretando a voz do povo excluído e rejeitado (mulheres, negros e negras, pobres, periféricos). Desta forma, discuto o desenvolvimento de um projeto de pesquisa e intervenção pedagógica baseado no hábito da leitura literária e reflexão do papel social do indivíduo. Para tal, partimos dos conceitos de Rangel (2010) no que tange a cidadania, bem como os conceitos de Cosson (2010) que evidencia a importância da literatura na formação do ser humano. A metodologia adotada é da pesquisa participante por meio da construção e execução de uma proposta de intervenção pedagógica, que foi aplicada através de um projeto dividido em 12 oficinas tratando das questões trazidas no bojo da escrita literária periférica (violência, drogas, mulher, negro, periferia), atreladas a músicas pertencentes ao cantor do pagode baiano, Igor Kannário, artista reverenciado pela comunidade em que o projeto foi aplicado, utilizando como estratégia de ensino o teatro. Com base nos dados obtidos pudemos verificar que como a temática era interessante para os discentes estes demonstraram motivação e reflexão crítica. Também foi constatado que as reivindicações e protestos dos alunos eram grandes, porém precisavam ser direcionados para a luta por garantias de direitos, o que de forma poética conseguimos construir ao longo do projeto.

**Palavras-chave:** leitura, literatura periférica, cidadania.

## RESUMEN

En la presente disertación de maestría, titulada PERIFERÍA EN ESCENA: VIVENCIANDO TEATRALIDADES, CONSTRUYENDO CIUDADANÍA. LECTURA DE OBRAS LITERARIAS PERIFÉRICAS ATRELADAS A MÚSICAS DE IGOR KANNARIO, presentamos resultados de la investigación aplicada con una clase de 9º año de un colegio municipal de la ciudad de São Félix-Ba. Sabiendo que el nuevo escenario educativo requiere la presencia del género literario como protagonista en clases de portugués es que esta tesis pone en el escenario, en el centro de atención, hablando de sus bases y aplicabilidad en la enseñanza a través de un proceso de reconocimiento, identificación y significados a partir de la Literatura Periférica / Marginal, originaria de un escenario de conflictos y resistencia, interpretando la voz del pueblo excluido y rechazado (mujeres, negros y negras, pobres, periféricos). De esta forma, discuto el desarrollo de un proyecto de investigación e intervención pedagógica basado en el hábito de la lectura literaria y la reflexión del papel social del individuo. Para ello, partimos de los conceptos de Rangel (2010) en lo que se refiere a la ciudadanía, así como los conceptos de Cosson (2010) que evidencia la importancia de la literatura en la formación del ser humano. La metodología adoptada es de la investigación participante por medio de la construcción y ejecución de una propuesta de intervención pedagógica, que fue aplicada a través de un proyecto dividido en 12 talleres tratando de las cuestiones traídas en el seno de la escritura literaria periférica (violencia, drogas, mujer, negro, y periferia) atreladas a las músicas del cantante del pagode baiano, Igor Kannário. Con base en los datos obtenidos pudimos verificar que como la temática era interesante para los alumnos éstos demostraron motivación y reflexión crítica. También se constató que las reivindicaciones y protestas de los alumnos eran grandes, pero necesitaban ser dirigidas a la lucha por garantías de derechos, lo que de forma poética conseguimos construir a lo largo del proyecto.

**Palabras clave:** lectura, literatura periférica, ciudadanía.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Capa 1 “Periferia em cena” .....	15
<b>Figura 02</b> – Capa 2 “Reflexões sobre a peça/projeto” .....	25
<b>Figura 03</b> – Capa 3 “Escrevendo o roteiro” .....	46
<b>Figura 04</b> – Vista frontal da escola.....	48
<b>Figura 05</b> – Ala esquerda.....	49
<b>Figura 06</b> – Ala direita.....	49
<b>Figura 07</b> – Vista da praça e bar do Sr. Val.....	49
<b>Figura 08</b> – Cantina e biblioteca .....	49
<b>Figura 09</b> – Vista da BR 420 .....	49
<b>Figura 10</b> – Sala preparada para início do projeto.....	67
<b>Figura 11</b> – Camisa do projeto .....	67
<b>Figura 12</b> – Banner do projeto.....	68
<b>Figura 13</b> – Lista de palavras relatadas pelos alunos .....	69
<b>Figura 14</b> – Lista sobre o que é cidadania .....	74
<b>Figura 15</b> – Encenação “Fila do SUS” .....	76
<b>Figura 16</b> – Encenação “Policiais corruptos” .....	77
<b>Figura 17</b> – Encenação “Jovem abandonado” .....	77
<b>Figura 18</b> – Grupo de discussão I.....	82
<b>Figura 19</b> – Grupo de discussão II.....	82
<b>Figura 20</b> – Oficina com professor Palumbo.....	88
<b>Figura 21</b> – Orientação das atividades com prof. Palumbo.....	88
<b>Figura 22</b> – Perfil masculino e feminino .....	95
<b>Figura 23</b> – Novo perfil da mulher .....	98
<b>Figura 24</b> – Cartaz Periferia I.....	102
<b>Figura 25</b> – cartaz Centro I.....	102
<b>Figura 26</b> – Cartaz Centro II.....	104
<b>Figura 27</b> – Cartaz Periferia II.....	104
<b>Figura 28</b> – Painel “Pedras no caminho” .....	110
<b>Figura 29</b> – Ensaios.....	113
<b>Figura 30</b> – Contação de histórias.....	117

<b>Figura 31</b> – Momento da atividade.....	118
<b>Figura 32</b> – Foto menino com peruca.....	118
<b>Figura 33</b> – Foto menina com peruca .....	118
<b>Figura 34</b> – Visita à Escola Estadual.....	123
<b>Figura 35</b> – Abertura do Sarau.....	126
<b>Figura 36</b> – Apresentação das temáticas.....	127
<b>Figura 37</b> – Encenação “O Bom Samaritano”.....	128
<b>Figura 38</b> – Coral “O Bom Samaritano”.....	128
<b>Figura 39</b> – Declamação da música “Me diz”.....	129
<b>Figura 40</b> – Declamação da poesia “Vozes Mulheres.....	130
<b>Figura 41</b> – Grupo de Dança convidado.....	131
<b>Figura 42</b> – Dança final “Pesadão” 1.....	132
<b>Figura 43</b> – Dança final “Pesadão” 2.....	132
<b>Figura 44</b> – Apresentação da plateia.....	133
<b>Figura 45</b> – Lanche da escola convidada.....	133
<b>Figura 46</b> – Oficina “Abayomi” .....	144
<b>Figura 48</b> – Dança na Escola Estadual.....	144
<b>Figura 49</b> – Cartaz TCEM 1.....	144
<b>Figura 50</b> – Cartaz TCEM 2.....	144
<b>Figura 51</b> – Capa “Conclusão” . .....	146

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> – Localização espacial.....	51
<b>Gráfico 02</b> – Raça/cor.....	51
<b>Gráfico 03</b> – Leitura diária .....	53
<b>Gráfico 04</b> – O que faz nas horas livres.....	53
<b>Gráfico 05</b> – Livros lidos durante o ano .....	54
<b>Gráfico 06</b> – Livros lidos durante a vida .....	54
<b>Gráfico 07</b> – Gênero textual que mais agrada .....	54
<b>Gráfico 08</b> – Gênero musical preferido .....	56
<b>Gráfico 09</b> – Cantor que o representa .....	57
<b>Gráfico 10</b> – Profissão que almeja seguir .....	58
<b>Gráfico 11</b> – 1ª Pergunta interpretativa .....	59
<b>Gráfico 12</b> – 3ª Pergunta interpretativa .....	60
<b>Gráfico 13</b> – O que é cidadania?.....	61
<b>Gráfico 14</b> – Todas as pessoas são cidadãs?.....	61
<b>Gráfico 15</b> – O que é preciso para um indivíduo ser considerado cidadão?.....	62
<b>Gráfico 16</b> – Você se considera cidadão?.....	63
<b>Gráfico 17</b> – Me considero cidadão por quê.....	63

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: ABRINDO AS CORTINAS</b> .....	17
<b>2 DIDASCÁLIA</b> .....	26
2.1 EM BUSCA DO PAPEL PRINCIPAL .....	27
2.2 A PREPARAÇÃO DO ATOR .....	32
2.3 HOLOFOTES SOBRE OS GÊNEROS: MÚSICA E TEATRO .....	35
2.3.2 O gênero teatral .....	36
2.3.3 O gênero musical .....	38
2.4 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO: A LITERATURA PERIFÉRICA/MARGINAL . .....	40
2.5 A CRIAÇÃO DE UM PAPEL: LITERATURAS PERIFÉRICAS EM PARCERIA COM AS MÚSICAS DE IGOR KANNÁRIO .....	43
<b>3 PREPARANDO O ROTEIRO</b> .....	47
3.1 O CENÁRIO ESCOLAR .....	47
3.2 O ELENCO: ALUNOS DO 9º ANO DO E.F. II .....	50
3.2.1 Definindo o perfil do ator .....	50
3.2.2 Aspectos sociais .....	50
3.2.2 Envolvimento com a Língua Portuguesa .....	52
3.2.4 Perfil do ator/leitor .....	52
3.2.5 O foco na Literatura .....	55
3.2.6 Teatro e música .....	56
3.2.7 Um olhar para o futuro .....	57
3.2.8 A interpretação .....	58
3.2.9 O protagonismo: ser cidadão .....	60
3.3 DEFININDO OS ATOS .....	64

3.4 ENQUANTO ISSO NA PLATEIA E BASTIDORES.....	140
<b>4 CONCLUSÃO: FECHANDO AS CORTINAS .....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>159</b>



Necessitamos de um teatro  
que não nos proporcione  
somente as sensações, as ideias  
e os impulsos que são permitidos  
pelo respectivo contexto  
histórico das relações humanas  
(o contexto em que as ações  
se realizam), mas, sim,  
que empregue e suscite  
pensamentos e sentimentos  
que desempenhem um papel  
na modificação desse contexto.  
(BRECHT, 2005, p.142)

## 1. INTRODUÇÃO: ABRINDO AS CORTINAS

A criatividade traz um novo começo para “tempo”. Quando você é criativo, você quebra a monotonia do tempo e tudo se torna estimulante e vivo, trazendo, também, um novo ciclo de entusiasmo. A criatividade e o impulso procriativo da natureza estão associados ao entusiasmo. Quando você é entusiasta, você está mais próximo do princípio criativo da existência. Profundo silêncio é o pai da criatividade. Nenhuma criatividade brota de alguém que é muito ocupado, preocupado, super ambicioso ou letárgico.

(Sri Sri Ravi Shankar)

Ao abrir a cortina dos meus olhos pela primeira vez, vislumbrei aqueles que seriam para sempre os verdadeiros e principais protagonistas da minha formação pessoal: meus pais, os líderes, meus exemplos, meus heróis... Cada ato que esses protagonistas encenavam refletiu sobremaneira na minha escolha pela docência: minha mãe, mulher humilde, lutadora venceu as dificuldades impostas desde seus quatro anos de idade, quando perdeu sua figura materna e viu-se, ainda criança, tendo que tomar conta da casa e de seu irmão mais novo, partindo futuramente para outro cenário: ser empregada na casa de parentes ainda com oito anos de idade, que a maltratavam e exigiam um trabalho bastante pesado para uma criança. Essas dificuldades nunca a fizeram desistir de seus sonhos e, mesmo já com idade avançada, continuou seus estudos e formou-se no magistério.

Lembro-me de que, quando minha mãe ia para as escolas lecionar, por não ter quem cuidasse dos três filhos em casa, levava-nos para a sala de aula; para mim, era um verdadeiro espetáculo, um orgulho, minha mãe era a que possuía todo o conhecimento. Quem tinha dúvidas, sanava na mesma hora, ela atuava neste papel com tanta leveza e alegria que contagiava a todos que tinham o prazer de assisti-la. Ao chegar a casa, eu reproduzia aquela cena: abria a porta do guarda-roupas antigo, que havia no quarto dos meus pais, o qual servia como quadro negro, retirava os pedaços de giz que trazia da escola de dentro do bolso, dispunha todas as minhas bonecas e ursos em cima da cama e iniciava minha atuação como pequena docente, ensinando todos os assuntos que tinha aprendido ou na minha escola ou na escola em que minha mãe trabalhava. Como era bom ensinar!

Esse processo de acompanhar minha mãe em sua atuação na sala de aula durou por muito tempo, afinal, qualquer hora extra do dia que eu tinha poderia ser aproveitado para tal fim, uma vez que minha mãe trabalhava pela manhã, à tarde e no período da noite. Na minha adolescência, esse foi o período que mais a acompanhei; por muitas vezes, até a ajudava nas

aulas, assumia o papel de protagonista ensinando os jovens e adultos a lerem. A essa altura, minha mãe já estava bem cansada. Claro que, além de todo exemplo que emanava dela como docente, havia também um outro papel que ela atuava com igual maestria: o de ser mãe. Com suas sábias palavras, aconselhou-me no final do Ensino Fundamental a ingressar no curso de Magistério, que era a garantia de que, ao me formar, poderia ter uma facilidade maior em me empregar. E realmente estava, como sempre, com a razão. Já saí do Ensino Médio com trabalho garantido!

Mesmo empregada, não parei os estudos, até porque meus pais sonhavam com a formatura de todos os filhos na faculdade. Se, para eles, o Ensino Médio tinha sido o desfecho das suas atuações no espetáculo estudantil, para seus filhos, não poderia ser igual, afinal, que graça teria uma peça de teatro com o mesmo texto? Sempre comentavam que queriam seus filhos chegando aonde eles não puderam ir e, como eu sou a filha caçula de três irmãos e os outros dois já estavam inseridos no universo acadêmico, comigo não poderia ser diferente. Prestei vestibular para Letras com Espanhol na UEFS. Nesse mesmo período, fui convidada por um grande amigo (também um grande exemplo de vida e de docência) a ocupar seu lugar como professora de Espanhol em uma escola particular da minha cidade. Fiquei extremamente feliz, afinal, apesar de já ter atuado no papel de docente como professora de banca ou professora da Escola Bíblica Dominical, esta seria minha primeira atuação como docente profissional e poderia associar os conteúdos e metodologias que estava aprendendo na universidade à minha prática escolar.

Ao concluir o curso, com trabalho fixo, concursada da prefeitura de Muritiba - BA, e ainda atuando na escola da rede particular, dediquei-me a cuidar da minha família que havia constituído durante esse período. Aos poucos, fui-me acomodando em relação aos estudos, deixando de lado os palcos acadêmicos na crença de que já sabia de tudo, afinal, qual o segredo em atuar como professora? Era só estudar e decorar aqueles “textos” que estavam descritos no Livro didático e “representar” para os alunos. Essa visão equivocada perdurou por muitos anos; às vezes, via-me confrontada com alguns questionamentos em debates e reflexões nas corriqueiras jornadas pedagógicas oferecidas pelas instituições de ensino, mas sempre achava uma saída para esses questionamentos alegando que, na teoria, é fácil, mas a prática é totalmente diferente!

Atuei em quase todas as modalidades de ensino: Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Cursinho Pré-Vestibular, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Nessa caminhada pelos palcos escolares, novos modos de ver e conceber o ensino foram fluindo em meu ser. Nos últimos anos, a mesmice em sala de aula começou a me provocar, uma angústia

muito forte me dominou; cada vez que punha os pés na sala de aula, sentia-me uma ladra, nada oferecia a meus alunos, apenas retirava-lhes o direito de crescer. Essas aflições me domaram de maneira mais forte quando trocaram meu palco de atuação e fui encaminhada para lecionar em uma escola da zona rural de São Félix. A plateia era repleta de alunos humildes, com poucas ou nenhuma oportunidade de crescimento intelectual e profissional e, ao mesmo tempo, cheia de sonhos. E lá estava eu, uma professora cumprindo o currículo, seguindo o roteiro que a direção me cobrava, destruindo sonhos...

Esse período casou exatamente com os questionamentos que muitos amigos e familiares me faziam, perguntavam se não tinha interesse em dar continuidade aos estudos, muitos até me reprovavam pelo fato de ainda não ter ingressado em um Mestrado. Naquele momento, percebia que tais questionamentos estavam baseados mais em uma questão de *status*, da vaidade carregada pelo título de “mestre”. A ideia de fazer um mestrado e pesquisar, perder horas de sono, dentre outros entraves que o compromisso com os estudos acarreta para ao final ter um título, ser o único digno dos aplausos e flores da plateia, fechar as cortinas e encerrar o espetáculo, não me soava bem. Diante dos demônios que me atormentavam quanto a minha mesquinhez na atuação como professora, tudo que eu queria agora era emanar minhas energias para algo que pudesse realmente ser transformador, não somente para mim, mas para as pessoas a minha volta, meus alunos, suas famílias, minha PLATEIA.

A angústia só aumentava à medida que, nos muitos diálogos das cenas que participava em sala de aula, ouvia um aluno dizer que abandonaria os estudos para ajudar a família, ou ao ver as luzes do palco da vida se apagarem permanentemente para alguns devido à violência das drogas ilícitas, consumo do álcool e outras problemáticas que atingem comumente as comunidades periféricas. O incômodo era tanto que se fazia inevitável segurar as lágrimas; por quantos momentos, não me peguei tendo que controlar a emoção enquanto ouvia mais um de tantos lamentos por parte dos alunos e familiares.

É em meio a essas inseguranças e questionamentos, que entra em cena a proposta do PROFLETRAS, aliada a minha sede de mudança. As reflexões trazidas por esse curso de pós graduação *strictu sensu* garantia o desenvolvimento de um projeto transformador, não apenas para mim, como profissional e estudante mas, principalmente, para a comunidade onde leciono. Renovou-me as esperanças a possibilidade de migrar minhas forças para a transformação minha e dos indivíduos inseridos no trabalho; poderia, finalmente, ser um agente de mudanças, uma semeadora de sonhos. E minha alegria só aumentava ao passo que essa proposta poderia ser possível realizar-se através do poder transformador da PALAVRA.

Seria através do estudo da Língua Portuguesa, através das palavras que podem ser lidas, mas também ouvidas, vistas, sentidas, desenhadas... O uso da palavra em todas as suas multifacetadas formas, fragrâncias, sabores... A alegria em atuar como professora voltou a tomar conta de mim e se multiplicou quando a notícia da aprovação no mestrado se revelou. E é essa alegria que me acompanha a cada aula no curso, quando descubro novas práticas, aprendo, construo e (re)construo saberes. E, certamente, essa foi a mesma alegria que me acompanhou durante toda a execução desse projeto e em cada aula que eu ministrei na certeza de que mudei meu papel, deixando de ser uma furtadora para tornar-me uma semeadora de sonhos.

Os frutos que colho ao final deste curso revela-se no desabrochar de cada disciplina estudada, através de cada assunto, cada objetivo, cada docente exala o perfume do amadurecimento e da compreensão de que somos capazes e de que é possível fazer a diferença, quando nos dispomos a espalhar as sementes do saber não reservando apenas para nossa pequena horta. É verdade que, para desenvolvermos um trabalho em grandes plantações, faz-se necessário reconhecer que passaremos por grandes momentos de seca, outras de grande vendavais e aguaceiro, mas, se persistirmos e continuarmos com paciência, alcançaremos uma farta colheita.

Baseada nessa ideia e em todos os questionamentos e angústias oriundas do ambiente de trabalho escolar onde continuo atuando, é que pensei nesse projeto que utilizará as Literaturas Periféricas atreladas às músicas do cantor baiano, Igor Kannário, para contribuir na formação leitora/reflexiva dos discentes com vistas ao aprimoramento da consciência cidadã de cada indivíduo. Esta será uma maneira de abraçá-los e devolver um pouco do que ainda não proporcionei. Claro que não posso mudar e voltar ao tempo reescrevendo os textos que fizeram parte dos atos passados. Mas tenho a certeza de que posso mudar a minha trajetória de agora em diante escrevendo novos textos, apresentando possibilidades e o material necessário para a construção de um novo cenário. Nesse intuito, é que proponho, através de uma proposta de intervenção pedagógica, fazer uso da Literatura Periférica atrelada às vivências e gostos dos alunos, como as músicas do artista Igor Kannário (figura altamente reverenciada pelos discentes e comunidade), discutir questões relacionadas ao uso da PALAVRA como poder emancipatório, libertador.

Aliado a estas reflexões, busco também propor um trabalho voltado ao aperfeiçoamento da leitura, escrita e oralidade, bem como proporcionar momentos de mediação cultural entre escola e comunidade, a fim de que os discentes possam se sentir pertencentes, propagadores e protagonistas do fazer cultural da sociedade em que vivem, atuando como verdadeiros

cidadãos. Para tal proposta, utilizo como base a Literatura Periférica, atrelada a músicas do cantor Igor Kannário, uma vez que já são conhecidas e veneradas pelos alunos e comunidade. A escolha deste referido artista, por mais polêmica e destoante que seja, representa a busca por quebra de paradigmas e preconceitos, inicialmente, por minha parte, como professora sempre distanciada da realidade do pagode brasileiro, quando sempre tratei a escolha dos meus alunos como uma pobreza cultural ou como muitos ainda afirmam, hoje, por uma questão de gosto e afinidade com a criminalidade.

Nesses momentos de conflito por quais passei, despida dos meus preconceitos, procurei refletir o que motivava meus alunos a dialogarem de maneira íntima com um cantor tão polêmico que, para a maioria das pessoas (e até mesmo para mim), não passava da representação de um bandido querendo chamar a atenção da mídia, fomentando o ódio e a violência entre as comunidades periféricas. A identificação dos meus alunos com esse cantor se fazia (e se faz) tão forte que, frequentemente, ao corrigir cadernos, provas e testes dos discentes, deparava-me com a assinatura dos mesmos trocadas; sim, nesta cena, eles utilizavam máscaras, negavam seus sobrenomes, sua identidade para reverenciar seu ídolo passando a assinar o sobrenome “Kannário”, assumindo, dessa forma, uma performance identitária.

Isso me incomodava muito e me instigava mais ainda a entender a causa de tal fenômeno; foi então que, mesmo sem nenhum tipo de intimidade, passei a ouvir as músicas de Igor Kannário. Para a minha surpresa, pude perceber que o processo de identificação partia, inicialmente, não do que a pessoa do cantor representava, ou pelo seu comportamento. Os estudantes, moradores de zona rural, sentem-se pertencentes a um grupo excluído, discriminado pela sociedade, sentem-se como a música do cantor, consideram-se “FAVELA”. Por isso, ao ouvir as músicas, encontravam nelas um relato das situações cotidianas por eles vivenciadas. Naquele momento, o cantor representava um porta-voz das aflições e angústias do povo periférico. Essa percepção foi comprovada quando eu, “toda mal intencionada”, dialogava com meus alunos provocando-os quanto à figura do “Príncipe do Gueto”. Eles o defendiam com “unhas e dentes”, alegando que este era a voz da favela, aquele que os representava e que sabia de suas mazelas.

A certeza de que deveria insistir com esse estudo, mesmo diante todas as críticas enfrentadas ao longo do percurso (afirmo que ainda ouvirei muitas delas), emergiu nas aulas da disciplina Alfabetização e Letramento, a qual me jogou no chão mostrando-me que me comportara até então como uma burocrata que, vendo abastança à mesa, desperdiça e joga tudo no lixo. Naquela escola, eu tinha tudo, um prato cheio para o desenvolvimento de

práticas de letramento sociocultural, as multissemioses (escritas nas paredes, cadernos, quadros, carteiras, mesas com trechos de músicas e falas do cantor Igor Kannário, entre outras com mesmo valor simbólico) pareciam saltar aos meus olhos como quem precisa ser vista e eu, simplesmente as ignorava. Meus alunos sinalizavam o caminho a seguir e eu sempre na contramão. Era preciso entender que as práticas sociais dos nossos alunos deveriam ser o ponto de partida para qualquer processo de ensino-aprendizagem.

É a partir desse entendimento que esta dissertação se ancora, partindo de um gênero conhecido pelos alunos, principalmente no teor de suas produções (as músicas do cantor Igor Kannário) para um Gênero que eles pouco conhecem, a Literatura Marginal/Periférica. A escolha por esta literatura surgiu pelo viés da ligação existente com o gênero musical selecionado e por representar a oportunidade de se refletir sobre a dissociabilidade do espaço/condição social para a produção de uma boa literatura. É necessário que os estudantes percebam que eles também são capazes de fazer brotar vida através das PALAVRAS reivindicando seu lugar na sociedade, colocando-se na postura de verdadeiros CIDADÃOS/PROTAGONISTAS, saindo do papel de meros expectadores.

Paralelamente, considero que o teatro possibilita uma liberdade maior aos discentes de se expressarem, além de facilitar, através dessa mesma liberdade, o aprendizado do que se deseja ensinar; por isso utilizamos, como ferramenta pedagógica, o gênero teatral para os alunos vivenciarem, em cena, o dia a dia.

O gênero teatro, em algumas localidades, é algo totalmente distante da realidade da educação básica, em especial da escola pública, percebemos que os alunos que o conhecem é apenas de ouvir falar, devido à falta de preocupação das entidades responsáveis no desenvolvimento de mediações culturais. Isso é presenciado na comunidade em que trabalho, o acesso à cultura é bem precário, para não dizer inexistente. O próprio cenário geográfico da comunidade em estudo não favorece tal prática. Casas distantes umas das outras, rios, montes, ladeiras, mangues cortam e segmentam os laços de proximidades entre os moradores daquela região do Recôncavo da Bahia.

Diante do exposto, surge a pergunta-problema a ser respondida no percurso da dissertação: as músicas de Igor Kannário e a Literatura Periférica trabalhadas a partir das práticas teatrais possibilitam uma maior aproximação dos alunos com a leitura e possível reflexão crítica para o aprimoramento da formação cidadã? A partir desse questionamento, levantamos algumas hipóteses, descritas a seguir:

- 1) As músicas de Igor Kannário facilitam a aproximação dos alunos com textos em língua materna.

- 2) A Literatura Periférica possibilita uma reflexão identitária para os alunos;
- 3) O teatro como estratégia pedagógica favorece o protagonismo estudantil;

Nessa perspectiva, propomos como objetivo geral desenvolver habilidades de leitura reflexiva por meio da Literatura Periférica e músicas do cantor Igor Kannário, através da estratégia pedagógica, teatro, contribuindo para a formação do sujeito social.

Para tanto, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Estimular a leitura e reflexão através das leituras literárias periféricas;
- b) Sensibilizar os alunos a partir das letras das músicas de Igor Kannário;
- c) Desenvolver a oralidade e o protagonismo estudantil através das técnicas teatrais;
- d) Possibilitar o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos aprendizes.

Como toda obra teatral é formada por DIÁLOGOS, anco-ro-me nas pesquisas de Bakhtin em gênero do discurso, quando afirma que todo enunciado se constrói mediante um dialogismo e tais enunciados se manifestam a partir dos gêneros do discurso. Nesse sentido, o aluno pode compreender a importância dos gêneros em estudo nos espaços em que circulam, qual sua função social e como analisá-los na promoção do conhecimento. Por isso, discuto na sessão dois, intitulada DISDASCÁLIA, a questão do uso dos gêneros em sala de aula, a função cidadã da escola e o tema em estudo “literatura periférica”, bem como a arte musical do cantor Igor Kannário.

Na seção 3, apresento a metodologia desenvolvida durante a aplicação da proposta de intervenção pedagógica, o cenário em que a peça/projeto é desenvolvida e o elenco que a compõe. Como respaldo para a aplicação, a sessão 4 ainda apresenta as análises dos dados obtidos, a partir da aplicação de um questionário na turma escolhida para desenvolvimento do trabalho. Os dados obtidos, demonstraram a relevância e a necessidade no que concerne ao manejo com a leitura para a formação cidadã.

Ainda, na seção 3, apresento a proposta de intervenção pedagógica, estabelecendo os objetivos e possíveis trabalhos a serem executados durante o período de aplicação do projeto. É importante que os alunos percebam que a necessidade do seu desenvolvimento como leitor não está apenas atrelado a questões de normas impostas pela escola no sentido de aprovação ou reprovação, mas, acima de tudo, torna-se necessário que os discentes compreendam a importância da leitura para o seu desenvolvimento social como cidadãos capazes de buscar seus direitos e, conhecendo-os, lutar por eles.

Na seção 4, apresento os resultados obtidos após a aplicação da proposta de intervenção. Ao final, trago os anexos e apêndices referentes aos materiais utilizados no decorrer do projeto.

No sentido de ilustrar cada seção da presente dissertação, trago telas inéditas produzidas a partir de um diálogo com a artista “D’Lua”, a respeito de cada etapa deste trabalho. Filha da cidade de Muritiba –Ba, Jéssica, afirma que no pós parto nasceu “Dilua”, Mulher, mãe, feminista, que busca em seu trabalho como artista expressar e trazer reflexões acerca do feminismo em sua existência subjetiva e social. Interessada também pela reflexão sobre o ser “marginalizado”, abraçou o presente trabalho, mergulhando no mar artístico para produzir imagens que representassem a voz e a fala que brota em cada temática da dissertação.

Ancoro-me também, no vocabulário teatral para jogar com as palavras durante a escrita da dissertação associando alguns termos, por isso, comumente, serão encontradas as seguintes relações: peça – dissertação, protagonista/atores – alunos, enredo – escrita, atos – oficinas diárias do projeto, cenário – espaço físico em que se encontram os envolvidos na proposta, entre outros. Esse jogo faz parte da alma criativa existente em cada docente que não poderia ser excluída também no processo de escrita do trabalho acadêmico.



DIVA

## 2 DIDASCÁLIA<sup>1</sup>

“O principal objetivo da Educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram”.

(Jean Piaget)

O cenário está posto; constitui-se de três espaços bem demarcados ocupados por personagens distintos que se entrelaçam e se afastam. De um lado, o professor em sua sala de aula, repleto de insatisfações e certo de que não há mais nada para aprender, do outro, na mesma sala de aula, porém separados por uma cortina, os alunos, suas expectativas, sonhos e frustrações e distante no menor espaço do cenário, recanteada chorando o esquecimento, a rejeição, está a Literatura; sobre ela, não há iluminação alguma, é quase que imperceptível a sua presença na composição desse cenário.

Tais descrições são as características comuns presentes nos mais distintos ambientes escolares. Com o avanço das tecnologias e a fugacidade das informações no nosso cotidiano, a literatura tem encontrado pouco espaço nas salas de aula e, quando entra em cena, parece desfocada, não lhe é dada a importância merecida. Este projeto se propõe a mudar tal cenário, aproximar a Literatura das vivências dos alunos para que estes possam compreender sua importância no que diz respeito à formação não só de bons leitores, mas, principalmente de cidadãos capazes de refletir sobre a realidade a sua volta sendo autônomos para transformá-la, tornando-se, portanto, protagonistas neste grande teatro da vida. Para que essa aproximação aconteça, torna-se necessário que haja uma intimidade do leitor com o texto lido, partir de um processo de identificação, por isso, o uso da Literatura Periférica, iniciando pelo conhecido para, posteriormente, mergulharmos em águas dantes ignoradas.

Nesse sentido, esta peça/dissertação: **PERIFERIA EM CENA: Vivenciando Teatralidades, construindo cidadania**, propõe-se a refletir sobre questões relacionadas ao tratamento dado à literatura em sala de aula e sua contribuição para o desenvolvimento da cidadania. Sabedores que o novo cenário educacional grita pela presença do gênero textual como grande protagonista nas aulas de Língua Portuguesa, doravante L.P<sup>2</sup>, é que o colocamos no palco sob os holofotes, discutindo suas bases e aplicabilidade no ensino. Acreditando-se que o Ensino da Literatura deve partir de um processo de reconhecimento, identificação e significados, a discussão prossegue sobre o valor do trabalho com a Literatura

---

<sup>1</sup> Termo utilizado na Grécia antiga que corresponde ao conjunto de instruções que os autores dramáticos davam aos atores para representar seus papéis.

<sup>2</sup> O termo se refere a Língua Portuguesa e, será utilizado frequentemente na escrita da dissertação.

Periférica/Marginal, que surge em um cenário de conflitos e resistência, atuando no palco da sociedade interpretando a voz do povo excluído e rejeitado.

Dessa forma, propondo um estudo com vistas a encantar o público e levá-lo a refletir sobre a questão social, a importância do conhecimento literário e como a escrita/leitura contribuem sobremaneira para o desenvolvimento do protagonismo sociocultural, no último encerrando, justificamos o motivo de estudar a Literatura Periférica a partir de uma ligação com músicas do cantor, Igor Kannário, no sentido de aproximar e ressignificar certos discursos.

## 2.1 EM BUSCA DO PAPEL PRINCIPAL

Assumir o papel principal em uma renomada peça de teatro é um dos grandes desejos de qualquer ator seja ele iniciante ou já estável na sua carreira. Da mesma forma, deve acontecer com todo indivíduo dentro da sociedade, este deve almejar, com todas as suas forças, assumir a posição de protagonista no que concerne ao exercício de sua plena cidadania, sem deixar que outros poucos privilegiados lhe roubem a cena.

Em todo o nascimento e desenvolvimento de um ator protagonista social, é de fundamental importância que este tenha consciência do seu papel como cidadão participativo e reflexivo sobre o que é o exercício da cidadania, seus direitos e deveres. A cidadania sempre foi uma das peças principais para a construção de uma sociedade igualitária em que seus sujeitos e atores desempenhem em cooperação seus papéis, e o exercício dessa sempre foi uma busca constante no decorrer do tempo.

Este trabalho possui o caráter de levar ao discente a reflexão sobre a importância de assumir este papel e que tal atuação só é possível, através do conhecimento, bem que não nos pode ser furtado. Assim, entendemos que, antes de iniciar as discussões sobre o papel da escola na preparação do ATOR, é necessário um breve caminhar no conceito de cidadania e de sua evolução dentro da história.

Apesar da importância do conhecimento e atuação cidadã dos sujeitos, a cidadania sempre foi “furtada” de uma grande maioria. Como afirma Dallari (1998, p. 17):

A palavra cidadania, usada na antiguidade, foi retomada nos séculos XVII e XVIII, nos quadros de lutas contra o Absolutismo. Expressando a síntese da liberdade individual e de igualdade de todos, foi desvirtuada no final da Revolução Francesa, sendo utilizada para formalizar injustiças legalizadas.

Essa formalização de injustiças acontece desde a Grécia antiga, onde nasce o conceito de cidadania, por suas cidades formarem Estados independentes – as *Póleis* – ao cidadão grego era exigida uma coparticipação na organização da comunidade, porém nem todos eram considerados cidadãos, mulheres, escravizados e estrangeiros eram totalmente excluídos da participação na sociedade. Isso é visto no próprio teatro, no qual as mulheres não tinham direito de atuar, daí a necessidade de máscaras na interpretação dos papéis femininos.

Ainda segundo Dallari (1998), na Roma Antiga, onde as discriminações e a separação das pessoas em classes sociais era também uma constante, o direito no exercício pleno da cidadania estava diretamente ligado ao *status* social a que o indivíduo pertencia ou a sua condição dentro da sociedade (estrangeiros X romanos, livres X escravizados), porém, até mesmo entre os ditos cidadãos romanos existiam diferenças, fazendo-se, portanto, distinções entre cidadania e cidadania ativa. Só os cidadãos ativos tinham o direito de participar das atividades políticas e de ocupar os mais altos postos da administração pública.

Na Europa, nos séculos XVII e XVIII, a sociedade possuía uma organização que muito lembrava as divisões romanas. De um lado, os nobres e seus grandes privilégios e, do outro, as pessoas ditas comuns, as quais ainda eram diferenciadas a partir das condições financeiras. Nesse período, o reis governavam sem nenhuma limitação, com poderes absolutos, daí o período ser conhecido como Absolutismo.

Nesse mesmo contexto, cansados das arbitrariedades e injustiças praticadas pelos reis, burgueses e trabalhadores se unem a fim de derrubar esse sistema instaurado, formando a Revolução na Inglaterra. Dois anos depois, a França iniciou movimento semelhante, a conhecida Revolução Francesa. É nesse cenário que surge a moderna concepção de cidadania, a fim de eliminar privilégios, tornando todos iguais. Tal concepção mais tarde só assegurou o fortalecimento dos privilégios de uma minoria.

Uma das grandes inovações ocorridas nesse período foi o uso das palavras “cidadão” e “cidadã”, como símbolo da igualdade de todos, visto que a mulher nunca teve espaço para atuar na sociedade. Assim, para selar a luta por essa igualdade, foi publicada, em 1789, pelos revolucionários franceses, a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, com a pretensão de que esta tivesse caráter universal. Tal Declaração corroborou na luta de muitos povos pelo direito à liberdade, porém, com o passar dos anos, muitos dos seus preceitos foram esquecidos dando lugar a novas e velhas desigualdades e injustiças, em especial, a retomada dos termos presentes na Roma antiga: cidadania e cidadania ativa, garantindo, desse modo, novos privilégios a uma minoria.

A partir de então, as lutas por direitos iguais recomeçaram e perduram até os dias atuais; muitas das discrepâncias já foram resolvidas, porém há muito ainda a conquistar, pois se os termos utilizados para marginalizar uma grande maioria da atuação social caíram, outros surgiram no cenário social a fim de fragmentar e diluir o poder do povo na sociedade. Voltando os holofotes em relação à cidadania para o cenário brasileiro, encontramos também uma divisão entre os tipos de cidadão.

Carvalho (1995), ao analisar a evolução histórica de cidadania do povo brasileiro, em relação aos direitos civis, mostra que existem no Brasil diferentes categorias de cidadãos:

1 - Os “cidadãos doutores” são aqueles que se encontram acima da lei, os privilegiados que sempre escapam dos rigores da lei, através do poder do dinheiro ou do prestígio social. Normalmente, são os brancos, ricos, bem vestidos, gozam de boa saúde e têm formação universitária;

2 - Os “simples cidadãos” são os que estão teoricamente sujeitos aos rigores e benefícios da lei, mas na prática dependem da boa vontade dos representantes para materializar seus direitos. Em geral, são os trabalhadores assalariados, com carteira assinada, de classe média baixa, pequenos proprietários rurais ou urbanos, que têm educação básica. Podem ser brancos, negros ou mulatos. Muitas vezes, essas pessoas não têm clareza dos seus direitos e, quando têm, não conhecem os mecanismos para sua concretização;

3 - Os “cidadãos elementos” constituem grande parte da população brasileira que é marginalizada nas grandes cidades. São pessoas que trabalham sem carteira assinada, empregados domésticos, fazem trabalhos esporádicos, menores abandonados e mendigos. Na sua maioria, são mulatos, analfabetos e sem educação fundamental. São considerados cidadãos porque pertencem a uma comunidade política nacional, mas, na verdade, não conhecem os direitos e estes são sistematicamente violados por outros cidadãos e pelo próprio governo.

Tais classificações, apresentadas pelo autor, apenas reforçam as discrepâncias existentes no Brasil que perduram desde o período da colonização brasileira com o regime escravocrata, mostrando que, apesar das constantes lutas e conquistas no decorrer dos anos, ainda temos uma grande marginalização do povo, em especial o negro, o pobre e a mulher.

É nesse cenário que se encontram os participantes desse trabalho, alunos de zona rural, pertencentes a famílias pobres, que assistem da última fila à atuação dos poderes públicos beneficiarem apenas o centro, excluindo-os de benefícios básicos, como água encanada, sistema de esgoto e, em alguns lugares, até mesmo energia elétrica. Por não comungarem dessa percepção de cidadania, acabam não reivindicando seus direitos e, para ser notados,

utilizam da revolta a partir do uso de comportamentos agressivos nos ambientes que circulam, sobretudo, no espaço escolar.

Quando não, participam da conhecida cidadania efêmera, fruto de uma vida líquida, como abordada na obra de Bauman (2007), na qual a busca pelo prazer individual em detrimento do coletivo entra em cena e os leva a valorizar apenas os bens de consumo que, supostamente, fá-los-ão serem enxergados pela sociedade. Não é difícil presenciar alunos que vestem marcas, como “Mahalo”, “Coca-Cola”, “Nike”, obtidos a duras penas em um mês de trabalho árduo apenas com o intuito de serem notados, ou para se sentirem inseridos em uma sociedade que os exclui.

Essa mesma busca pelo consumo desenfreado de marcas famosas que, supostamente, torná-los-ão “cidadãos” é que leva muito jovens oriundos das zonas periféricas a mergulharem na vida do crime acreditando na mitificação do dinheiro fácil e do consumo:

Esse pensamento é produzido pelos apelos da publicidade, pela confusão entre consumidor e cidadão que se estabeleceu no Brasil neoliberal, e que fazem com que o jovem da periferia esqueça sua própria cultura, desvalorize seus iguais e sua origem, fascinados pelos signos de poder ostentados pelo burguês, mesmo porque, no Brasil, frequentemente é a ostentação destes signos de poder econômico que garante ao sujeito algum respeito, reconhecimento, cidadania. (KELL, 2008, p. 81).

A revolta existente em cada um deles se faz presente também no gosto musical apreciado pela comunidade de uma maneira geral. Esse fato marcou o presente trabalho, levando a escolha das músicas do cantor Igor Kannário para ilustrar todo o processo que permeia a aplicação desse projeto. Verificamos uma forte relação de representatividade entre a comunidade e o cantor.

Essa representação visualizada nas músicas de Igor Kannário é marcada pelo fato de reconhecerem nas suas letras os gritos e insatisfações próprias; fato semelhante acontece nos grandes centros periféricos da zona sul, que enxergam no *Rap* e *Hip-Hop*, também, a representação de suas angústias frente à grande violência sofrida pelos desmandos da sociedade. Como coloca Kell (2008), o Brasil é um país órfão de um “pai modelo”, visto que não temos respeito por nossos colonizadores, nem possuímos nenhum grande herói na nossa sociedade atual:

Na atualidade, os “heróis nacionais” não são figuras históricas ligadas a algum mito de fundação desta sociedade, mas personalidades emergentes do mundo dos esportes e da música popular – muito mais

próximos, portanto, da posição de irmãos mais habilidosos e mais espertos, do que um pai exemplar (totêmico) ligado ao mito das origens. (KELL, 2008, p. 78).

A forte representatividade exercida pelo referido cantor se faz presente no uso constante de fragmentos musicais para argumentar sobre algum assunto, ou no uso do seu apelido (Kannário) para substituir seu próprio sobrenome. O artista, Igor Kannário, visto como irmão, um exemplo de luta e ascensão, oriundo da periferia, assume, como apresentado por Kell (2008), a posição de herói. Essa posição fica amplamente referendada no título concedido ao mesmo pela comunidade que o segue, “O Príncipe do Gueto”.

Para fortalecer a compreensão do que é cidadania e de como podemos reivindicar nossos direitos, o uso da literatura periférica assume um papel importante, visto que toda a obra advinda dessa Literatura possui esse caráter emancipatório que mesmo em meio às “injustiças legalizadas” tem o poder de reivindicar, através do uso da palavra, uma posição melhor na sociedade, uma guerra onde as armas são as palavras, não esquecendo que, imbricados aos direitos do cidadão, também estão os deveres que devem ser praticados para a aquisição dos papéis almejados. Como expõe Ferréz:

O sonho não é seguir o padrão, não é ser o empregado que virou o patrão, não, isso não, aqui ninguém quer humilhar, pagar migalhas nem pensar, nós sabemos a dor por recebê-las. Somos o contra sua opinião, não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não. Um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos “direitos iguais”, da farsa do “todos são livres”, a gente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três letras classes: C, D, E. Literatura de rua com sentido, sim, com um princípio, sim, e com um ideal, sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte. (FERRÉZ, 2005, p. 9-10).

Dessa forma, com todas as temáticas estudadas no decorrer da proposta de intervenção, os alunos poderão perceber o quanto a leitura é importante na sua formação cidadã podendo celebrar sua identidade e lutar para que as injustiças presentes na atual sociedade não sejam capazes de imobilizá-los, ao contrário, que sejam força motriz para uma luta constante em busca de melhorias.

## 2.2 A PREPARAÇÃO DO ATOR

Na subseção anterior, abordamos a necessidade que todo indivíduo possui de atuar como protagonista nos palcos da sociedade de saber se posicionar como cidadãos capazes de cumprir seus deveres e, possivelmente, vislumbrar seus direitos. Para que essa atuação possa acontecer de maneira a receber os aplausos da plateia, é necessário que antes haja a preparação desse ator, enquanto conhecedor de suas falas e dos cenários que irá atuar, para que possam desempenhar com maestria o(s) seu(s) papel(is).

Nesse contexto de preparação do ator, encontra-se a escola, como afirma Rangel, (2010), “Em todas as sociedades democráticas, uma das principais funções da escola é a de formar o futuro cidadão. E uma parte fundamental dessa tarefa consiste, precisamente, em formá-lo como cidadão.” (p.78) Essa função da escola não só é principal, mas crucial para a manutenção e garantia dos direitos dos indivíduos em participar ativamente, direta ou indiretamente nos diversos espaços em que atua e está inserido no seu cotidiano.

Como trabalhar essa cidadania se estamos atuando diretamente com um público excluído e menosprezado pela sociedade, moradores da zona rural em regiões periféricas, pessoas esquecidas pelo desprezo do governo que nem ao menos possuem água encanada em suas casas, sistema de esgoto e outros serviços básicos?

É justamente nesse terreno que a função social da escola deve se firmar promovendo um olhar crítico e reflexivo dos discentes para a situação vivenciada por cada um deles e fornecer subsídios para que possam lutar e superar as dificuldades e preconceitos a eles impostos diariamente. Rangel (2010), ao abordar esta temática, relata que;

Isso certamente inclui um processo de (re)conhecimento e de discussão, não só dos direitos e deveres do cidadão, mas, ainda, das bases do funcionamento da sociedade. Por todos esses motivos podemos dizer que a própria escola ao mesmo tempo implica e promove: quanto melhor a escola desempenhar sua função formadora, mais eficazmente promoverá a inclusão social e a cidadania. (p. 184).

Ao passo que a escola se encarrega de tal responsabilidade, os professores que nela atuam não devem ser omissos e negligenciar sua parcela para a contribuição da formação cidadã do aluno, em especial os professores de Língua Portuguesa, visto o papel ocupado pela Língua no funcionamento geral da sociedade. Logo, como afirma Rangel (2010), cabe à LP proporcionar aos alunos o desenvolvimento da leitura, escrita, reflexão e, conseqüente, proficiência para o uso da língua nas diversas esferas em que participam.

Mas, para cumprir tal função, é imperativo que a LP se desnude de sua tarefa (ensino sistemático da gramática normativa) e contemple também a função social da língua, caso contrário, é omissivo; ou mesmo contraproducente, na medida em que, na prática, nega ao aluno seu direito à herança cultural comum e ao protagonismo social associado a ela (RANGEL, 2010, p. 185).

Nesse contexto, é que o presente projeto se ancora e busca, através da Literatura, desenvolver um trabalho nas aulas de Língua Portuguesa que enfoque muito mais que os meros conteúdos presentes no currículo, desenvolvendo um processo de construção de saberes acerca do uso e funcionamento da língua de maneira a corroborar na construção de uma mentalidade cidadã e desenvolver uma postura crítica e autônoma, tornando-se indivíduos capazes de interferir sabiamente na sociedade que participam, como afirma Lajolo (1993, p. 106):

É à Literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a Literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.

A relação da Literatura com a educação é bastante antiga e seu uso baseava-se exatamente como instrumento para a formação do homem. Fazendo um percurso histórico veremos que, no Egito Antigo, a preparação e a educação de um escriba consistiam, entre outras coisas, em anos de práticas de ditados e cópias de textos, muitos deles literários (ARAÚJO, 2000).

Já na Grécia, berço do teatro, os poemas homéricos, as tragédias e as comédias representavam um importante papel na formação moral e política do cidadão. Em Roma, a função da Literatura centrava-se na educação dos jovens para o exercício da vida pública, fazendo dos estudos dos textos literários, tal qual aconselhou Horácio em sua *Arte Poética – epístola aos pisões* (1990), uma forma de instruir deleitando (COSSON, 2010).

No ambiente escolar, a literatura também ocupava um papel importante na formação do sujeito, permitindo que este, através do signo literário, caminhasse por vários ambientes que lhe permitiam um amplo desenvolvimento intelectual, social e emocional. “Em outras palavras, a literatura em sala de aula era a matéria com a qual se construía os elos que

formavam uma corrente entre escola, língua e sociedade – a própria essência da formação humanista.” (COSSON, 2010, p. 56).

Infelizmente, com todas as transformações ocorridas na sociedade ao longo dos anos, principalmente no que tange à estrutura que mantinha a presença da literatura em sala de aula, o espaço dessa disciplina foi, aos poucos, sendo minada, só restaram pequenas e vagas passagens dos textos literários a fim de servir como base para análises morfosintáticas, ou para uma rala e superficial interpretação textual, como relata Fiorindo (2012):

as práticas pedagógicas continuam vinculadas ao ensino tradicional e esquemático de memorização das escolas literárias e autores, sem haver uma contextualização com a atualidade em que o educando vive, portanto tais práticas são desconectadas da análise interpretativa.

Sendo assim, procuramos, através desse projeto uma retomada ao passado em que a Literatura ocupava esse espaço importante na formação cidadã do indivíduo, despertando a função outrora vivenciada por ela na vida do ser humano, refletindo que, através da leitura do texto literário, somos capazes de ir além e, talvez, mudar a realidade a nossa volta. Podemos perceber que a literatura e, conseqüentemente a leitura, sempre estiveram presentes para o desenvolvimento e a formação do ser social.

É preciso, portanto, através da Literatura, provocar os alunos a refletirem a respeito do cenário em que se encontram e quais são os principais personagens que os inspiram; dessa forma, munidos de informação, poderão reivindicar também seu lugar como protagonistas neste grande teatro da vida. Assim, se não for possível a mudança do roteiro da peça que vivem e representam, possam enfrentar sua realidade aceitando ou rejeitando seus textos, como poeticamente emprega o escritor periférico Sérgio Vaz:

É preciso sugar da arte  
um novo tipo de artista: o artista cidadão.  
Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo,  
mas também não compactua com a mediocridade  
que imbecializa um povo desprovido de oportunidades  
Um artista a serviço da comunidade, do país  
Que armada da verdade, por si só, exercita a revolução. (VAZ,  
2013)

Acreditando nesse papel revolucionário da arte é que atrelamos Literatura x Música e Teatro para que, juntos, possibilitem aos discentes uma reflexão a respeito da sua atuação social e como seus papéis podem ser interpretados a partir de um novo viés que permita uma reflexão mais apurada sobre seu posicionamento como cidadãos críticos e reflexivos. Sujeitos

capazes de interferir sabiamente na sociedade em que vivem e protagonistas do seu fazer social.

### 2.3 HOLOFOTES SOBRE OS GÊNEROS: MÚSICA E TEATRO

Por muito tempo, perdurou um grande equívoco relacionado ao ensino da Língua Portuguesa, no qual, o processo de leitura e escrita estava apenas ligado a questões de codificação e decodificação da língua sem nenhum foco sociocultural. O bem escrever estava vinculado ao uso de textos modelos, cânones da literatura, e a gramática ocupava um papel privilegiado dentro do currículo tradicional.

Com o passar dos tempos e a ampliação do acesso da população à escolarização pública, emergiu uma mudança de postura no que diz respeito à função da escrita e enxergou-se a relevância de se expressar através dela, porém não havia a contextualização da mensagem e a imagem dos modelos persistia. Como afirma Marcuschi (2010), o que se pretende conseguir com esses ensinamentos é a formação de um aluno capaz de se expressar com eficiência via mensagens padronizadas, dirigidas para qualquer pessoa e, ao mesmo tempo, para ninguém.

É em 1980, que muitos estudos acerca do uso do gênero textual nas aulas de LP, encaminhados por diversos linguistas, tomam forma, ganham espaço e respaldo dentro da sociedade, trazendo com eles um novo olhar para o ensino da Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, a escrita de maneira contextualizada é conclamada a ser explorada e a função sociointeracionista da língua começa a florescer a partir do ensino através do uso dos gêneros textuais.

Essa mudança de postura no ensino da Língua Portuguesa voltando seus holofotes para o gênero textual se dá mediante o fato de que cada espaço no qual circulamos e interagimos faz uso da linguagem para estabelecer a comunicação, porém, a depender das condições específicas de cada espaço, vão-se configurando diferentes usos dessa mesma linguagem, como afirma Bakhtin (2003, p. 262), “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

A construção dos gêneros do discurso nos mostra que somos seres totalmente imersos no processo de interação e é através dos gêneros que somos capazes de nos comunicar e atuar de maneira presente na sociedade. Esse processo de comunicação é denominado por Bakhtin como interdiscurso, que consiste na ideia de expressar para o outro nosso pensamento, seja ele filosófico, artístico, científico, etc.

Nos últimos anos, vários estudiosos se debruçaram sobre a necessidade do desenvolvimento de um trabalho nas aulas de língua Portuguesa, onde o grande protagonista fosse o gênero textual. Nesse novo cenário educacional, o grande foco concentra-se sobre o desenvolvimento do indivíduo como ser sociocultural que compreende e atua na sociedade em que vive expressando suas ideias através dos gêneros textuais que se diferenciam segundo o objetivo para o qual se direciona.

Este projeto norteia-se a partir do estudo com base em dois gêneros presentes na esfera artístico-literária: a música e a peça teatral, gêneros distintos entre si mas que, no decorrer do processo, complementam-se com vistas à compreensão do aluno no que diz respeito à realidade vivenciada e ao desenvolvimento de uma nova postura, diante dessa mesma realidade. Como nos apresenta Goulart (2007, p. 64-65):

Podemos pensar sobre o letramento literário no sentido em que a literatura nos letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos a oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar.

A esfera artístico-literária possui uma função humanizadora ao passo que atua nos mais distintos palcos interpretando diferentes papéis, oportunizando ao leitor que os interprete, colocando-se como protagonistas de uma história que, a depender, irá refletir nas distintas atuações que esse leitor faz na sua realidade. É com vistas nesta dimensão humanista que esta dissertação se ancora e busca não somente o protagonismo sociocultural do aluno, mas, conseqüentemente, um desenvolvimento do prazer pela leitura, uma vez que esta abre caminhos para possíveis atuações do indivíduo na sociedade.

### **2.3.1 O gênero teatral**

Sendo assim, começemos falando do gênero teatral e sua atuação na formação cidadã do indivíduo. A história do teatro ocidental se funde de maneira relevante com o nascimento do cidadão, uma vez que se desenvolvem no mesmo cenário, a Grécia. Além dessa proximidade, ainda podemos relatar o papel fundamental que cumpriam as peças teatrais que não apenas serviam para a diversão, mas, principalmente, possuíam um caráter pedagógico, uma vez que,

através de seu enredo, levavam os indivíduos a refletir sobre o que estava acontecendo dentro da própria sociedade em que viviam.

Como abordado anteriormente, a Grécia estava vivendo um período de transformações políticas e religiosas através da transposição dos valores místicos para os valores das “*póleis*”. A ida ao teatro representava esse momento de reflexão sobre os novos caminhos para a civilização grega, logo, o teatro possuía uma função política e pedagógica.

Ao lado dessa função pedagógica, também caminhava a função catártica defendida por Aristóteles para as tragédias; essa função estava centrada na capacidade produzida pela tragédia em libertar a alma dos terrores da vida fazendo-a estar preparada para os acontecimentos variados a que o indivíduo, inevitavelmente, encontrava-se exposto. Dessa forma, acreditava-se também que a tragédia, através da catarse, era uma das vertentes para a formação do cidadão, visto sua contribuição para a preparação do indivíduo no enfrentamento das intempéries.

Interpretando em diferentes palcos, Berthold Brecht caminha em novas vias distintas das percorridas por Aristóteles ao defender que, no teatro, a plateia não deve se envolver com os personagens a ponto de sentirem-se personagens da peça teatral. Brecht acredita na ideia de que a plateia deve manter o distanciamento necessário para que, ao vislumbrar os acontecimentos, possam refletir sobre os comportamentos ali expostos, sendo capazes de atribuir juízo aos comportamentos em cena.

No teatro contemporâneo, as múltiplas escolhas estéticas dão lugar a uma liberdade no fazer teatral que foge de modelos e imposições antes vistas como padrões de boas peças. Assim explica Wendell (2011);

Coexistem muitas denominações nestas escolhas estéticas, que nunca se aproximariam, diante da liberdade de se fazer qualquer coisa, pois são possibilidades que, somadas às outras, vão se transformando infinitamente em novas possibilidades. Algumas explicações tentam dar conta deste manancial de criações estéticas, como as nomenclaturas “teatro pós-dramático”, “performance”, “dança-teatro”, “vídeo-teatro”, “teatro físico” e tantas outras variações híbridas, alimentadas pelas tentativas incansáveis de resposta ao que se vive e se faz hoje. (p. 36).

É com vistas a esta liberdade criativa que buscamos utilizar o teatro como um diferencial no aprendizado de obras literárias, com intuito de possibilitar uma leitura diferenciada e apurada que possibilite a reflexão do discente sobre seu lugar no mundo como cidadão e protagonista da sua história. A arte teatral, com sua função humanizadora, possibilita “um tipo

de conhecer, que é um apreender o mundo externo junto com o mundo interno, e ainda envolve, concomitantemente, um interpretar aquilo que está sendo apreendido” (OSTROWER, 1987, p. 57).

No mundo do teatro, também encontramos o ritmo, o som, representado pelo gênero musical, outro método a ser utilizado nesta peça/projeto. Nesse gênero, em especial nas músicas do cantor Igor Kannário, vislumbramos uma possibilidade de apresentar aos alunos novos conteúdos a partir de um instrumento que lhes é bastante conhecido, aproximando, dessa forma, o prazer ao aprendizado de novos conhecimentos.

### **2.3.2 O gênero musical**

A música faz parte do dia a dia de qualquer pessoa, trazendo consigo memórias e marcando acontecimentos. Não é difícil citar algumas músicas que deixaram sua marca por fazer parte de situações relevantes; principalmente, quando estas estão relacionados com nossas emoções. Por essa razão, as trilhas sonoras embalam filmes, novelas, romances, entre outros, com o intuito de fixar na memória do ouvinte as cenas que a elas estiverem relacionadas.

Segundo Grout e Palisca (2007), de origem indefinida, acredita-se que a música tem seu nascimento a partir dos deuses da mitologia grega. Para os seres mitológicos, a música possui poderes mágicos de cura, purificação da alma e milagres no reino da natureza. Esta noção mágica, ainda pode ser defendida se pensarmos em como ela fez e faz parte de momentos importantes da nossa história assumindo esse papel de cura e purificação da alma. Basta pensarmos nos hinos de louvor entoados por Paulo e Silas na prisão, gerando um grande terremoto que fez as correntes e grades caírem, ou nos cânticos entoados nos porões dos navios pelos escravizados, a fim de expurgar suas dores, ou até mesmo, nos dias de hoje, as cantigas de ninar capazes de acalmar e levar os pequenos ao encontro de Morfeu.

Se prosseguirmos nesse pensamento, justificaremos o uso da música nesse projeto como a magia necessária para curar conflitos e fazer brotar a consciência de que, apesar das dores, precisamos cantar em forma de protesto, lutando para que toda injustiça um dia encerre. Música como símbolo de resistência, e, essa simbologia encontra-se no estilo musical escolhido: o pagode baiano.

Segundo estudos, o pagode baiano tem suas raízes vindas do samba, trazido pelo escravizados durante o regime escravocrata. Como toda cultura ligada aos negros sempre foi alvo de preconceitos, o samba não poderia ser excluído dessa visão marginalizada. Por isso,

com o fim da escravidão, sempre que os negros usufruíam da sua dita liberdade formando rodas de samba, a perseguição se fazia constante, obrigando-os a utilizarem estratégias para perpetuar a sua cultura.

Segundo Sodré (2007), como símbolo de resistência, os negros adotaram medidas para manter o contato cultural do seu povo, encontrando-se em espaços estratégicos. Um desses espaços seria a residência na Praça da Onze da mulata Hilária Batista de Almeida – a Tia Ciata;

A casa de Tia Ciata, babalaô-mirim respeitada, simboliza toda a estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à abolição.(SODRÉ, 2007).

Dessa forma, verificamos que o samba adquire uma simbologia ampliada, muito mais que um ritmo musical, herança africana; representa a força de um povo que, perseguido, não se deixa abater e prossegue forte, resistindo às dificuldades impostas:

O samba já não era, portanto, mera expressão musical de um grupo social marginalizado, mas um instrumento efetivo de luta para a afirmação da etnia negra no quadro da vida urbana brasileira. (SODRÉ, 2007).

Atualmente, o quadro de preconceito em relação aos ritmos advindos do samba, no nosso caso de estudo, o pagode baiano, continua em vigor. Taxado pelo teor das letras e movimentos corporais que suscita, é visto como um ritmo machista e com forte apelo erótico. Contrariando essa visão, normalmente, enxertada pela classe média, as músicas do cantor Igor Kannário carregam, nas suas letras, a força da resistência do samba africano.

Contendo fortes mensagens de luta e protesto contra o preconceito instaurado principalmente contra o povo da periferia, o Príncipe do Guetto, como assim é conhecido, arrasta multidões que, movidas pela emoção de se sentirem representados, entoam as músicas como verdadeiros hinos.

Esta função do gênero musical de despertar emoções, utilizada em sala de aula, torna, conseqüentemente, os discentes mais sensíveis e aptos a refletirem e discutirem as problemáticas referentes ao seu cotidiano. Nesse sentido, o trabalho com o gênero musical se faz necessário não apenas no sentido de se restringir a uma análise da superficialidade textual, é necessário que o professor provoque a reflexão de todos os componentes que estão imbricados ao gênero, como a musicalidade, sua origem, as temáticas, entre outros.

Trabalhar, portanto, as músicas do cantor baiano Igor Kannário é partir de uma análise que vai muito além do textual, daquilo que simplesmente está taxado na canção. É preciso entender qual a função do ritmo que embala as letras, qual a relação do protesto presente nas palavras com o movimento corporal que o ritmo que a repousa provoca. Dessa forma, a leitura se expande e consegue contemplar diferentes cenários que compõem a estrutura completa que dá sentido ao grande desfecho da música já antecipado por aqueles que pensaram nela. Logo, com tal atitude, o professor estará cumprindo a sua função de formar leitores, realmente críticos, que possam estabelecer uma compreensão que vai além dos conteúdos formais presentes nos currículos e manuais didáticos, uma compreensão que extrapole a superfície e mergulhe nas sutilezas do implícito.

#### 2.4 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO: A LITERATURA PERIFÉRICA/MARGINAL

Pressupõe-se que todo autor, ao escrever o roteiro de sua peça teatral, precisa estudar e conhecer sobre a temática que será abordada e servirá de norte para cada uma de suas cenas. No caso da nossa proposta, o roteiro só pode ser desenvolvido a partir do conhecimento do termo Literatura Periférica/Marginal e suas implicações no cenário literário.

Pensando no termo “marginal” e suas múltiplas manifestações imbricadas na Literatura no decorrer dos tempos, podemos abordar alguns aspectos que levam à denominação de alguns autores como pertencentes à referida Literatura. Um dos aspectos estava centrado na ausência de tais literaturas nos corredores comerciais próprios para a divulgação das obras no período; outro, bastante peculiar, tratava-se do tipo de linguagem empregada, que se mantinha fora dos padrões literários da época.

Ainda podemos ressaltar o conteúdo presente em tais textos que se distanciavam daqueles pertencentes aos clássicos da literatura, com uma abordagem mais focalizada ao contexto dos grupos oprimidos/marginalizados, ou, ainda, a questão de os autores pertencerem aos grupos minoritários e excluídos: dentre eles, negros, homossexuais e mulheres.

Apesar de toda essa amplitude para o termo marginal, torna-se necessário focarmos nossos estudos, dando uma atenção especial a duas manifestações específicas: o movimento da literatura marginal setentista e a presente na nossa contemporaneidade na qual se inserem os autores que dão base ao nosso trabalho.

Segundo pesquisas realizadas por Nascimento (2006), os escritores “ditos marginais” da década de 70, séc. XX, foram reunidos em dois grupos de intelectuais, aqueles que já

publicavam desde a década de 60, porém não se identificavam com os padrões literários da época e aqueles que começaram a escrever em 70, geralmente oriundos de classes privilegiadas, despontando dentro do contexto da ditadura militar. Foram denominados como autores marginais por teóricos que pautaram o uso de tal termo, a partir da maneira não convencional que estes autores criaram para a produção e a distribuição de seus textos, expondo-os em folhas mimeografadas (daí também serem reconhecidos como a Geração Mimeógrafo), muros, camisetas e jornais.

Apesar de os teóricos classificarem estes autores como “ditos marginais”, eles não assumiam tal característica, ficando tal autodenominação para outros grupos de escritores que também despontaram nessa década de 70, tomando para si o uso do termo, ampliando-o. Estes grupos, além de criarem também formas alternativas de produção, buscavam subverter padrões de qualidade, ordem e bom gosto da época, utilizando uma linguagem recheada de palavras e temáticas, como sexo, drogas, violência, possuindo como foco o cotidiano das classes privilegiadas.

Podemos citar como alguns desses grupos o “Frenesi”, o “Vida de Artista”, o “Nuvem Cigana”, o “Folha de Rosto”, que reuniram poetas como Ronaldo Santos, Chacal, Cacaso, entre outros. Todos pertencentes à classe média ou alta, possuíam como foco a contravenção aos padrões da época e um apelo forte contra o aprisionamento da voz pelo regime Militar. Seus exemplares destinavam-se aos indivíduos pertencentes às classes privilegiadas.

Contraopondo-se a estes grupos, porém assumindo também a nomenclatura, surge, em 2001, um movimento de Literatura Marginal cujo foco estava centrado em retratar, através dos textos, o cotidiano dos marginalizados, cujo autor/narrador fosse pertencente a esse contexto.

Nesse novo cenário, o foco está em Ferréz, Reginaldo Ferreira da Silva, jovem escritor que, em 1997, estreou seu primeiro livro independente *Capão Pecado*, um romance que revela suas experiências sociais como morador de um dos bairros de Capão Redondo, localizado na zona Sul de São Paulo. Considerado um dos precursores desse novo modelo de Literatura Marginal, conseguiu reunir e editar os textos de um projeto de literatura intitulado “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, que contou com a participação de dez autores oriundos dos mais diversos tipos de situações de marginalidade (no amplo sentido do termo), desde simples moradores da favela a presidiários.

Esse novo modelo de concepção a respeito da Literatura Marginal atraiu muitos autores, que se identificaram com a expressão e passaram, também, a utilizar tal marca para classificar

os seus escritos. Dentre eles podemos destacar Sérgio Vaz, Rodrigo Ciríaco, Sacolinha, Allan da Rosa.

Diante do exposto, o trabalho com a Literatura Periférica em sala de aula, apesar de ainda escassa, quando entra em cena, torna-se alvo de muita polêmica. Muitos ainda defendem os cânones como os únicos exemplos de boa literatura e refutam qualquer outro tipo de material que destoe das produções há séculos perpetuadas em sala de aula. Por outro lado, existem os profissionais crenes que, com o passar dos tempos, novas boas literaturas foram surgindo e que essas merecem um espaço dentro do currículo escolar.

Quem defende o uso da Literatura Periférica em sala de aula, caminha pelo viés de que é necessário que o aluno sintam-se representado no texto lido, e, uma vez contemplado no cenário das letras, a sua própria identidade, possa refletir sobre seu agir particular, conhecendo-o e reconhecendo-o, propiciando a formação de sua própria identidade, como bem escreve Jouve:

A leitura de um texto é sempre ao mesmo tempo leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, ressalta-o. De fato, não se trata, para os pedagogos, de uma chance extraordinária que a leitura seja não somente abertura para a alteridade, mas também exploração, ou seja, construção de sua própria identidade? Não seria pois questão de apagar, no ensino, a dimensão subjetiva da leitura? (JOUVE, 2004, p. 65)

Ademais, a escola, como espaço democrático, deve partir do pressuposto de que o trabalho precisa se apoiar nos interesses dos alunos, emergindo sempre do seu contexto; dessa forma, o uso da Literatura Periférica, em sala de aula, justifica-se à medida que essa trata da realidade da maioria dos educandos pertencentes à escola pública, que protagonizam e vivenciam as mazelas cotidianas próprias das suas comunidades, conforme verificamos em Barbosa e Rovai (2012):

Partir dos interesses dos alunos e levá-los sempre em conta é parte importante de um currículo que se pretenda contextualizado, que faça sentido; daí, inclusive, justificam-se as questões dos multiletramentos. Abordar as culturas locais e juvenis não devem ser uma espécie de concessão ao “colonizado”, mas como decorrência do fato de a escola ser um dos últimos espaços potencialmente democráticos, onde se legitima a circulação de diferentes vozes. Isso inclui os clássicos [...], assim como obras contemporâneas, representantes da cultura valorizada, das culturas locais, as híbridas, etc. a escola deve ampliar o tratamento das diversidades em diferentes níveis e várias dimensões e ser palco delas. (p. 52).

É indispensável refletirmos que, sobre o palco do ensino literário, cada personagem possui seu papel e função específica. Logo, trabalhar com a literatura periférica não implica negar os cânones, deixando nos bastidores toda a sua contribuição para a literatura brasileira, mas sim, pensar em um trabalho voltado para a gênese do autoconhecimento, o que tornará o processo de fascínio pela leitura mais fácil de alcançar, partindo aos poucos para outros modelos literários que brilharão sobre os holofotes em outras cenas, estando já o público preparado para recebê-los.

Assim, procedemos ao alcance de dois níveis de leitores: o primeiro, aquele que se reconhece no texto lido e por isso mantém com o mesmo uma relação emocional, o que na tese Aristotélica sobre o teatro seria chamado de relação catártica, como já mencionado anteriormente; em seguida, assim como a evolução teatral, e os novos conceitos na visão de Brecht, provocar um distanciamento desse mesmo leitor ao texto lido, a fim de que o discente possa refletir sobre o conteúdo do texto. É necessária a transposição do ator para a plateia a fim de que sua evolução leitora possa dar lugar a uma também evolução cidadã.

## 2.5 A CRIAÇÃO DE UM PAPEL: LITERATURAS PERIFÉRICAS EM PARCERIA COM MÚSICAS DE IGOR KANNÁRIO

Por muito tempo, a Literatura Brasileira tentava de alguma forma burlar a realidade social das grandes periferias, uma vez que temáticas, como violência, miséria, diferenças sociais, nunca foram bem quistas no cenário literário. Quando entravam em cena, tinham sua força mascarada pelo que Cândido (1978) chama de “dialética da malandragem”, em que a situação real passa por um processo de infantilização, como afirma João Cesar de Castro Rocha, em um ensaio, publicado na Folha de São Paulo, ao abordar o filme **Cidade de Deus**:

Ou será que se trata de evitar a discussão sobre o problema grave das favelas dominadas pelo narcotráfico por meio da exotização do próximo, demasiadamente próximo? Resta uma última pergunta: qual o propósito da crescente infantilização do foco narrativo e dos protagonistas? Desse modo, os problemas associados ao narcotráfico podem ser deixados à margem e, assim, reencontramos a "humanidade" das relações "mesmo" numa favela. Tal infantilização termina por criar uma favela abstrata, totalmente descontextualizada, como se sua vista privilegiada não passasse de um elemento de valorização imobiliária e todos os barracos fossem apartamentos de cobertura. (ROCHA, 2008)

A literatura marginal/periférica entra em cena para romper com essa dialética da malandragem, substituindo-a pelo que Cândido (1978) chama de “dialética da

marginalidade”; nesta, as problemáticas sociais são evidenciadas, as diferenças são postas em cena e contracenam diretamente com o público leitor que passa a enxergar e refletir sobre o real cenário periférico brasileiro.

Nos textos pertencentes à literatura periférica, essas problemáticas protagonizam todo o enredo, temáticas como desigualdade social, racial e o analfabetismo permeiam contos, poesias, poemas, e, tais obras mais podem ser consideradas como um retrato das periferias espalhadas por todo o país. Não é difícil encontrar nessas literaturas personagens que, apesar de todas as dificuldades impostas, não esmorecem e buscam, através da leitura/escrita, vencer os obstáculos impostos e realizar seus sonhos. Através desse trabalho, os autores conseguem evidenciar que, apesar das mazelas oriundas das desigualdades sociais tão gritantes em nosso país, ainda existe a possibilidade de protagonizar novos papéis de superação.

Temos como exemplo dessa superação através das palavras o livro de Maria Carolina de Jesus, *Quarto de despejo*, que traz em seus relatos diários uma força da leitura como transformadora de vidas. Também temos na obra de Allan da Rosa, *Da Cabula*, uma vontade incansável da protagonista em se alforriar dos seus patrões e aprender a ler e escrever para ter uma vida melhor. Com estes dois exemplos de muitos que pertencem à Literatura Periférica, percebemos o quanto a base centra-se na necessidade urgente do povo excluído em ter acesso à cultura através da leitura pois, apenas munidos com este armamento, poderão lutar por igualdade.

Levar, pois, tal literatura para sala de aula pode despertar nos discentes, em especial aqueles oriundos de comunidades mais periféricas, uma reflexão ampla sobre as condições por eles vivenciadas, despertando um olhar visionário e uma incessante busca pelo conhecimento, uma vez que, como relatado em algumas obras, esse seria o único caminho para uma mudança de postura não só pessoal, mas principalmente do outro.

Atrelado à tal literatura surge, nas vozes dos próprios alunos, sujeitos e participantes desse trabalho, um grito também de protesto, ecos das músicas de um dos cantores mais polêmicos da atualidade e reverenciado por discentes e suas comunidades. Igor Kannário, o “Príncipe do Guetto” como comumente é conhecido, nascido e criado no bairro periférico da Liberdade em Salvador-BA, revela ao CORREIO:

“Vivi a vida toda naquela área. E já fui muito discriminado e humilhado por isso, pela desigualdade social, racial... Só por morar na periferia todo mundo já te olha torto. Por isso, hoje canto o que vivo buscando inspiração na realidade do povo.” (Correio, 2011)

Kannário traz um diálogo com a periferia, revelando em algumas de suas músicas traços dessa “dialética da marginalidade” através de protestos por um conhecimento profundo da periferia e consequente respeito por ela. Tal conhecimento emerge não apenas de quem está fora dela, sobretudo dos seus participantes que necessitam refletir sobre seu espaço-lugar, reivindicando e buscando um protagonismo sociocultural como abordado na música, “A teia”:

Acorda parceiro  
Abra seu olho  
Pegue sua visão!  
Respeite a favela ou entre nela  
Sinta a pulsação  
Tem gente que desce, sobe  
Tem gente que sobe e desce  
O erro da gente é achar que domina  
Aquilo que não conhece  
Se me der uma ideia te dou uma ideia e  
meia  
Qual a teia que você tece  
Qual a história que você escreve  
Qual a teia que você tece  
Para não ser só mais um  
Pense no futuro  
Seu filho maduro querendo oportunidade  
Difícil ser feliz nesse país de tanta  
desigualdade  
(CD Favela Pop Star, 2017).

O uso da literatura marginal proporcionará aos educandos uma aproximação maior com os textos literários, algo tão escasso na atualidade, e, quando atrelado a músicas de Igor Kannário, permitirá uma conexão entre o já conhecido e pertencente ao gosto dos alunos. Tal prática, proporcionará que reflitam sobre o que eles difundem no seu cotidiano através da reprodução dos discursos presentes nos textos das músicas do Príncipe do Gueto, podendo, através da mediação constante do professor, aproximar e ressignificar certos discursos, (violência, apologia a drogas X aceitação do seu eu, busca por igualdade, etc.)



### 3. PREPARANDO O ROTEIRO

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

(Paulo Freire)

Na escrita deste roteiro, pensamos que é preciso, inicialmente, detectar os possíveis problemas apresentados pelos discentes e, em seguida, tentar um caminho que objetive a solução de tais problemáticas analisadas no processo ensino-aprendizagem. Esse trabalho envolve uma olhar bastante cuidadoso que vislumbre muito mais que os aspectos inerentes ao currículo, mas, especialmente, uma visão que possibilite, também, um crescimento do aluno em todos os âmbitos de sua vida: social, emocional e intelectual. Assim, a proposta envolve uma ação direcional visto que o pesquisador irá observar, acompanhar e propor alternativas para solucionar os problemas detectados.

Desta maneira, o nosso projeto de pesquisa, foi aplicado para alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola General Flamarion Pinto de Campos, na cidade de São Félix-Ba. Visamos, através da leitura de Literaturas Marginais, proporcionar uma possível reflexão por parte do discente que poderá contribuir para o desenvolvimento não somente de habilidades de leitura, mas também no seu desenvolvimento como cidadão, assumindo, assim, o protagonismo sociocultural inerente a todo o ser humano.

A nossa metodologia de pesquisa é a pesquisa-ação, de cunho etnográfico e tem como sujeitos envolvidos a professora participante, na condição de pesquisadora e os alunos de uma turma de 9º ano do turno matutino da Escola acima citada.

#### 3.1 O CENÁRIO ESCOLAR

O cenário que compõe esta peça representa um espetáculo à parte, uma instituição sem muros que permite a todos a contemplação de uma belíssima e vasta área verde, com poucas residências e a pista BR 420 passando bem a sua frente. Em meio a todo esse espetáculo, ainda contamos com uma praça que segmenta as duas áreas da referida escola, a qual hospeda o famoso Bar de Seu Val.

Toda essa disposição física favorece um contato constante da escola com a sociedade a sua volta, fator este que, muitas vezes, também se apresenta como um problema. Todas essas características são possíveis, pois a instituição está localizada na Zona Rural do município de São Félix-BA, precisamente na Fazenda Pilar, Subdistrito de Outeiro Redondo, compondo o quadro das escolas pertencentes ao Núcleo I, mantida pela Prefeitura do referido município.

Infelizmente, contrapondo-se a esse cenário tão rico, a violência oriunda da criminalidade tem, aos poucos, invadindo o território arrastando consigo muitos jovens e adolescentes que, por conta da falta de oportunidade e de políticas públicas que os favoreçam, encontram, nesse caminho, uma garantia de sobrevivência e acesso rápido a seus interesses materiais.

A Instituição Escola General Flamarion Pinto de Campos foi assim nomeada em Homenagem ao General Flamarion Pinto de Campos, benfeitor das forças armadas que levou até seus liderados os ensinamentos da doutrina espírita.

Dividida em duas grandes alas, a escola se mescla constantemente com a comunidade. Na ala ao lado direito da praça, ficam situadas a cantina, a biblioteca, a sala dos professores, a secretaria, a diretoria, os banheiros e duas salas de aula da Educação Infantil; do lado esquerdo, fica o prédio que conta com quatro salas de aula pertencentes aos alunos do Fundamental II.

A instituição oferece os ensinamentos Fundamental I e II, nos turnos matutino e vespertino, e a Educação de Jovens e Adultos – EJA, no turno vespertino.

Figura 4- Vista frontal da escola (salas, praça, diretoria, biblioteca...)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5 -Ala esquerda



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 – Ala direita



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 -Vista da praça e bar de Seu Val



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 8 - Cantina e biblioteca (ala direita)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9 - Vista da BR 420



Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.2 O ELENCO: ALUNOS DO 9º ANO DO E.F. II

Os alunos que compõem o elenco dessa peça teatral/pesquisa são da turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, do turno matutino, formada por 27 alunos matriculados, sendo 11 meninas e 16 meninos. Os alunos são adolescentes e têm entre 13 e 15 anos. Na sua maioria, são moradores da zona rural, pertencentes à classe socioeconômica menos privilegiada. Como a professora-pesquisadora já possui contato com a turma desde que foram acolhidos na instituição no 6º ano, podemos afirmar que a sala, de maneira geral, pode ser caracterizada como uma turma curiosa e bastante participativa.

Julgamos tais características como imprescindíveis para a execução da proposta de intervenção, uma vez que pensamos em alunos atuantes e construtores da própria aprendizagem, verdadeiros protagonistas no processo de formação do conhecimento. Aliado a isso, ainda podemos contar com o laço afetivo desenvolvido entre a professora/pesquisadora e o elenco participante.

#### 3.2.1 Definindo o perfil do ator

Para definir o perfil do protagonista que atuará na peça a ser desenvolvida, foi formulado um questionário sobre o perfil dos alunos, considerando aspectos de práticas de leitura, gosto musical e cidadania. Esse questionário objetivou conhecer o elenco, suas características, dificuldades, anseios e conhecimentos acerca do ser CIDADÃO.

Dos 27 alunos matriculados na turma em que a proposta de intervenção foi aplicada, apenas 22 alunos estavam presentes no dia da aplicação do questionário, embora, a professora-pesquisadora tenha levado cópias para todos os 27 discentes.

No total foram elaboradas 32 perguntas analisadas no sentido de nortear a escrita do roteiro que compõe a peça final (Apêndice). Apesar da execução de um único questionário, vários fatores foram contemplados e serão descritos a seguir:

#### 3.2.2 Aspectos sociais

As primeiras perguntas tiveram como objetivo traçar um perfil social do elenco, principalmente no que tange a sua ocupação espacial, gênero, idade e condição racial. Dessa forma, pudemos analisar que 32% dos alunos afirmaram pertencerem à zona urbana do município de São Félix, e 68% dos indivíduos que vivem na zona rural, confirmando, dessa

maneira, a questão do sentimento de rejeição da grande maioria dos discentes e a exclusão dos bens e direitos por parte do governo, que contemplam apenas o centro urbano. Vale ressaltar que aqueles que afirmaram pertencer a zona urbana do município, moram em bairros periféricos afastados do centro, portanto, também, fazem parte do contingente de alunos segregados e marginalizados. Tais dados estão expressos no Gráfico 1.

Gráfico 1

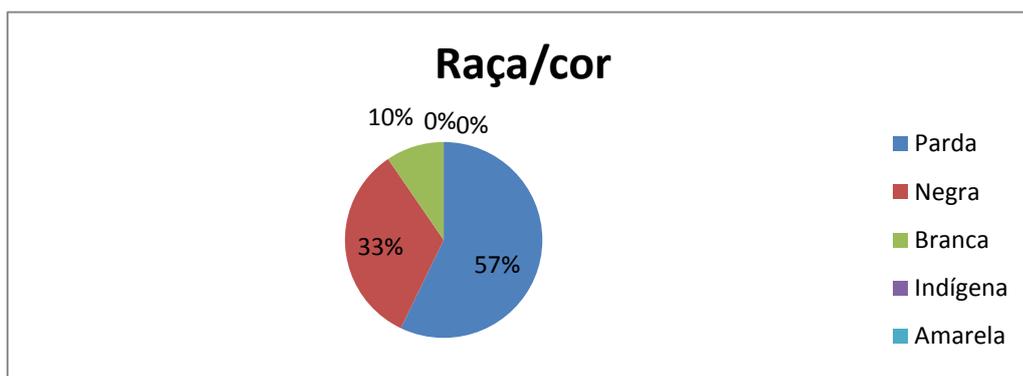


Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à questão de gênero e idade, foram contabilizados 13 personagens do sexo masculino e 9 personagens do sexo feminino. Quanto à idade, 5 disseram ter 13 anos, 10 disseram ter 14 anos, 2 assinalaram 15 anos, 4 marcaram que tinha 16 anos e 1 disse ter 20 anos. Dessa forma, é perceptível que a maioria da sala é composta por meninos com uma idade variando entre os 13 a 16 anos.

O elenco, ao responder a pergunta sobre sua raça/cor, passaram por algumas dificuldades, uma vez que tinham dúvidas a respeito de como se reconhecem; assim, computamos os seguintes resultados materializados no gráfico abaixo:

Gráfico 2



Fonte: Elaborado pela autora

Com a análise do gráfico, podemos inferir que a maioria do elenco é composta por indivíduos negros, tal análise considera os autointitulados como pardos pertencentes à raça negra, uma vez que, segundo Ricardo Henriques (2002, p. 35):

A distribuição dos níveis de escolaridade, de acordo com a cor dos brasileiros, demonstra, inicialmente, que, no campo da educação, não existem diferenças significativas entre “pardos” e “pretos” que justifiquem o tratamento analítico desagregado nessas duas classificações. [...] o universo do conjunto total da população negra representa, na dimensão educacional, de forma adequada, os respectivos universos particulares das populações parda e negra.

Isso quer dizer que, do ponto de vista étnico/racial, 90% dos indivíduos que compõem a classe apresenta uma ascendência afrobrasileira que, de certa forma, corrobora para o sentimento de exclusão e discriminação.

### **3.2.3 Envolvimento com a Língua Portuguesa**

Para inferir sobre a relação dos indivíduos com a Língua Portuguesa, eles foram questionados sobre o grau de afinidade com a disciplina. Com questões para marcar, obtivemos 1 relato de que não gostava da Língua Portuguesa, 11 responderam ter pouca afinidade, 2 não souberam responder e 8 afirmaram ter afinidade com a disciplina. Podemos concluir, portanto, que a Língua Portuguesa ainda continua com pouca fama nos palcos estudantis.

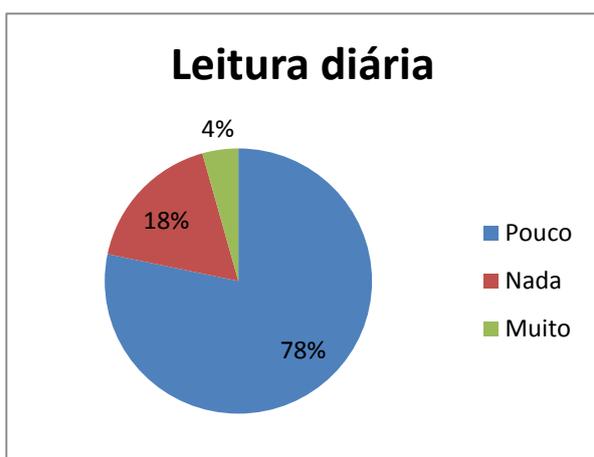
Esta posição desprivilegiada da Língua Portuguesa é recorrente durante anos e talvez esteja atrelada à maneira que é trabalhada em sala de aula, priorizando apenas os aspectos morfossintáticos da língua, tornando-se enfadonha e cansativa.

### **3.2.4 Perfil do ator/leitor**

As perguntas pertinentes à rotina de leitura dos alunos estão baseadas em um dos objetivos norteadores desta proposta que visa à conscientização da importância do ato de ler para a formação do cidadão. Observando o Gráfico 3, podemos verificar o quanto o hábito da leitura é escasso na vida desses alunos. Examinamos que 17% dos discentes não leem nada, 78% leem pouco e apenas 4% afirmaram ler muito. Vale ressaltar que a pergunta excluía as leituras destinadas às tarefas escolares.

Ainda podemos observar que os alunos não levaram em consideração as leituras realizadas em momento de descontração, como, por exemplo, quando usam as redes sociais para conversar. Tal dado se confirma na análise do Gráfico 4 que demonstra o que os alunos costumam fazer nas horas livres. As redes sociais ocupam as primeiras posições, com 28%, juntamente com a TV e os esportes (os alunos podiam marcar mais de uma opção). Quanto à leitura, apenas 1,2 % respondeu que esta faz parte do seu momento de hora livre:

Gráfico 3



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 4



Fonte: Elaborado pela autora.

A precariedade do ato de ler se fortalece na análise das perguntas destinadas à quantidade de livros lidos durante o ano e durante toda a vida do discente. Os gráficos 5 e 6 materializam esses tristes dados. Podemos verificar que 68% dos alunos não leram livro algum durante o ano de 2017 e 32% leram apenas 1.

A preocupação se amplia quando verificamos que metade da turma leu durante toda a sua vida um quantitativo inferior a cinco livros, o que corresponde a menos da metade de um livro para cada ano de vida, como evidenciam os Gráficos 5 e 6. Todos estes dados fortalecem a ideia de que é necessário um trabalho que provoque os alunos quanto à importância da prática leitora para a formação de uma identidade cidadã.

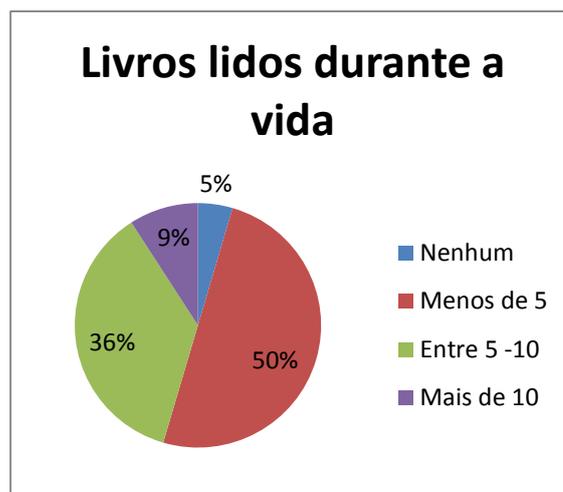
Outra avaliação pertinente para a análise dos dados apresentados seria um fator antigo que vem se perpetuando com o passar dos tempos, o acesso à cultura e aos textos literários sempre foi acessível apenas a uma minoria. Minoria que não se encontra em zonas periféricas, mas sim nos grandes centros urbanos onde encontramos as pessoas pertencentes aos níveis mais elevados da sociedade e onde o olhar dos governantes está totalmente direcionado, conforme verificamos a seguir:

Gráfico 5



Fonte: Elaborado pela autora.

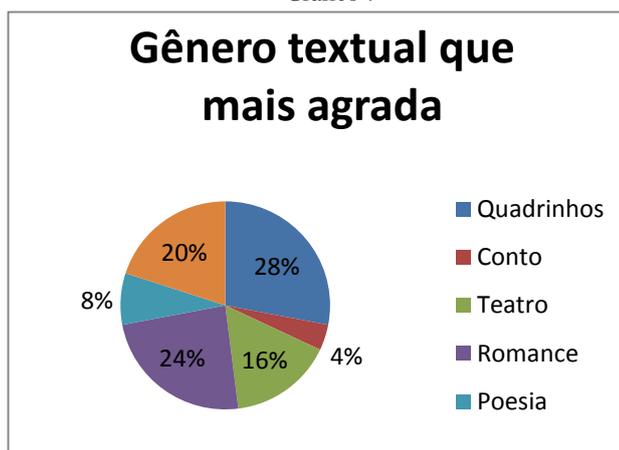
Gráfico 6



Fonte: Elaborado pela autora.

Finalizando a avaliação a respeito do perfil leitor dos alunos pertencentes ao projeto, perguntamos qual gênero textual mais os agradavam, os discentes poderiam marcar mais de uma opção; assim, obtivemos os seguintes resultados conforme registrado no Gráfico 7: em 1º lugar ficaram os quadrinhos com 28%, seguido do Romance com 24%, porém a triste constatação reside na observação de que aqueles que marcaram a opção nenhum, perde para o primeiro colocado “quadrinhos” apenas por 8%. Ainda foram marcadas as opções teatro com 16%, poesia com 8% e conto com apenas 4%.

Gráfico 7



Fonte: Elaborado pela autora.

É importante salientar que, apesar de os resultados demonstrarem um distanciamento dos discentes no que concerne a uma prática leitora ativa, na pergunta em que buscamos conhecer a opinião a respeito da importância da leitura e da escrita na vida do indivíduo, todos os 22 participantes relataram que SIM, a leitura e a escrita são importantes para todos.

Esta resposta talvez pareça controversia, visto os dados anteriormente relatados, porém podemos refletir que, talvez tal posicionamento sobre a importância da leitura seja fruto de um processo constante em que professores e alguns membros da comunidade, inclusive a própria família, estejam a todo o momento relatando sobre essa importância, sobre o quanto estudar é necessário, mas os porquês e a motivação para essa importância continuam negligenciados. O que existe é uma cobrança constante, mas não há o momento para refletir sobre os motivos nem para propiciar momentos de interação com textos. Como afirma Machado (2011, p. 58):

Sem dúvida, continuam atuantes os elementos que alimentam o velho círculo vicioso que há tantos anos discutimos e reconhecemos. Famílias com baixa escolaridade e com reduzido (ou inexistente) acesso a bens culturais matriculam nas escolas crianças ávidas por conhecimento e educação. Lá, elas encontram professores muitas vezes oriundos de famílias igualmente com baixa escolaridade e reduzido acesso a bens culturais, despejados num mercado de trabalho que não lhes dá oportunidades, não os remunera condignamente e ainda lhes nega recursos essenciais ao bom desempenho da profissão.

Conhecedores desse cenário, este trabalho busca propiciar aos alunos momentos de contatos com diferentes gêneros literários que possam despertar um interesse pelo ato leitor além de proporcionar a reflexão, ainda que um pouco tardia, da importância da prática leitora estimulando-os a se engajar pela descoberta dos motivos que fazem da leitura e da escrita um trampolim para a ascensão cidadã.

### **3.2.5 O foco na literatura**

Pensando em outro personagem importante nesta peça teatral/ projeto, “a Literatura”, perguntamos aos discentes sobre seu encantamento com a referida disciplina. A turma apresentou-se bastante dividida quanto a essa questão, 50% dos alunos responderam que gostavam de literatura, outros 25% declararam sua dúvida ao marcar a questão referente a NÃO SEI DIZER, e os outros 25% afirmaram não apresentar nenhum gosto pela disciplina.

Ainda questionados sobre quais autores da Literatura eles se recordavam, apenas 3 alunos responderam e, coincidentemente, citaram o mesmo autor: Monteiro Lobato. Todos os demais 19 alunos disseram que não se recordavam de nenhum autor da Literatura.

### 3.2.6 Teatro e música

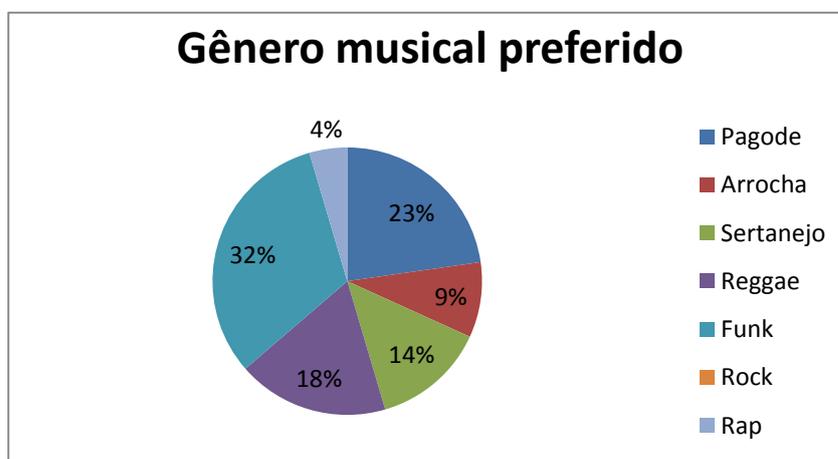
Os gêneros Teatro e Música são peças-chave no desenvolvimento desta proposta, por isso, questionamos os alunos a respeito da ligação existente entre eles e esses gêneros. Inicialmente, perguntamos se os discentes conheciam o que era teatro. Dos 22 alunos, apenas 3 relataram que não conhecem o respectivo gênero, desconhecem totalmente do que se trata e como se desenvolve uma peça teatral. Em seguida questionamos se já haviam assistido a alguma peça teatral. Um número significativo da classe, 16 alunos, nunca assistiram a uma peça, apenas 6 alunos afirmaram que haviam prestigiado uma encenação.

O que pode ser percebido, através de uma análise mais apurada, é que 3 destes que marcaram SIM são alunos que declararam viver na zona urbana, local onde ainda existe uma mínima preocupação em oferecer momentos culturais. Estes mesmos alunos residentes da zona urbana de São Félix-BA assinaram como peça assistida, “A Paixão de Cristo”, encenação comum nessa cidade em todo o período Pascal, quando pessoas da comunidade, juntamente com um grupo de teatro da região, formam uma grande procissão, parando em locais específicos da cidade onde são representadas as cenas da “Via Dolorosa”.

Os demais alunos que responderam já ter assistido a uma peça teatral citaram como peça o clássico “Romeu e Julieta”.

Quanto ao gosto pela música, a grande maioria da sala respondeu afirmativamente que gostava de ouvir música, apenas um dos alunos contestou que não gostava. No que diz respeito aos gêneros musicais preferidos, uma gama variada foi selecionada, como demonstra o Gráfico 8 abaixo:

Gráfico 8

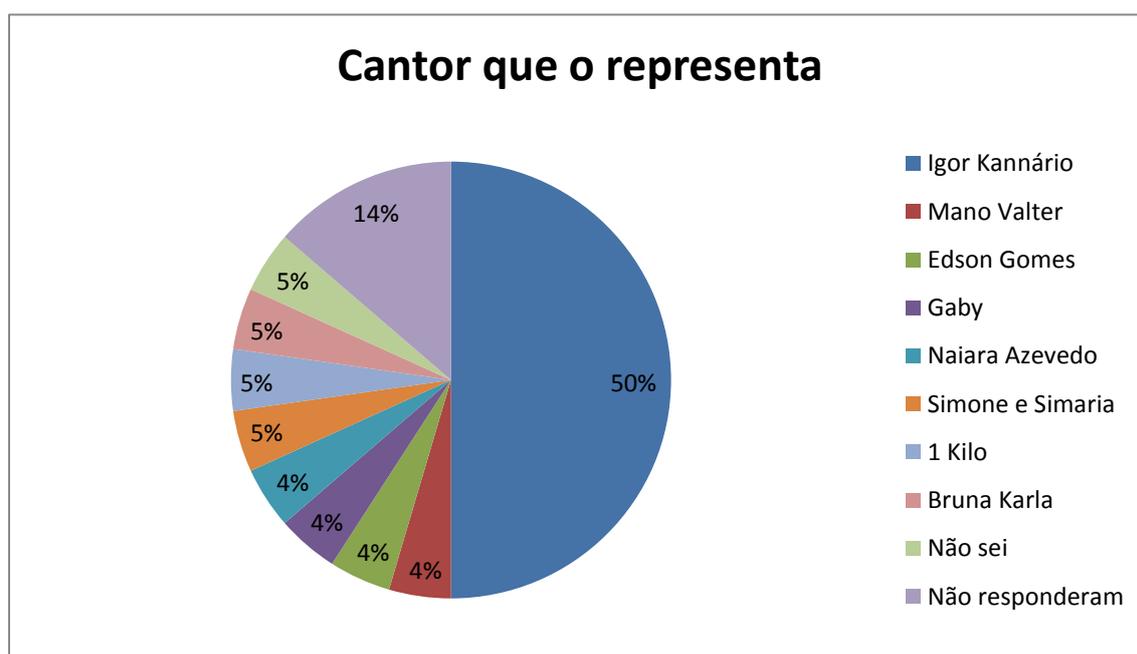


Fonte: Elaborado pela autora.

Verificamos um gosto musical centrado basicamente em três subgêneros: Funk, Pagode e Reggae. Talvez o gosto por esses estilos musicais sejam reflexo de um processo de identificação por parte dos discentes, uma vez que, na sua maioria, os artistas desses ritmos são oriundos de zonas periféricas. Outro fator relevante que pode contribuir para apreciação dos estilos musicais em questão está relacionado à cultura local é que, desde pequenos, os alunos já estão inseridos nesse contexto em que as músicas que tocam nas comunidades em que convivem pertencem a esses grupos. Outros gêneros ainda aparecem em menor proporção, como o Sertanejo e o Arrocha.

Aproveitando a temática em questão, perguntamos aos discentes sobre o cantor que, na atualidade, os representa. Muitos foram os cantores citados, porém, Igor Kannário destacou-se com 50% das escolhas, como demonstra o Gráfico 9. Esses dados revelam a forte influência exercida pelo cantor na comunidade estudada:

Gráfico 9



Fonte: Elaborado pela autora

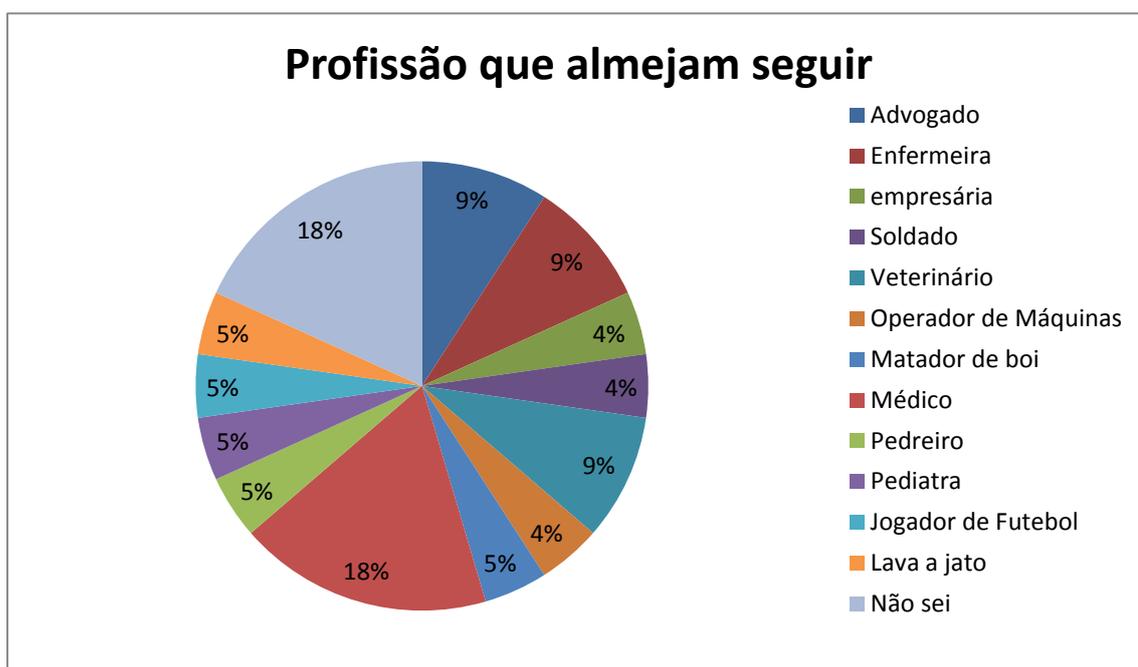
### 3.2.7 Um olhar para o futuro

Esta proposta possui como finalidade não apenas a apresentação de um espetáculo que, ao fechar das cortinas se encerre por completo sem vistas ao futuro. A formação dos protagonistas será apenas o início para que possam atuar em muitas outras peças que certamente acontecerão, dependendo, também, da vontade individual de cada discente.

Dessa forma, perguntamos aos alunos sobre o interesse de continuarem os estudos, também quais são seus planos para o futuro após conclusão do Ensino Médio. Felizmente, todos responderam afirmativamente quanto ao desejo de prosseguir os estudos, e para o futuro, deixaram claro seus desejos em entrar em uma faculdade e se empregar. Obtivemos até mesmo a resposta de que desejavam ser uma grande pessoa.

Eles ainda foram questionados quanto à profissão a que almejam seguir, as respostas foram diversas, como apresenta o Gráfico 10 abaixo:

Gráfico 10



Fonte: Elaborado pela autora

### 3.2.8 A interpretação

No questionário realizado, reservamos algumas perguntas destinadas à interpretação de uma música do baiano Igor Kannário, um dos atores na nossa peça, a fim de refletirmos sobre como se dá esse processo de identificação dos alunos. Queríamos comprovar se esse olhar para o cantor como alguém que o representa estava centrado apenas em uma questão de origem, ou se havia um processo de reflexão também quanto às suas letras.

Em oportunidade, também poderíamos refletir sobre o desenvolvimento leitor e interpretativo do discente no estudo da Língua Portuguesa. De acordo com os dados coletados, pode-se verificar que a interpretação encontra-se bastante precária, por mais que a

música utilizada faça parte do convívio deles, não houve uma reflexão sobre as informações ali expostas.

Percebemos, então, que ao tomarem para si a figura do “Príncipe do Guetto” como representante da favela, não importa o que canta, sua voz continua sendo a máxima, a verdade, sem ser necessário pensar sobre as temáticas envolvidas. Tais dados comprovam a necessidade de um trabalho voltado à análise dessas músicas, refletindo sobre as temáticas apresentadas a fim de aceitar determinados discursos e rejeitar outros, mostrando que antes de proferirmos e aceitarmos quaisquer conteúdos, precisamos refletir sobre eles:

### SÓ QUEREMOS PAZ

Eu me sinto feliz  
Quando vejo o meu povo contente  
Minha tribo é da paz  
Eu arrasto uma massa de gente  
Não somos essa fera  
Que esse sistema impõe pra você  
Aqui não tem bicho não  
Somos cidadãos  
Queremos respeito e paz  
Amor e união (CD Música Nova, 2015)

A primeira pergunta consistia em identificar o público a que se destinava a música, quem o cantor denominava como sendo a sua tribo. Metade da turma, 50% responderam afirmando que o cantor direcionava sua fala para a favela. A outra metade ora, não soube responder, ora respondeu alejado daquilo que a pesquisadora esperava (identificar a questão do povo da favela como público-alvo do cantor), conforme o Gráfico 11:

Gráfico 11

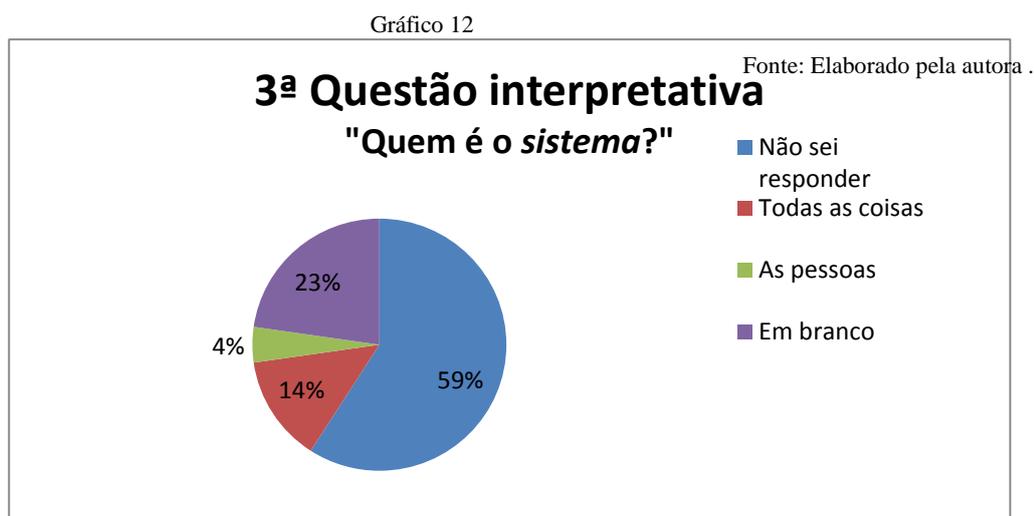


Fonte: Elaborada pela autora.

A segunda pergunta procurou refletir sobre o trecho da música, “Não somos essa fera que o sistema impõe para você”. Questionamos sobre o que o autor queria dizer com essa passagem. Em algumas respostas, verificou-se uma forte proximidade e sentimento de que a música estava falando sobre eles.

Este pertencimento pode ser percebido através do uso dos verbos em 1ª pessoa durante respostas, como: “Ele que dizer que não samus animaes pra viver na gerra.” “somos pessoas também”, “que dizer que mesmo vindo de um lugar diferentes somos iguais.”

Em contrapartida, 8 alunos deixaram a resposta em branco e outros 7 mantiveram em suas respostas um certo tipo de justificativa para o uso da palavra fera relacionada as pessoas da periferia, quando alegam que o uso desse adjetivo está relacionado as brigas constantes. Encerramos a reflexão sobre a música perguntando se os alunos saberiam responder o que é o “Sistema”. Verificamos um alto grau de desconhecimento sobre esta questão, como detalha o Gráfico 12:

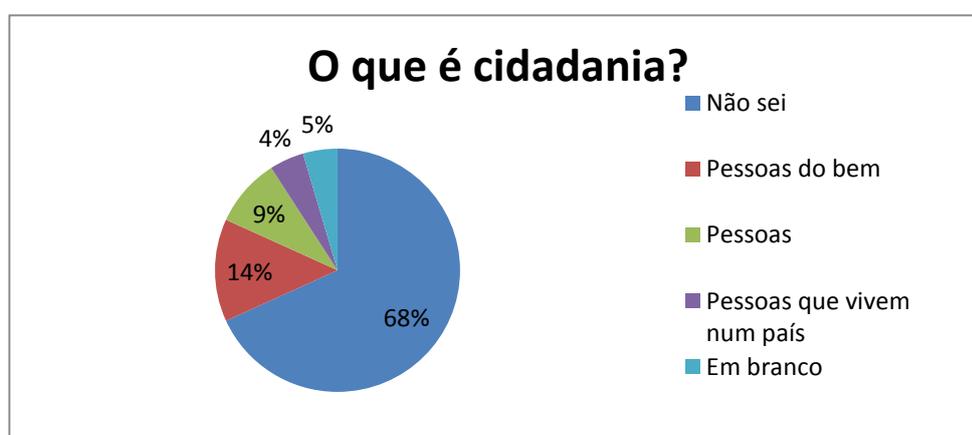


Essas respostas confirmam que, mesmo que os alunos tenham conhecimento da rejeição e exclusão que os cerca, eles não conseguem atribuir a razão dessa situação a ninguém, mesmo quando respondem, “Todas as coisas”, “As pessoas”, não fica determinado necessariamente quem.

### 3.2.9 O protagonismo: ser cidadão

Ao fim do questionário, aproveitando ainda um fragmento da música que relata “Aqui não tem bicho não /somos cidadãos/ queremos respeito e paz”, pensamos em refletir sobre o que os alunos entendem por cidadania. Assim com uma questão de dupla escolha, pedimos que marcassem (NÃO) para quando desconhecessem o que era cidadania e (SIM) para quando soubessem e, nesse caso, explicassem. Como ilustrado no Gráfico 13, 68% dos discentes responderam Não, 5% deixaram em branco e 27% responderam afirmativamente dividindo-se em 14% como pessoas do bem, 9% pessoas de uma maneira geral e 4% pessoas que vivem em um país.

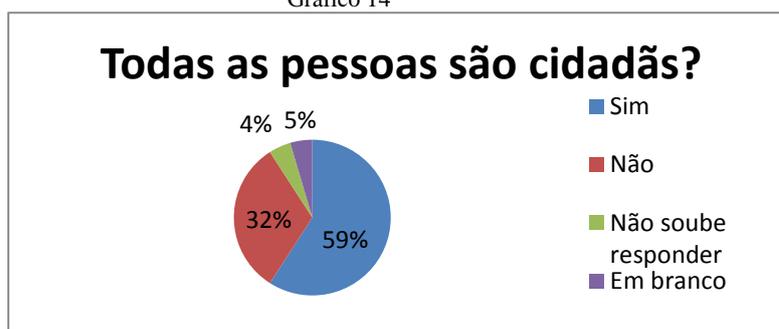
Gráfico 13



Fonte: Elaborado pela autora.

Tais dados revelam um verdadeiro despreparo dos discentes quanto ao entendimento do que seja cidadania, afirmando ainda mais a validade desse projeto que tem como intuito primordial a capacitação do discente na sua atuação cidadã. Os alunos ainda foram questionados se todas as pessoas poderiam ser consideradas cidadãs, 58% dos discentes responderam que todo indivíduo é um cidadão, diferente dos 32% que responderam negativamente e outros 9% que deixaram em branco ou não souberam responder.

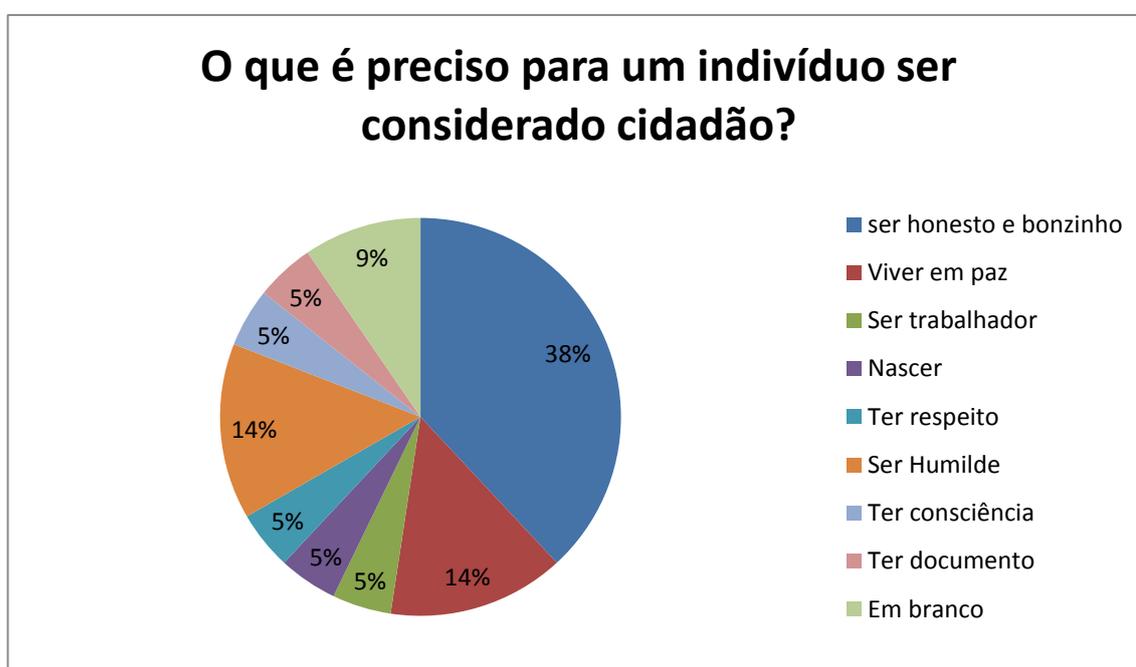
Gráfico 14



Fonte: Elaborado da pelo autora.

Para uma melhor análise dos dados anteriores, perguntamos aos alunos o que é preciso para um indivíduo ser considerado cidadão. Verificamos, através do gráfico 14, que 38% dos discentes consideram que para a pessoa ser cidadã deve ser uma pessoa honesta e “boazinha”; 14%, talvez, influenciadas pela música, registraram que para o alcance da cidadania é necessário viver em paz; outro grupo, 14%, acreditam que para ser cidadão é preciso ser humilde, 5 grupos, com um total de 5% cada, registraram que, para o exercício da cidadania, tem-se como pontos relevantes ser trabalhador, nascer, ter respeito, ter consciência e possuir documento; por fim, 9% dos alunos deixaram a resposta em branco.

Gráfico 15



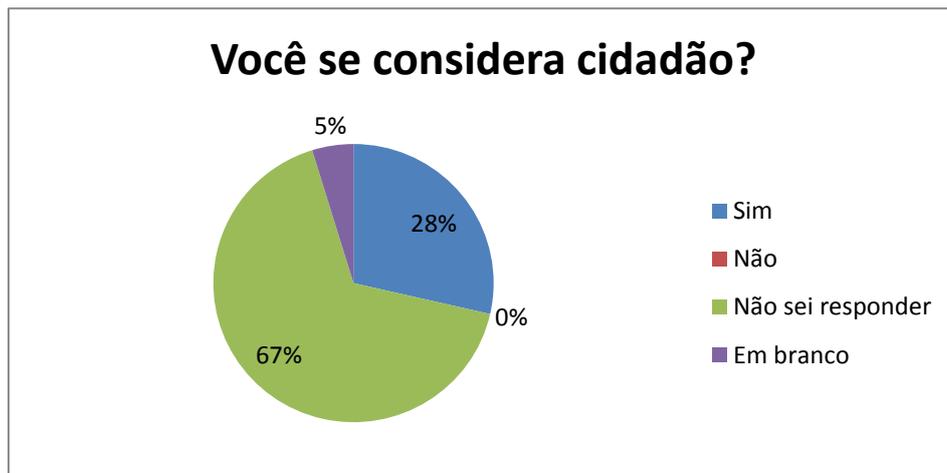
**Fonte:** Elaborado pela autora.

A primeira análise que podemos fazer tendo em vista os dados obtidos perpassa pelo fato de os alunos considerarem o exercício da cidadania uma questão de submissão, ser bom, ser honesto, humilde, trabalhador e viver em paz respeitando as pessoas. Cidadania que, como já relatado pelos próprios discentes, está realmente relacionada com “pessoas do bem”.

Um caso isolado respondeu que para ser cidadão basta nascer, outro único aluno, talvez influenciado pela propaganda do Governo Federal, que lançou na TV a música “Com certidão de nascimento, sou cidadão”, respondeu que para o alcance da cidadania era preciso ter documento. E, por fim, mais um caso isolado, respondeu que, para a cidadania, era necessário ter consciência.

Ao fim, fizemos a pergunta: “Você se considera um cidadão?” O gráfico 15 materializa os dados obtidos. Tivemos um total de 67% de alunos que marcaram a alternativa “Não sei responder”. Este dado pode ter duas análises, uma que remonta exatamente ao fato do completo desconhecimento dos discentes do que venha a ser cidadania, que já foi comprovado anteriormente, ou por uma questão de “preguiça” ao responderem, visto que as outras alternativas solicitavam o porquê.

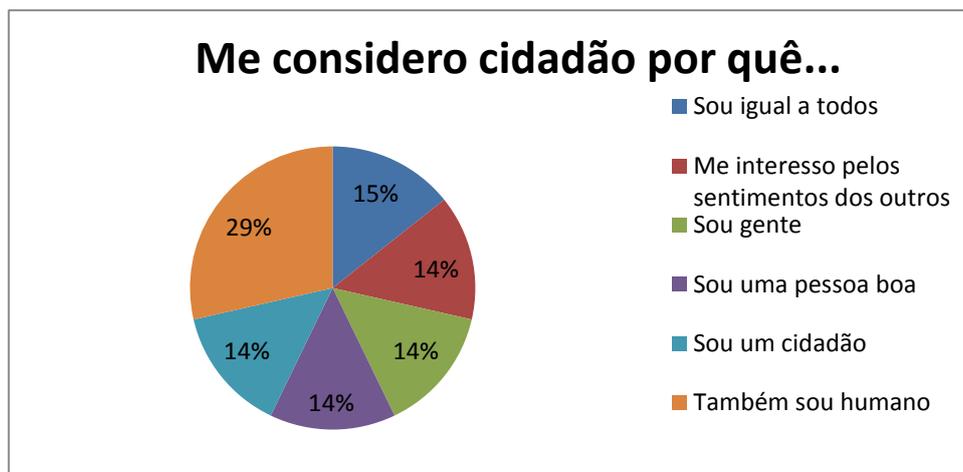
Gráfico 16



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos alunos que responderam afirmativamente, 28%, obtivemos justificativas variadas expressadas e materializadas no gráfico 16.

Gráfico 17



Fonte: Elaborado pela autora.

O que podemos inferir com todos os dados levantados a partir do questionário é que são variados os fatores que contribuem para a defasagem existente no que concerne à leitura e ao acesso aos bens culturais, como literatura e teatro. Logo, urge um trabalho diferenciado que possa atender a esse público que grita por ajuda, gritos silentes expressos no olhar, gestos, posturas. A relevância desse projeto apenas se ampliou com as análises aqui observadas. Cada questão desse diagnóstico serviu como bússola para caminharmos rumo a um projeto comprometido em encontrar e resgatar grandes tesouros.

### 3.3 DEFININDO OS ATOS

Dividido em 11 Atos, totalizando 44 horas-aula, esse projeto foi aplicado na Escola General Flamarion Pinto de Campos, na cidade de São Félix, para uma turma de 9º ano matutino do Ensino Fundamental da escola descrita. Vale ressaltar que a professora pesquisadora já atua na respectiva classe em que o projeto foi aplicado, o que favorece bastante uma relação de cumplicidade com os alunos. Cada ato deste projeto possui objetivos específicos que visam ao estudo e apreciação de leituras de obras literárias periféricas, atrelada a músicas do cantor Igor Kannário, com vistas a conscientização da importância da leitura e possível protagonismo sociocultural através do conhecimento sobre cidadania. Como método para motivação do conhecimento e desenvolvimento da criatividade, utilizamos o gênero teatral. A seguir, descrevemos as etapas da proposta de intervenção, seguidos dos resultados e análises de cada ato.

ROTEIRO Nº 01

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**Universidade do Estado da Bahia**

**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**

**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**

**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 2 aulas**

**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

#### **ATO**

#### **ATO 1: PREPARANDO O CENÁRIO**

#### **OBJETIVOS**

- Inferir sobre as temáticas a serem trabalhadas ;
- Participar das discussões permitidas pelas observações dos elementos verbais e

não verbais presentes na sala;

- Desenvolver a expressão oral;
- Sensibilizar os alunos sobre a importância da cultura na vida do indivíduo em especial o teatro.

## CONTEÚDOS

- Interpretação de elementos verbais e não verbais;
- A composição do teatro.

## CENAS

1º Momento: sondagem do espaço e materiais dispostos na sala de aula para posterior inferência da temática do projeto.

Questionamentos a ser levantados, oralmente, durante a observação;

- Que possíveis temáticas trabalharemos através desse projeto?
- Como vocês chegaram a essa conclusão?
- Qual seria o motivo da professora ter escolhido esta temática?

Justificativa: para que o projeto não seja apresentado aos discentes apenas oralmente, os materiais dispostos na sala (máscaras teatrais, escrita no quadro: “periferia em cena, notas musicais, pastas e camisas do projeto), será um meio de fazer com que eles caminhem para a descoberta individual do que serão estudado, tornando o momento da descoberta mais prazeroso.

2º Momento: entrega do material do projeto (camisas personalizadas, pastas, canetas) e prática oral através de relatos de palavras que representem o sentimento de inclusão na periferia. Esse momento faz-se necessário para que eles verbalizem sua relação com o ser periférico e coloquem possíveis questionamentos que possam ser discutidos durante as oficinas.

3º Momento: Interpretação da linguagem verbal e não verbal presente na estampa da camisa. Questionamentos a ser levantados, oralmente, durante observação:

- Por que cultura constrói pessoas?
- Quais tipos de cultura representada na estampa da camisa?
- Vocês têm acesso fácil a esses tipos de cultura aqui expostos?

- O que é teatro?

4º Momento: exposição oral sobre o teatro, principalmente, como cultura capaz de transformar vidas quando nos ajuda a compreender mais de nós e do outro.

Justificativa: a exposição sobre teatro não objetiva explicar aos alunos tudo sobre a temática, apenas ajudá-los na compreensão da importância dessa arte na vida dos cidadãos. Como a técnica teatral será um instrumento para o estudo da temática principal, o aprofundamento no seu estudo não se faz necessário.

5º Momento: apresentação oral da proposta de intervenção, suas etapas e temáticas que serão trabalhadas.

Justificativa: faz-se necessário que o discente tenha plena consciência do que será trabalhado e quais objetivos pretende-se com esta proposta.

## **AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas

Participação das discussões

## **MATERIAIS NECESSÁRIOS**

Objetos relacionados ao teatro e música;

Materiais que compõem o Kit estudantil (camisas personalizadas, pastas e canetas)

Materiais para arrumação da sala (tapetes, almofadas)

## **Descrevendo a encenação**

No primeiro ato, PREPARANDO O CENÁRIO, um misto de sentimentos invadia a abertura do projeto, mesmo diante de todo o planejamento, muitas incertezas se faziam presentes; em especial, no que diziam respeito a aceitação por parte dos discentes.

A ansiedade e a curiosidade eram notadas nos rostos de cada aluno ao presenciar minhas entradas e saídas na sala de aula com materiais diferentes sem que eles pudessem ver o que se passava no interior do ambiente. Nunca havia visto meus alunos tão ansiosos para que o sinal tocasse e a aula, enfim, fosse iniciada.

Recepcionados na porta da sala por mim, os alunos foram convidados a adentrar no espaço, ficar à vontade para circular no ambiente montado e sentarem nos tapetes dispostos no chão. Era algo simples, mas para eles que não tinham a oportunidade de vivenciar momentos descontraídos e diferenciados no espaço escolar, foi bastante surpreendente mirar cada rosto e contemplar um brilho diferente no olhar de cada um, conforme imagens a seguir:

Figura 10 - Sala preparada para início do projeto



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11 – Camisa do projeto



Fonte – Arquivo pessoal.

Figura 12 – Banner do projeto



Fonte – Arquivo pessoal.

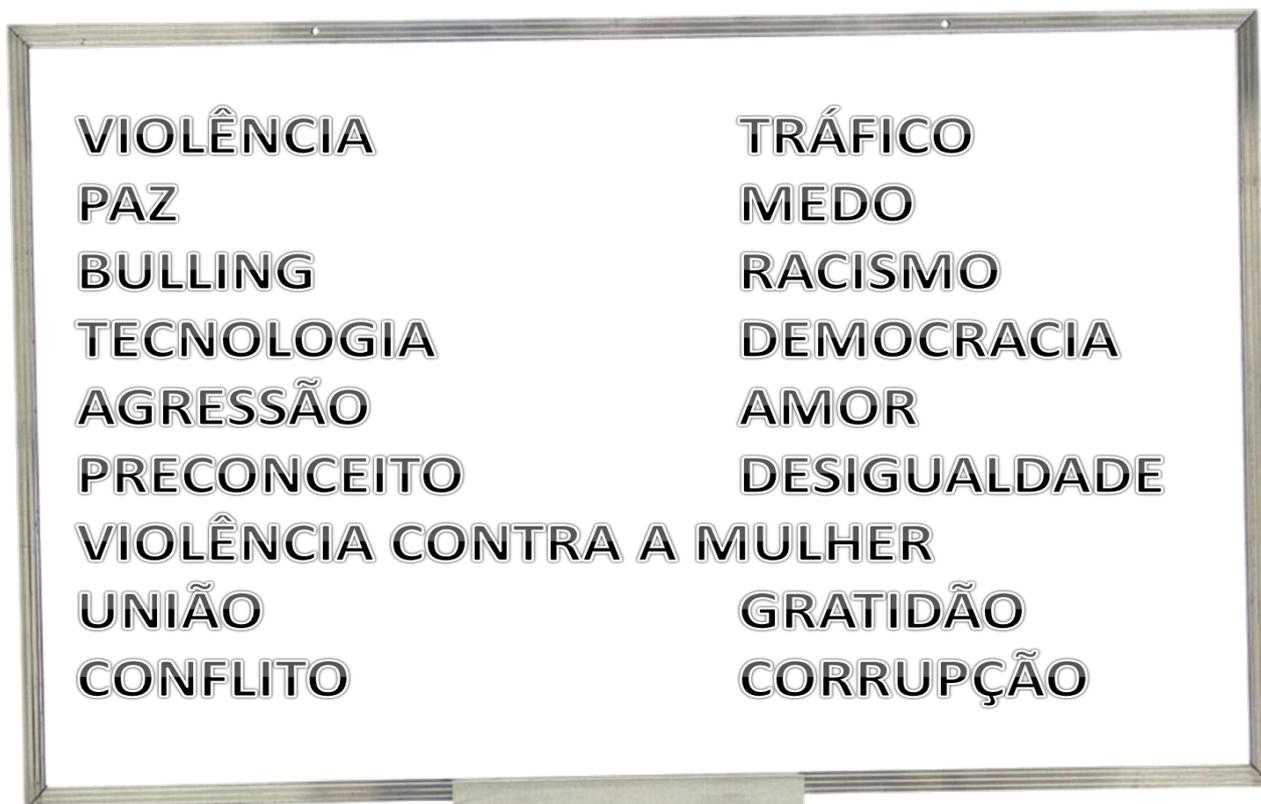
Aos poucos, os alunos foram sondando o ambiente e admirando os materiais que eu havia deixado exposto (as camisas do projeto, pastas e canetas personalizadas, máscaras teatrais). Após se acomodarem, sugeri que observassem mais uma vez o espaço arrumado e tentassem inferir quais temáticas trabalharíamos durante o projeto. As vozes, pouco a pouco foram se manifestando: “Leitura”, “Teatro”, “Periferia”. Perguntei como haviam chegado àquelas conclusões e os discentes relataram que as imagens presentes na sala e o título do projeto exposto no “*banner*” fizeram com que eles organizassem tal pensamento.

Após parabenizar o olhar perspicaz de cada um deles, acrescentei: Porque a professora escolheu o tema periferia?. O aluno A1, prontamente, manifestou-se: “É algo da atualidade!”, já o aluno A2 salientou que a escolha poderia estar ligada à questão de eles pertencerem à Periferia. Aproveitando essa constatação, perguntei se todos se consideravam periféricos, a afirmativa foi unânime.

A partir desse diálogo inicial, pedi que, de um a um, eles se levantassem, pegassem sua camisa que estava personalizada com o seu nome e falassem uma palavra representando o

sentimento que carregavam em relação a sua inclusão na periferia, uma problemática, um desafio. Aos poucos, as vozes foram ecoando pela sala:

Figura 13 – Lista de palavras relatadas pelos alunos



Fonte: Produção própria.

Parabenizei-os pelas escolhas e informei-lhes que todas as palavras ali verbalizadas fariam parte das temáticas a serem trabalhadas durante a execução do projeto. Assim, pedi que os alunos abrissem os pacotes das camisas e contemplassem as informações verbais e não verbais presentes. Antes de observarem a estampa, os alunos ficaram tão empolgados que me pediram para vestir logo; permiti que o fizessem e esperei que se trocassem para darmos continuidade às atividades. Os alunos começaram a descrever o que viam, e eu ia instigando-os para que argumentassem sobre o que observavam, em especial, a imagem.

Indaguei: “Porque cultura constrói pessoas?”

O aluno A5 falou: “Através da cultura o homem pode crescer.” Mas, a resposta que realmente me arrepiou foi a do aluno A7 “A cultura é capaz de renovar sonhos!”

Falamos sobre os tipos de culturas que estavam representadas na camisa (dança, literatura, teatro, música). Perguntei-lhes sobre o acesso a esses tipos de cultura nos espaços

periféricos, em especial, o teatro. Eles afirmaram que dança e música eram mais acessíveis a eles ao contrário do teatro, o qual não tinham muito contato.

Aproveitei a oportunidade para explicar-lhes sobre o teatro e como este ajuda o ser humano a entender mais o outro e a desenvolver uma postura diferenciada para o alcance da cidadania.

Para finalizar, fiz a exposição das etapas de desenvolvimento do projeto, expliquei as temáticas que trabalharíamos e tentei sensibilizá-los quanto à importância de participarem mesmo que não estivesse valendo pontos para a avaliação escolar. Desse modo, distribuí para os discentes um termo de autorização, que deveria ser assinado pelo responsável, uma vez que as oficinas do projeto aconteceriam no turno oposto ao que estudavam.

### **Reflexão sobre a cena**

Esta primeira oficina foi o momento de avaliar a recepção dos discentes para com o projeto. Percebi o quanto meus alunos são carentes de metodologias e práticas diferenciadas de ensino que contemplem muito além do que o conteúdo. Métodos que os valorize e os coloquem como centro do processo de aprendizagem. Também foi notória a grande experiência que eles trazem consigo em relação às dificuldades presentes nos espaços periféricos. A animação deles em relação ao projeto foi outro ponto bastante positivo visto que já haviam sido informados que este não valeria nenhum ponto para a Unidade; ainda assim, demonstraram bastante interesse em comparecer às oficinas que se seguiriam.

### **ROTEIRO N° 02**

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Universidade do Estado da Bahia  
 Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos  
 Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos  
 Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 4 aulas  
 Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

#### **ATO**

#### **ATO 2: A CONSTRUÇÃO DO PAPEL**

#### **OBJETIVOS**

Refletir sobre os diferentes papéis que ocupamos na sociedade;  
 Pensar sobre as práticas de cidadania;  
 Participar das discussões permitidas pelo texto;

Desenvolver a expressão oral e corporal;  
Proporcionar a expressão emocional.

### CONTEÚDOS

Máscaras sociais;  
Cidadania;  
Expressão corporal.

### CENAS

1º Momento: retomada do que foi discutido na aula anterior, principalmente em relação ao teatro e à exposição oral sobre a importância das máscaras teatrais.

Justificativa: Será explicado para os alunos o motivo de as máscaras serem uma marca registrada do teatro, salientando que, também, conhecida como “personas”, as máscaras se apresentavam bem grandes, pois eram usadas no intuito de que toda a plateia pudesse reconhecer as emoções trazidas pelos personagens, mesmo o público que ficava longe do palco.

.2º Momento: Apresentação, através do recurso multimídia, das diferentes máscaras usadas desde a Antiguidade até os dias atuais, relacionando-as com o recurso que utilizamos na contemporaneidade, os emojis. Ainda discutiremos como essas máscaras deixaram de ser apenas um recurso do teatro para fazer parte do nosso dia-a-dia.

Justificativa: Esta será uma grande oportunidade para a professora pesquisadora iniciar um diálogo com a turma. Inicialmente, refletiremos como eles se portam para ser notados pela sociedade, (através do uso de roupas de marcas, Sendo “VIDA LOKA”), instigando-os a pensar sobre a questão da cidadania e o quanto é importante utilizar os recursos corretos para se mostrarem perante a sociedade exigindo dela seus direitos. Ainda perguntaremos o que eles concebem sobre tal temática, Cidadania, e se são todos que, na contemporaneidade, atuam como cidadãos.

3º Momento: exposição do vídeo “Rede de mentira sociais”.

Justificativa: O vídeo retrata a realidade vivida pelas pessoas na atualidade que utilizam as redes sociais para “vender” uma imagem mascarada da realidade através de fotos enganosas.

4º Momento: desenhos de máscaras representando a imagem dos comportamentos utilizados por cada um para conviver em sociedade mas que no fundo não expressa

quem realmente eles são. Em seguida, socialização das mesmas com a turma.

5º Momento: Dinâmica: “Pegue sua visão”. Dentro de uma caixa estarão dispostas ações relacionadas a situações do cotidiano. Divididos em quatro equipes, um representante de cada grupo irá sortear uma ação e apresentar aos colegas em forma de mímica para que estes adivinhem.

Justificativa: Essa dinâmica, além de possibilitar o desenvolvimento da expressão corporal e interação entre os participantes, tem por objetivo mostrar que as máscaras e a expressão corporal participam de um trabalho conjunto para reforçar a informação que queremos passar.

6º Momento: Aproveitando as reflexões oriundas do uso das máscaras sociais e expressão corporal para passarmos uma mensagem, pensaremos em como é necessário utilizar todos esses recursos para nos posicionarmos como cidadãos. Iniciaremos, portanto, um estudo sobre cidadania a partir dos seguintes questionamentos:

- O que é cidadania?
- O que faz de alguém ser cidadão?

A partir das observações dos discentes, que serão anotadas na lousa, prosseguiremos ao estudo sobre cidadania e atuação do ser cidadão, refletindo sobre os deveres de cada um, os direitos que usufruímos e, que, muitas vezes são negados.

7º Momento: apreciação da música de Igor Kannário “Só queremos paz” e posterior reflexão sobre o conteúdo.

Espera-se que o aluno perceba:

- ✓ De quem fala a canção;
- ✓ Para quem possivelmente ela poderia ser direcionada;

8º Momento: teatro de mímicas; aproveitando as reflexões levantadas durante o estudo sobre cidadania, os alunos deverão em grupos, montar um teatro de mímicas retratando uma problemática enfrentada pelos periféricos que fere seu pleno exercício da cidadania.

9º Momento: discussão sobre o que foi apresentado refletindo sobre como é importante nos posicionarmos na luta por nossos direitos.

Execução das tarefas propostas;  
Participação das discussões e dinâmica.

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Música fundo para a execução da dinâmica;  
*Slides* sobre as máscaras teatrais;  
Recurso multimídia.

### REFERÊNCIAS

<https://www.letras.mus.br/igor-kannario/so-queremos-paz/>

No segundo ato, A CONSTRUÇÃO DO PAPEL, iniciei a oficina com uma breve retomada do que havia acontecido na aula anterior relembrando as temáticas que seriam trabalhadas. Prossegui falando sobre o teatro e como as máscaras são marcas registradas do mesmo. Para tal, apresentei, através do recurso multimídia, a evolução das máscaras teatrais através dos tempos e as diferentes máscaras utilizadas em diferentes momentos (máscara neutra, máscara expressiva, meia máscara).

Todos estavam curiosos e bastante participativos, quando falamos das máscaras expressivas a correlação com os emojis do *WhatsApp* foi imediata. Identificamos as emoções representadas por cada máscara e iniciamos uma conversa a respeito de como elas deixaram de ser apenas um recurso do teatro e viraram um apetrecho comum no nosso dia-a-dia. Assim, assistimos a um vídeo intitulado: *Rede de mentiras sociais*, que demonstra o quanto temos utilizado máscaras para mostrar muitas vezes uma situação que não vivemos e que as redes sociais têm sido um grande veículo de informações e realidades mascaradas. Muitos alunos se identificaram em algumas daquelas situações relatando que, constantemente, mesmo estando tristes, postam fotos com mensagens de extrema felicidade somente para não deixar transparecer para os “inimigos” a sua realidade.

Em seguida, os alunos foram convidados a desenhar as máscaras que os representavam e explicar o motivo das escolhas. A aluna A6 desenhou uma máscara com a boca aberta saindo letras e salientou:

“Converso muito em locais desconhecidos para não ser rejeitada.”

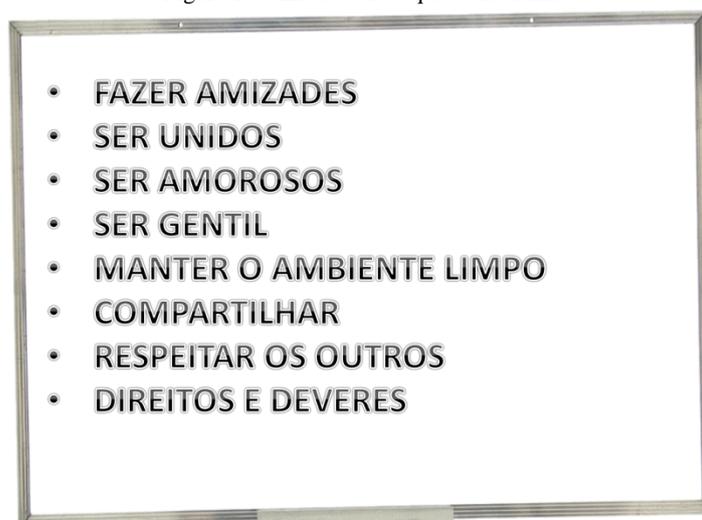
O aluno A3 expôs seu desenho de uma carinha sorridente e não quis falar nada, na verdade, ele é um aluno muito quieto e com poucos amigos, talvez aquela máscara representasse não o que ele era, mas o que queria ser.

Continuamos a conversa sobre as máscaras argumentando que estas necessitam de um trabalho conjunto com a expressão corporal a fim de trazer mais realidade ao espectador; assim foi feita a dinâmica “Pegue sua visão”, quando os alunos puderam exercitar a expressão corporal. Todos estavam bastante empolgados em participar da dinâmica, dessa maneira, direcionei de forma que todos pudessem interagir. Dividi a sala em três equipes e, munida com uma caixinha contendo situações típicas do cotidiano, pedi que um representante de cada equipe retirasse um papel e realizasse a ação ali apresentada através de mímicas.

Esta atividade foi muito proveitosa pois, além de exercitar a expressão corporal, também proporcionou um momento de interação entre os colegas e um rompimento da timidez. Falei que, da mesma maneira que eles exercitaram aquela dinâmica, em todos os momentos do nosso cotidiano, nós estamos representando, usando máscaras e precisamos também utilizar tais recursos em nossa representatividade como cidadãos.

Dessa forma, começamos um estudo sobre cidadania; para tal, os alunos foram motivados a argumentar sobre o que eles concebem a respeito dessa temática. À medida que os alunos foram falando, fui registrando na lousa:

Figura 14 – Lista sobre o que é cidadania.



Fonte: Produção própria.

Não descartei nenhuma resposta e fui anotando no quadro; ao final, aproveitei a palavra “direitos e deveres” e fui questionando cada uma das demais palavras se eles concebiam como

direitos ou deveres. Chegamos à conclusão que todas as palavras por eles abordadas faziam parte dos deveres a ser cumpridos pelos cidadãos; sendo assim, quais seriam os direitos?

Os alunos começaram a falar:

- Escola;
- Saúde;
- Transporte;
- Merenda escolar

Ainda questionei se eles, da periferia, desfrutavam de todos aqueles direitos, os alunos responderam que sim, porém que esses direitos eram bem precários, as escolas estavam sujas, os ônibus quebrados, a saúde malmente possuía médicos para o atendimento.

Conversamos que, para exercermos nossa cidadania e reivindicarmos nossos direitos, precisamos também cumprir nossos deveres.

Após essa discussão, os alunos foram dispensados para o intervalo. Neste momento em que os esperava na sala de aula, me surpreendi com um grupo dos alunos participantes chegarem até mim para agradecer a oportunidade proporcionada pelo projeto. Fiquei bastante emocionada com aquela atitude dos meus alunos e pude perceber a necessidade e carência que todo o discente possui de ser valorizado e aprender através de projetos que os valorize e motive.

Ao voltarmos do intervalo, continuamos a conversa a respeito da cidadania e sobre o nosso grande instrumento para lutar em favor dos direitos de cada um, o conhecimento! Devemos ter conhecimento, leituras para entendermos quais são os direitos que nos assiste como cidadão e lutar por eles. Não devemos nos calar e esperar que as coisas simplesmente aconteçam. Os discentes relataram as dificuldades por eles enfrentadas devido ao descaso público, como falta de água, saneamento básico, etc. A aluna 5, bastante indignada, abordou:

“é uma falta de respeito, professora, até hoje nós temos que esperar o dia que o carro pipa vem trazer água pra enchermos os vasos e passarmos a semana toda! Entra político, sai político e não resolve nossa situação!”

Aproveitando esta fala, continuei argumentando que eles eram os responsáveis pela mudança dessa situação, afinal, de que adianta votar em representantes locais e não cobrar deles os seus direitos? Todos ouviam com um olhar bastante reflexivo. Espero que realmente aquela semente tenha encontrado solo fértil nas mentes de cada um.

Em continuação, ouvimos a música de Igor Kannário, “Só queremos paz”, e os alunos foram questionados quanto ao seu conteúdo, o que eles observaram na letra da canção.

Aluno 9 - “os políticos pensam que somos animais por vivermos na favela”

Aluno 15 - “Eles tiram um por todos”

Aluno 6 – “somos da favela mais não somos marginais, só queremos paz!”.

Salientei para os alunos a parte que fala: “Aqui não tem bicho não, somos cidadãos”, mostrando mais uma vez que todos, independente de etnia, religião, moradia, são cidadãos e, portanto, possuem os mesmos direitos, ainda que estes sejam negados.

Prossigui com a dinâmica “Teatro de mímicas”, divididos em quatro grupos, os alunos foram desafiados a realizar uma encenação apenas com mímicas, retratando uma problemática enfrentada pelos periféricos que fere o direito de seu pleno exercício da cidadania, pedi que pensassem em tudo que havíamos discutido durante aquela oficina. A empolgação se fazia presente. Disponibilizei dez minutos para produção e breve ensaio. O resultado foi surpreendente! A primeira equipe a se apresentar retratou o descaso na fila do SUS, representando a situação de uma mulher grávida, periférica que chega ao hospital sentindo forte dores mas, não consegue atendimento imediato vindo a óbito ainda na fila, conforme observamos:

Figura 15 – Encenação “Fila do S.U.S”.



Fonte: Arquivo pessoal.

A segunda equipe trouxe como temática a corrupção policial que, para incriminar jovens negros periféricos, acabam colocando drogas em suas mochilas.

Figura 16 – Encenação “Policiais corruptos”

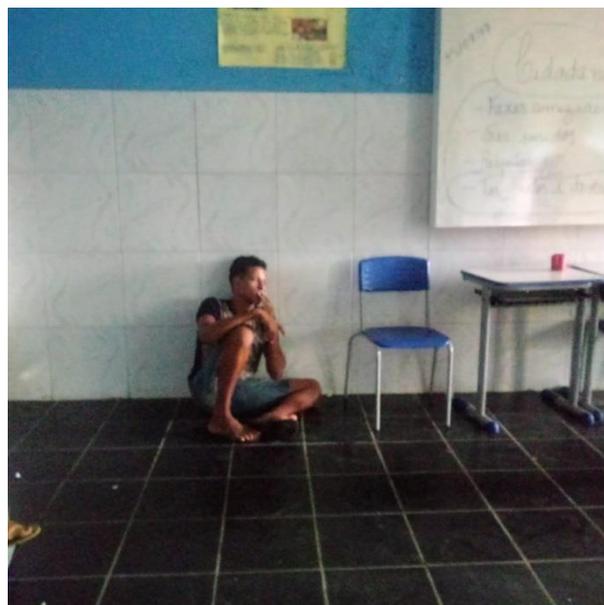


Fonte: Arquivo pessoal.

O terceiro grupo trouxe à cena uma temática que, infelizmente, tem levado muitos jovens: a “morte de inocentes”.

Por fim, a quarta turma encerrou as apresentações trazendo a temática da reabilitação, mostrando que é preciso um pouco de caridade em cada um de nós para tentarmos oferecer uma segunda chance aos jovens que se envolvem nas drogas e na marginalidade.

Figura 17 – Encenação “Jovem abandonado”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Todos ficaram bastante empolgados com as apresentações, inclusive eu, que não imaginava a participação da totalidade da turma, visto que muitos demonstravam durante as

aulas um elevado índice de timidez. Dialogamos sobre as temáticas ali expostas e o quanto aquelas cenas simbolizavam a realidade dos ambientes periféricos, daí a necessidade de protestarmos por nossos direitos, com vistas à melhoria dessa triste situação. Encerrei a oficina parabenizando a todos e relembrando a data do nosso próximo encontro.

### **Refletindo sobre a cena**

O desenvolvimento de atividades que contemplem a participação ativa dos alunos através de questionamentos, discussões foi bastante exitosa. Muitas vezes, atuando como professora nas aulas cotidianas, sempre me questioneei sobre a falta de participação dos discentes. Pude perceber que o que faltava era um sentido ao que se estava propondo para discussão. Os alunos não eram capazes de argumentar sobre o que não compreendiam, não fazia parte da sua realidade. Daí a necessidade de trazer para a sala de aula sempre algo relacionado ao cotidiano do aluno, para, então, poder partir para universos desconhecidos. Outra prática que os envolveu foi a atividade em grupo para realizar mímicas, precisei controlar a turma de maneira que todos pudessem participar. Isso mostra que o nosso questionamento frequente sobre alunos apáticos em sala de aula, não participativos, pode estar centrada no fato de não proporcionarmos momentos lúdicos e ao mesmo tempo, educativos. Ainda, nessa oficina, percebi a criatividade dos alunos ao elaborarem em poucos minutos encenações sem voz retratando situações vivenciadas pelos periféricos que ferem o seu pleno exercício como cidadãos. Como exposto no questionário, pude perceber, também, que a falta de informação sobre o que era ser cidadão, persistia, porém com as discussões travadas espero que eles tenham entendido sobre o conceito do pleno exercício da cidadania.

ROTEIRO N° 03

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 4 aulas**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

#### **ATO**

#### **ATO 3: ENTRANDO EM CENA**

#### **OBJETIVOS**

Refletir sobre as temáticas suscitadas pela letra da música;

Entender a importância da melodia das músicas;  
 Compreender o papel transformador da palavra;  
 Conhecer a literatura e autores periféricos;  
 Participar das discussões permitidas pelo texto;  
 Desenvolver a expressão oral e corporal;  
 Ler e interpretar os textos.

### CONTEÚDOS

Literatura periférica;  
 O poder da palavra;  
 Expressão corporal;  
 Expressão oral

### CENAS

1º Momento: declamação feita por mim da música “A teia”, de Igor Kannário, e posterior audição da versão original.

Justificativa: a ideia é que os alunos percebam e exponham oralmente as distinções que eles puderam perceber entre a forma declamada e cantada da letra da música. Prosseguiremos à reflexão de como as emoções afloradas durante a declamação trazem uma força maior ao conteúdo, que, muitas vezes, não é notado quando a letra é cantada. Ainda pensaremos sobre o poder também exercido pelo ritmo musical que traz consigo uma força expressiva tão grande como a letra.

2º Momento: refletindo sobre o conteúdo da canção. Ler trecho por trecho da música e inferir sobre a mensagem trazida pela canção.

Justificativa: a música “A teia” traz em seu bojo uma reflexão sobre nosso posicionamento frente à construção de uma história que nos permita não ser apenas mais um na sociedade. Uma alerta sobre a importância de termos voz e construirmos nossa própria história. Será aproveitado este momento para discutirmos que para a construção dessa história é necessário o conhecimento. É através do poder da palavra que podemos lutar contra as injustiças.

3º Momento: elaborar frases de protesto. Aproveitando as reflexões oriundas da atividade anterior, os alunos deverão elaborar frases de protesto e, logo após, socializar com os colegas a sua escrita utilizando da força expressiva da voz.

4º Momento: conhecer obras literárias periféricas. Divididos em quatro grupos, os

alunos receberão obras literárias periféricas e a biografia de seus respectivos autores para leitura e apreciação.

Justificativa: o contato com a obra periférica e história de vida de seus autores poderão proporcionar uma compreensão mais profunda dos motivos que levam uma obra a ser classificada como periférica. A discussão será mediada pela professora que levantará os seguintes questionamentos:

- ✓ Quais temáticas estão presentes nas obras?
- ✓ Como é a linguagem empregada?
- ✓ De onde são os autores das obras?

Dessa forma, pretende-se que os alunos consigam perceber que, para que a obra seja classificada como periférica, ela deve versar sobre temas próprios das periferias e seus autores serem oriundos de comunidades periféricas.

5º Momento: apresentação teatral da obra interpretada pelos grupos.

6º Momento: Posicionamento das obras e autores no painel “Registros Marginais”.

Justificativa: Este painel terá em sua composição espaço para posicionar os autores periféricos trabalhados não apenas nessa oficina, mas nas demais que se sucederão e, também, as divisões temáticas para que, após identificação dos temas das obras, os alunos possam posicioná-la em seu respectivo espaço.

### **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas;

Participação das discussões e dinâmica;

Encenação das obras;

Reconhecimento das temáticas dos textos.

### **RECURSOS NECESSÁRIOS**

Música de Igor Kannário “A teia” (impresa e em áudio);

Cópias das obras periféricas;

Imagens dos autores das obras trabalhadas;

Painel em folha de papel metro para montagem das temáticas.

### **REFERÊNCIAS**

<https://www.letras.mus.br/igor-kannario/a-teia/>

**FERRÉZ, O grande assalto. In: Ninguém é inocente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.**

No terceiro ato, ENTRANDO EM CENA, após todos se acomodarem, esperei o silêncio da turma e iniciei a declamação da música de Igor Kannário, “A teia”. Toda a classe acompanhou cada verso com um olhar surpreso, alguns balbuciavam a letra, uma vez que era conhecida deles. Antes que comentassem algo sobre a declamação, coloquei a música, dessa vez, cantada pelo próprio Igor Kannário para que eles pudessem ouvir. Após essa atividade, os alunos foram instigados a refletir sobre as diferenças que eles notaram entre a música cantada e declamada. O aluno A9 se posicionou: “Quando a senhora declamou ficou mais fácil entender a letra”, os demais alunos concordaram. Expliquei que isso acontece porque o ritmo musical que faz parte da melodia, muitas vezes, nos envolve de tal maneira que nem prestamos atenção ao conteúdo expresso na música. O aluno B concordou: “quando ouvimos a batida a vontade que dá é de dançar, mais nada!”

Assim conversamos que a música além de ser um instrumento de diversão também é um momento de reflexão. Dessa forma, iniciamos esse momento de pensar juntos sobre o conteúdo da letra musical trabalhada. Perguntei: “Qual a mensagem trazida por essa música?”

Aluno C: O respeito à favela.

Aluno D: Fala que precisamos não falar mal dos outros sem conhecer.

Após apreciação geral da música, fomos lendo frase por frase e discutindo a mensagem trazida pela canção; aos poucos, os discentes foram descobrindo o novo em um material que, para eles, era familiar; assim, a discussão foi bastante proveitosa, pois puderam refletir que cada um é o responsável em tecer e construir sua própria história de vida.

Qual a teia que você tece?

Qual a história que você escreve?

Qual é a teia que você tece?

Para não ser só mais um?. (CD Favela Pop Star, 2017)

Foi salientado que uma das maneiras de buscarmos um novo caminho para a nossa história é através do conhecimento. È através da palavra que podemos transformar vidas, mudar histórias, denunciar arbitrariedades. Nesse contexto, os alunos foram convidados a utilizar o poder da palavra para elaborar frases de protestos, empregando problemáticas que os

afligiam e os paralisavam na busca de seus sonhos. O resultado das frases de protesto foi admirável. Após todos terminarem, convidei-os a, de um a um, se posicionarem na frente da sala e falar de maneira teatral a frase de protesto por eles produzidos.

✓ “Minha cor não define quem sou, sou favela e quero respeito!”

(A5)

✓ “Me chama de Copa e investe em mim”.

(A10)

✓ Nós não vamos ser silenciados”.

(A9)

Ao final de cada colocação, os alunos aplaudiam seus colegas bastante empolgados, o que fez com que os outros que declamaram em seguida se sentissem mais à vontade para fazê-lo de maneira mais forte e segura. Comentei ao final da dinâmica que esta é a postura que devemos ter frente à sociedade: vozes fortes se fazendo ser ouvidas!

Ao regressarem do intervalo, os alunos foram divididos em três grupos e cada um recebeu uma obra periférica acompanhada de seu respectivo autor e biografia. Eles foram direcionados a fazer a leitura silenciosa da obra, para, posteriormente, apresentarem a obra e seus autores de maneira teatral. Os alunos, desde a aula anterior, já estavam bastante empolgados com a questão das apresentações, porém demonstraram dificuldades de leitura e interpretação das obras; dessa forma, fui de equipe em equipe fazer a leitura partilhada da obra e discutir com eles a mensagem trazida para que eles pudessem encenar.

Figura 18 – Grupo de discussão 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19 – Grupo de discussão 2



Fonte: Arquivo pessoal.

A equipe 1 ficou com a obra de Ferréz “ *O grande assalto*” e apresentou uma encenação narrada da obra. A equipe 2 ficou com a obra “*Crespo*” e relatou, através de uma encenação, o grande preconceito sofrido pelos negros em relação as suas características físicas, em especial, os cabelos. Já a equipe 3, apesar de ter ensaiado a composição de Mel Duarte, ficou nervosa no momento da apresentação e não concluiu o trabalho mesmo após conversarmos sobre o assunto.

Ao final das apresentações, posicionamos as obras trabalhadas e seus respectivos autores no painel “registros marginais”, identificando em cada uma as temáticas apresentadas.

### **Reflexão sobre a cena**

É notório o quanto os alunos ainda apresentam dificuldades no que tange à interpretação textual de maneira autônoma, mesmo de textos conhecidos, como as músicas de Igor Kannário, isso nos mostra o quanto essa intermediação do professor é importante para despertar no discente a reflexão necessária para realizar a interpretação.

A atividade de produção de frases de protesto foi bastante produtiva e reveladora, uma vez que os alunos puderam expor seus gritos e insatisfações no papel. Eles mostraram autonomia na realização dessa atividade e utilizaram também suas vozes para dar o tom necessário ao protesto produzido.

A criatividade mais uma vez se fez presente ao interpretarem teatralmente os textos da Literatura Periférica. Os alunos se mostraram mais uma vez muito empolgados na realização de atividades envolvendo técnicas teatrais, o que reforça a ideia de que o trabalho com teatro traz à tona o prazer do aprendizado como abordam Fiorindo e Wendell (2017):

É o experimentar/vivenciar, um conteúdo específico através da teatralidade do real, que leva o aluno a aprender através de uma história dramatizada, de um personagem ou movimentos corporais que surgem da ficção. Este viver corporal e emocionalmente a ficção mobiliza o aluno a estar mais livre para se expressar e mergulhar no conteúdo, numa dinamicidade, que anima e dá prazer. (p. 118).

Essa empolgação dos discentes me mostra que estou no caminho certo e que devo continuar com o trabalho envolvendo as técnicas teatrais para reforçar o aprendizado e trazer criatividade e ludicidade às oficinas.

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 6 aulas**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

### ATO

#### ATO 4: MINHA VOZ EM ALTO E BOM SOM

### OBJETIVOS

Ler e interpretar textos;  
 Refletir sobre a cidadania e a posição social do negro;  
 Participar das discussões permitidas pelo texto;  
 Reconhecer a importância da impoção da voz no teatro e em nossa vida social;  
 Desenvolver a expressão oral;  
 Apresentar o convidado/ poeta da periferia.

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
 Cidadania;  
 O negro e suas lutas na sociedade;  
 Expressão oral.

### CENAS

1º Momento: leitura do poema de Conceição Evaristo, “Vozes Mulheres”. A leitura será realizada pelos alunos de maneira teatral. Orientarei que prestem atenção à pontuação e à expressividade no poema. Após a leitura, os discentes receberão um questionário com as seguintes perguntas acerca do poema para posterior discussão.

- ✓ Por que o texto leva esse título?
- ✓ Quais representações de mulheres vocês identificam na poesia?
- ✓ Todas as vozes falam de um espaço/tempo iguais?
- ✓ Qual o seu pensamento sobre o desfecho da poesia?
- ✓ Qual dessas vozes representa você atualmente?

Justificativa: após reflexão e discussão sobre os questionamentos apresentados, principalmente no que tange ao grande preconceito sofrido pelas pessoas negras,

pertencentes às classes consideradas inferiores da sociedade, logo, sem condições de exercer sua cidadania, a professora/pesquisadora poderá expor para os alunos a grande dificuldade encontrada pelos escravizados no decorrer dos tempos, desde o período abolicionista até a pós-abolição ao que se refere a sua participação como cidadãos na sociedade, e que este é um processo que os acompanha até os dias atuais.

2º Momento: identificação da temática central do texto lido e apresentação da biografia da autora, Conceição Evaristo, para posterior posicionamento no painel Registros Marginais.

Justificativa: é necessário que o aluno encontre a temática central do texto para poder inferir sobre todo o discurso presente no poema. Sobre a biografia da autora, é imprescindível, mais uma vez, enfatizar que na literatura periférica os autores falam de um lugar ao qual eles pertencem, reivindicam através da palavra por mudanças. Além de que, conhecer a história de superação da autora, pode ser um a fonte de inspiração para os discentes.

3º Momento: apreciação da música de Igor Kannário, “Me Diz”, e discussão sobre a temática trazida na música.

Justificativa: Identificar na música que eles possivelmente já conhecem a temática sobre preconceito racial e como esse se acentua quando o negro é morador de regiões periféricas.

4º Momento: Produção de protestos orais.

Justificativa: utilizando a força expressiva da música e a questão da voz, em quartetos, produzirão um protesto, inicialmente escrito, mas que será gravado em áudio, nos aparelhos celulares, para exposição. A professora mais uma vez orientará o processo, salientando que o uso correto da impositação da voz é necessário, principalmente quando este é o nosso único recurso de transmissão de ideias.

5º Momento: Socialização das produções orais e discussão sobre o que foi produzido.

6º Momento (pela tarde): apresentação do responsável pela oficina, Denisson Palumbo, que refletirá com os alunos sobre o poder da voz em protestar por nossos direitos.

### **AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas;

Participação das discussões e dinâmica.

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Cópias do texto; (Obra de Conceição Evaristo, *Vozes Mulheres*. / Música de Igor Kannário, *Me Diz*.)

Recurso multimídia;

Aparelhos celulares.

### REFERÊNCIAS

<https://www.letras.mus.br/igor-kannario/me-diz/>

**Cadernos Negros**, vol. 13, São Paulo, 1990.

O quarto ato, “MINHA VOZ EM ALTO E BOM SOM”, foi dividido em dois momentos: pela parte da manhã, os alunos receberam o texto de Conceição Evaristo, “Vozes Mulheres” para leitura e reflexão. Pedi para que algumas alunas se dispusessem a fazer a leitura da obra na frente para os demais colegas, assim foram divididos os trechos que caracterizavam cada geração de mulheres na poesia para cada uma, ficando a última parte para a professora. Todas foram orientadas a fazer a leitura de maneira teatral, porém a dificuldade que muitas apresentam ainda no processo de leitura dificultou para que a atuação teatral pudesse aflorar. Ainda assim, todos os alunos acompanharam atentamente.

Ao final, questionei aos alunos sobre a força da poesia e se eles tinham percebido o motivo da divisão das vozes. Várias hipóteses foram levantadas pelos discentes, alguns salientaram a necessidade de todas participarem, outros relacionaram ao título da obra “Vozes Mulheres”, porém uma aluna evidenciou a presença das várias gerações marcadas no texto. Após essas reflexões iniciais, distribuí para os alunos um pequeno questionário contendo as seguintes perguntas:

- Por que o texto leva esse título?
- Quais representações de mulheres vocês identificam na poesia?
- Todas as vozes falam de um espaço/tempo iguais?
- Qual o seu pensamento sobre o desfecho da poesia?
- Qual dessas vozes representa você atualmente?

A dificuldade no processo de interpretação dos discentes ficou bastante clara. Muitas respostas eram vazias e sem ligação com o texto lido, mostrando o quanto é importante

desenvolver o senso crítico do nosso aluno para que ele não se torne apenas mais um reprodutor de informações prontas. Como exemplos de respostas temos:

- Por que o texto leva esse título?

*“Porque foi escrito por uma mulher.”* A12

*“porque as mulheres não tem o respeito.”* A5

*“Porque só tem mulheres narrando o texto.”*A8

- Qual dessas vozes representa você atualmente?

*“A bisavó.”* A12

*“A mãe.”* A5

*“A avó.”* A8

Discutimos as respostas sempre reforçando a ideia do poder da palavra em reivindicar por nossos direitos e como o processo de lutas é longo. Pedi ainda que eles identificassem a temática mais evidente naquela poesia, eles responderam “Mulher” e “Preconceito Racial”. Parabenizei-os pelas respostas e discutimos mais um pouco sobre a questão racial, sempre deixando os alunos a vontade para se manifestarem.

Durante a discussão sobre raça, a aluna 5 falou que não tinha nenhum preconceito, mas que ela achava as bonecas negras horríveis, assustadoras. A aluna 6, que possui um irmão negro, rebateu a colocação da aluna 5, dizendo que isso era preconceito sim, e completou relatando as múltiplas vezes em que ela presenciou tal situação para com sua mãe e seu irmão como, quando a maternidade de sua matriarca foi posta em dúvida pelo fato de ela ser negra e ter uma filha branca, ou quando dizem que seu irmão não parece ser seu parente por ter a pele escura.

Outra aluna, A7, também relatou sobre o que muitas mulheres falam das mães que tem filhos negros, “Barriga Suja”, mostrando profunda indignação com esse termo. Essa foi uma grande oportunidade para que eu pudesse evidenciar que diante destas indignações não podemos ficar calados. O poder da palavra, seja ela oral ou escrita, nos motiva e encoraja a mudar todo este preconceito instaurado na sociedade, apresentando como exemplo a vida da autora da poesia lida. Dessa forma, fiz a leitura de uma breve biografia de Conceição Evaristo, evidenciando as dificuldades por ela vivida e como ela encontrou na escrita um caminho para denunciar todas as arbitrariedades passadas. Também foi apresentada uma fotografia da autora, posicionada no Painel “Registros Marginais” juntamente com a sua poesia.

Dando continuidade à reflexão sobre o preconceito racial existente na sociedade, os alunos ouviram e acompanharam a música de Igor Kannário, “Me Diz”; ao final, discutimos mais uma vez sobre a questão do negro e como o preconceito ainda é maior quando este negro mora em uma favela. Os alunos relataram os muitos casos vivenciados por eles em que a polícia sempre olha de maneira diferente quando não param para a revista ou são agredidos pelo fato de serem confundidos com bandidos. Encerrando a primeira parte, os alunos foram divididos em cinco grupos e orientados a utilizar a força expressiva da voz para produzir protestos e gravarem no recurso de áudio do celular.

No período da tarde, aconteceu a segunda parte do Ato 4”; os alunos estavam ansiosos por essa aula, pois já havia anunciado para eles que teríamos a presença de um convidado especial, o jovem poeta “Denisson Palumbo. Quando cheguei à sala, o ambiente já estava arrumado e os alunos empolgados. Inicialmente, apresentei o convidado e, sem muita delonga, passei a palavra ao tão aguardado poeta. Com seu pandeiro e um jeito peculiar de entreter os discentes, Palumbo iniciou a apresentação recitando um poema nordestino, convidando os alunos a participarem com palmas. Via-se no rosto de cada um o entusiasmo e a alegria por estarem vivenciando uma experiência inovadora, conforme observamos:

Figura 20 – Oficina com professor Palumbo



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21– Orientação das atividades com prof. Palumbo



Fonte: Arquivo pessoal.

Após recitar e cantar com os alunos, Palumbo convidou cada um a se apresentar e utilizar rimas para enriquecer a sua apresentação. No primeiro momento, os alunos ficaram bastante tímidos, afinal alguém novo estava ali, eles não estavam se sentindo à vontade.

Porém com bom humor, o professor convidado foi conquistando a confiança dos discentes que, pouco a pouco, foram participando das atividades propostas.

Em seguida, Palumbo expôs brevemente sobre a poesia de protesto e como esta é utilizada pelos autores para reivindicar seu espaço, utilizando, como exemplo, os textos de Conceição Evaristo e a Música de Igor Kannário trabalhados no turno da manhã. Ainda lembrando esses textos, Palumbo solicitou e conduziu a produção de paródias, cujo trabalho foi desenvolvido com muita dificuldade. Ao final, apesar da proposta apresentada ter sido a realização de paródias, os alunos produziram paráfrases. Como exemplo, temos:

#### NÃO ME DIGA

A voz do meu pivete ecoou na quebrada,  
Nos becos da favela ecoou a criançada de uma infância sofrida  
A voz do meu amigo ecoou as revoltas

Dos brancos donos de tudo  
Recolhe em si as vozes mudas, caladas

A minha voz ecoou mas não adiantou  
Eu vim aqui para mudar e fazer a diferença  
Me diz quando essa onda vai parar

Eu sou só mais um negro  
Querendo fazer a diferença  
Eu vim para fazer a diferença e minha família ajudar  
Nunca me rendi e pra minha favela vou cantar.

Aqui o aluno A4 utilizou as duas composições (“Vozes Mulheres” e “Me diz”) para compor a paródia dando voz aos seus conflitos e problemáticas pessoais. Percebe-se que em alguns trechos da sua composição ele repete frases da poesia de Conceição Evaristo, porém, apesar da falta de domínio da técnica em elaborar paródias, consegue estabelecer conexões coerentes com os trechos por ele inventados. Ao final, o aluno A4, se distancia das obras referências, criando a sua própria composição.

#### NÃO ME DIGA

Foi mais uma mulher no gueto  
Que não teve oportunidade  
De fazer um curso  
Mas cedo foi trabalhar  
Para sua família ajudar

Não se rendeu á marginalidade  
Mas não adiantou

Foi casada com bandido  
Que logo cedo a matou.

Na composição da aluna A2 ela utiliza a música “Me diz” para produzir sua paródia, trocando “Me diz” por “Não me diga”, ela inverte o gênero do personagem principal, relatando um drama sofrido por muitas mulheres nas periferias. Também utiliza trechos idênticos aos da música base, porém, assim como na composição do aluno A4, consegue fazer conexões coerentes entre a música e a sua fala.

### **Reflexão sobre a cena**

Os alunos, como no decorrer de todo o projeto, continuavam se mostrando interessados nas temáticas apresentadas e dispostos a participar de todas as atividades. A questão da interpretação textual ainda continuava sendo um problema para eles. Talvez estivessem acostumados a retirar ideias prontas dos textos presentes nos livros didáticos como processo de interpretação em todos esses anos de estudo, porém, como se tratava de poesias, que são textos muito mais subjetivos, a interpretação era dificultada. Ainda assim, eles conseguiam encontrar a temática central trazida pelo texto, apenas quando partiam para a análise contextual é que os discentes necessitavam de um direcionamento ativo da minha parte. Isso nos revela o quanto é imprescindível o trabalho com textos desde as séries iniciais para treinar o leitor quanto à compreensão do seu conteúdo, desenvolvendo, assim, uma autonomia leitora do discente.

A atividade de produção de áudios revelou um crescimento dos alunos na questão da oralidade, por estarmos trabalhando frequentemente com a discussão de textos e problemáticas do cotidiano, eles desenvolveram uma segurança para falar sem medo dos erros. Mais uma vez, fica claro que os alunos precisam de estímulos para responder aos objetivos almejados pelos docentes. Não basta enchermos nossos planejamentos com objetivos sem antes contemplarmos as ações necessárias para desenvolver nos alunos o potencial para a realização daquele objetivo.

Nas atividades realizadas no turno da tarde, percebemos o quanto os alunos ficaram tímidos com a presença de alguém desconhecido, porém o professor convidado, utilizando a afetividade em sala de aula, conquistou os discentes envolvendo-os nas atividades propostas.

A única dificuldade apresentada pelos alunos foi no momento da produção das paródias proposta pelo professor Palumbo. Como este não era um gênero conhecido dos

discentes, houve a necessidade de um acompanhamento intenso. Tal dado revela a necessidade de um trabalho reforçado com o gênero textual almejado, mostrando a validade e uso do mesmo para o discente a fim de que o aluno compreenda sua aplicabilidade e modo de produção.

## ROTEIRO N° 05

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 100 min**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

### ATO

#### ATO 5: CORPO MEU

### OBJETIVOS

Ler e interpretar textos;  
 Refletir sobre o papel social da mulher;  
 Participar das discussões permitidas pelo texto;  
 Pensar sobre os estigmas que as mulheres carregam no decorrer dos tempos;  
 Levantar hipóteses sobre o preconceito existente em relação as mulheres e os cidadãos periféricos;  
 Expressar ideias teatralmente;  
 Desenvolver a expressão oral.

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
 Cidadania;  
 A mulher e suas lutas na sociedade;  
 Leitura e interpretação;  
 Expressão oral.

### CENAS

1º Momento: participação da dinâmica “Meu corpo fala”;  
 Justificativa: a turma será dividida em dois grandes grupos; um ficará responsável em

traçar no papel metro o corpo de um homem e o outro grupo traçará, com a ajuda de uma colega deitada no papel metro, o corpo de uma mulher. Logo após, será solicitado que os discentes escrevam nas diversas partes que compõem o corpo algumas palavras referentes às funções dela para a vida do homem ou da mulher (depende de qual molde o grupo estiver trabalhando). Pode ser uma função biológica, como reprodução, na parte dos genitais, e/ou simbólica, como determinação, na parte peitoral do molde.

2º Momento: continuidade da dinâmica, agora com vistas à reflexão dos resultados.

Justificativa: após a escrita, começaremos o momento de reflexão sobre o que foi descrito em cada parte fazendo o comparativo entre homem e mulher, os alunos serão estimulados a refletir sobre cada parte atentando para:

- Cabeça: os pensamentos e uso da razão;
- Braços e mãos: uso da força, violência, relação com os outros de carinho ou de abuso de poder;
- Barriga: hipervalorização dos padrões de beleza (magreza e músculos), gravidez;
- Genitais: exercício da sexualidade mais contido, ou mais exposto e incentivado;
- Pernas e pés; potencial de ação, iniciativa, determinação.

3º Momento: leitura da poesia do escritor periférico Felipe Hudson, “João Maria” para reforçar as discussões anteriormente levantadas pela dinâmica. Posicionamento da obra no painel “Registros Marginais”.

Justificativa: a poesia traz em seu conteúdo uma forte reflexão sobre os papéis de homens e mulheres defendidos pela sociedade machista e evolui para uma possível igualdade dos gêneros.

4º Momento: exibição de slides através do recurso multimídia sobre a evolução da mulher e seu direito à cidadania no decorrer dos tempos. Na atualidade, serão apresentadas as escritoras periféricas que utilizam o poder da palavra para reivindicar por seus direitos.

Justificativa: é importante que os alunos percebam as lutas constantes das mulheres durante os anos e como ainda existe muito para mudar. Também há o interesse em que os discentes compreendam a importância da Literatura Periférica e das escritoras nesse processo de lutas.

5º Momento: ouvir e refletir sobre a música “Aba Reta”, de Igor Kannário.

Justificativa: após reflexões acerca da dinâmica e slides, voltaremos a abordar, através da análise da música, a questão do corpo e suas inúmeras performances. Como representado na dinâmica de abertura, refletiremos o quanto nosso corpo fala sem palavras e, por isso, muitas vezes, somos estigmatizados pelo que está evidenciado no nosso exterior, estigmas estes enraizados no decorrer dos anos que trazem consigo as marcas indeléveis do certo e errado. Abordaremos ainda que, hoje, além das mulheres, os jovens periféricos também sentem na pele esses preconceitos quando parados por policiais apenas por andarem como “marginais” ou por estarem utilizando roupas de determinadas marcas “usadas apenas por bandidos”.

Os alunos poderão participar e também expor seus gritos e insatisfações, relatando se já foram vítimas destes tipos de abusos, tanto por parte dos meninos, quanto na questão feminina.

6º Momento: construção do novo perfil feminino.

Justificativa: para amarrar todos os questionamentos, a classe será dividida em duplas que receberão uma parte do corpo da mulher. Uns ficarão com os braços, outros com mãos, etc. a professora irá propor que os alunos, munidos de todas as reflexões e questionamentos levantados durante as aulas, escrevam a função simbólica exercida pela parte do corpo que eles têm em mãos. Ao final, os alunos serão convidados a apresentar aos colegas, utilizando seus corpos para expor o que foi escrito, montando, em seguida, o novo corpo da mulher. Buscaremos refletir sobre as características presentes no primeiro corpo, montado no início da aula, e o atual.

### **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas;

Participação das discussões e dinâmica.

### **RECURSOS NECESSÁRIOS**

Papel metro e piloto;

Cópias do texto;

Recurso multimídia;

Recortes das partes do corpo.

### **REFERÊNCIAS**

<https://www.letras.mus.br/igor-kannario/aba-reta/>  
<https://sentadonamuralha.wordpress.com/>  
Terra Fértil, (MIJIBA, 2014)

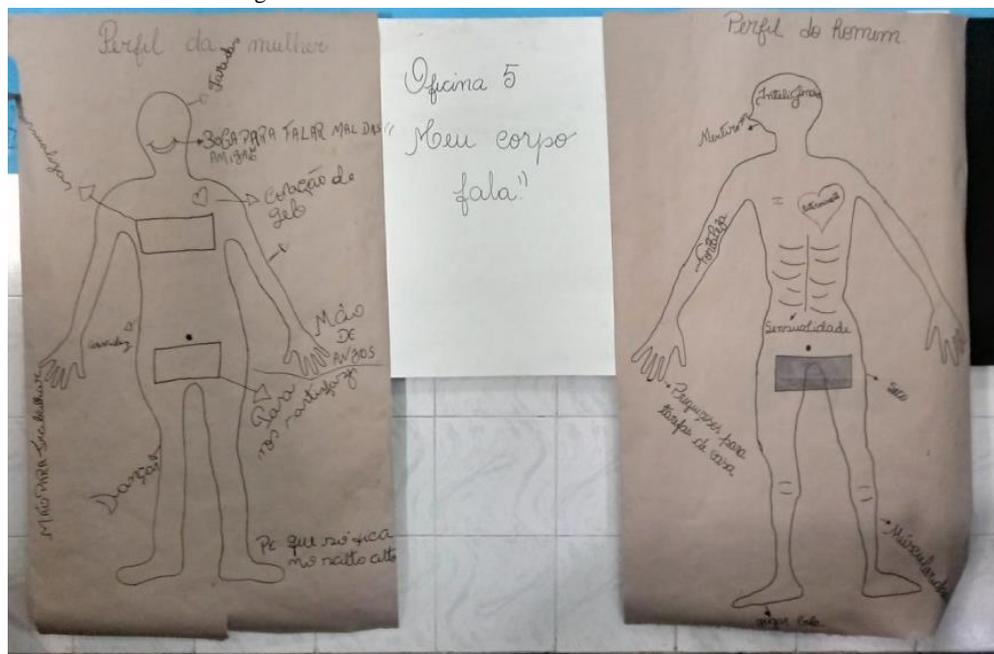
No ato 5, “MEU CORPO FALA”, apesar do número reduzido de alunos, apenas 15 compareceram, devido à necessidade de cumprimento de outras tarefas, a aula foi uma das mais repletas de questionamentos e discussões profícuas sobre a temática levantada neste ato. Inicialmente, sem deixar claro qual tema seria trabalhado, dividi a classe em dois grupos, um masculino e outro feminino, e entreguei a cada um grande pedaço de papel metro e piloto. Orientei que escolhessem um dos integrantes do grupo oposto para deitar sobre a folha de papel metro para traçar o perfil do corpo. Feito o desenho, orientei que os alunos escrevessem nas diversas partes (braços, pernas, tronco, etc.) algumas palavras referentes às suas funções para a vida do homem e/ou da mulher.

Ressaltei que poderia ser uma função biológica e/ou simbólica, logo de início, os discentes apresentaram bastante dificuldades quanto à escolha da palavra que colocaria. Necessitei conversar mais sobre o assunto instigando-os a pensar sobre o que eles achavam sobre cada parte, as meninas em relação aos meninos e os meninos em relação às meninas. O interessante nessa dinâmica é que um ficava olhando o que o outro estava colocando e a aluna 6, quando observou o que os meninos estavam escrevendo no corpo feminino, ficou bastante enfurecida, pegou uma folha do seu aderno e escreveu: “Sou Mulher, quero respeito!”, e ficou passeando na sala, mostrando aos meninos. Parabenizei-a pela atitude e disse que esse sentimento de revolta era normal e necessário, por isso estávamos realizando aquele projeto, para sabermos nos impor com sabedoria frente aos muitos preconceitos sofridos pelas mulheres, negros, pobres e periféricos. Após o término da atividade, posicionei, juntamente com os alunos, os perfis traçados lado a lado na parede para prosseguirmos à apreciação e discussão do que foi escrito em cada corpo.

Durante esse momento de colagem dos perfis na parede, notei a presença de dois ex-alunos na janela da sala que acompanhavam toda a atividade com um olhar bem curioso; depois de solicitar permissão dos alunos participantes do projeto, convidei-os para que, caso desejassem, entrassem para participar das atividades do projeto. Prontamente, eles tomaram lugar na sala bastante felizes. Assim, prosseguimos a atividade analisando o perfil do homem. Lendo cada parte, as meninas foram explicando o motivo de elas terem escolhido aqueles nomes para representar o corpo masculino, o resultado foi o seguinte:

- Cabeça: Inteligência
- Boca: Mentirosa
- Peito/ Coração: Determinação
- Barriga: Sensualidade
- Órgão genital: Sexo
- Braços: Fortaleza
- Mãos: Preguiçosas para tarefas de casa
- Pernas: Masculinidade
- Pés: Jogar bola

Figura 22 – Perfil masculino e feminino



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando passamos para a análise dos meninos em relação ao corpo feminino, a polêmica e a revolta mais uma vez se instauraram, a visão masculina foi marcadamente preconceituosa. A aluna 6, mais uma vez, se levantou com sua placa “Sou mulher, quero respeito”, e colocou-se na frente do perfil da mulher inscrito pelos meninos. Os ex-alunos, visitantes do projeto, contribuíram bastante em defesa das meninas, dizendo que aqueles nomes não representavam o que as mulheres eram e que todas mereciam ser mais respeitadas. Durante as discussões e análises, assim ficou o perfil feminino:

- Cabeça: Taradas

- Boca: Para falar mal das amigas
- Peito/ Coração: Sensualizar/ Coração de gelo
- Barriga: Gravidez
- Órgão genital: Para nos satisfazer
- Braços:----
- Mãos: Angelicais/ para trabalhar
- Pernas: Dançar
- Pés: Só ficam no salto alto

Aos poucos, ao fazer o comparativo, fui questionando se as funções que estavam no corpo feminino também não poderia fazer parte do corpo masculino e vice-versa. Dessa forma, os alunos foram refletindo que, na atualidade, essas diferenças já não existem mais e os próprios discentes do gênero masculino foram relatando que faziam em casa os serviços domésticos para ajudar sua família e que isso não fazia deles “mulheres”.

Para amarrar todas essas reflexões, encerramos essa primeira parte antes do intervalo, com o texto do escritor periférico Felipe Hudson, “João e Maria”. À medida que eu ia lendo, os alunos me acompanhavam completando o final de cada verso. Foi lindo ver a participação e ao mesmo tempo a empolgação em cada um deles ao descobrir em cada verso uma transformação da realidade e a brincadeira que o poeta fez com as palavras para relatar a igualdade que deve existir entre homens e mulheres. Ao questioná-los sobre o conteúdo do texto, foi clara a facilidade que eles tiveram na interpretação, uma vez que conseguiram relacionar com o que havíamos trabalhado na dinâmica inicial.

Aproveitamos para posicionar o autor e obra no painel de registros marginais, identificando a temática trabalhada no dia “Mulher”. Durante o intervalo, os ex-alunos que participaram do projeto ficaram conversando comigo, elogiando as temáticas e relatando que gostariam de ter participado desde o início. Fiquei bastante feliz e deixei-os à vontade para participarem das outras atividades que realizaria.

Voltando, utilizei o recurso multimídia para fazer uma viagem ao tempo e mostrar aos alunos como as mulheres eram tratadas e vistas desde a Antiguidade, suas lutas e conquistas em busca de representatividade e pleno exercício da cidadania. Ao passar alguns comportamentos relatados no “Jornal das moças”, da década de 50, os alunos se mostraram bastante perplexos e outros faziam algumas brincadeiras.

Expus para os discentes que as lutas contra esse preconceito se faz de muitas maneiras e que algumas mulheres utilizam o poder do conhecimento para, através da palavra em suas distintas manifestações, reivindicar por seus direitos. Dessa forma, apresentei para eles algumas escritoras que utilizam a palavra para lutar por direitos iguais evidenciando a presença cada vez mais constante da mulher e seu exercício da cidadania, que outrora era negado.

Para deixar claro que esta questão do preconceito atinge também os homens em relação ao modo de se vestir e se comportar frente a sociedade, ouvimos a música “Aba Reta”, de Igor Kannário. Perguntei quais trechos da música revelam o preconceito sofrido pelos jovens e os alunos identificaram o seguinte: “Aba reta e um bermudão, mão na cabeça deve ser ladrão”. Ainda argumentaram que, muitas vezes, os policiais realizam abordagens violentas apenas por acharem, que por estar vestidos como “malandros”, são bandidos. Para fechar esses questionamentos, lemos juntos o texto da escritora periférica Jeniffer Nascimento, “O grito”. Os alunos atinaram para a semelhança entre este texto e o trabalhado na aula passada, “Vozes Mulheres”, de Conceição Evaristo. Assim, discutimos os conceitos presentes no texto associando ao texto já estudado e refletindo sobre a temática do dia.

Ao final, alertei-os que, após tantas discussões, leituras e reflexões, não poderíamos sair daquela oficina com o mesmo pensamento que entramos. Assim, distribuí para os alunos partes do corpo feminino e dividi a turma em duplas para que agora escrevessem na parte do corpo recebido a função simbólica. Em seguida, cada dupla foi à frente da sala levar a sua parte do corpo e apresentar qual palavra havia colocado, explicando-a. Após montado todo o corpo, realizamos o comparativo do primeiro perfil e último montado por eles nesta dinâmica, obtendo o seguinte resultado:

- Cabeça: Inteligência
- Peito: Determinação
- Braços: Poder e objeto para vencer suas lutas
- Órgão Sexual: Respeito
- Pernas: Força e Luta
- Pés: Liberdade e Determinação

Figura 23 – Novo perfil da mulher



Fonte: Arquivo pessoal.

Finalizando, discutimos as diferenças existentes no primeiro perfil feminino e no novo perfil agora montado por eles. Foi interessante presenciar o quanto eles estavam contentes em defender a nova visão da mulher que agora concebiam. Em seguida, posicionamos autores e obras nas temáticas do painel “Registros Marginais”.

### **Reflexão sobre a cena**

Essa oficina evidenciou o quanto há a necessidade de trabalharmos em prol da retirada de conceitos enraizados na nossa sociedade principalmente no que tange à visão machista em relação à mulher. O uso da dinâmica para ilustrar esse processo foi imprescindível para que os alunos percebessem a necessidade de uma mudança de postura. E essa mudança foi comprovada com a construção final do novo perfil feminino.

Com uma mentalidade reflexiva já bem desenvolvida nas outras oficinas, pude perceber o quanto os alunos aproveitaram bem cada informação que chegava até eles, o que proporcionou esse novo posicionamento.

Outra habilidade que já está bem consolidada entre os discentes é o uso da palavra como protesto. Isso se fez presente, principalmente, quando as meninas questionavam com suas vozes ou com cartazes improvisados as palavras que os meninos tinham colocado no perfil feminino.

Outra evolução percebida concentra-se na participação dos mesmos, antes apenas se manifestavam quando questionados, porém, no decorrer do projeto, foram se tornando autônomos em suas análises e questionavam sem prévio direcionamento.

A partir dessa oficina, pude perceber os efeitos que brotavam do projeto, sentindo-me mais aliviada e desafiada a continuar estimulando o potencial dos meus alunos, para atingir meu objetivo de desenvolver esta mentalidade cidadã em cada um.

ROTEIRO N° 06

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 100 min**  
**Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_**

### ATO

#### ATO 6: O CENÁRIO

### OBJETIVOS

Ler e interpretar textos;  
 Refletir sobre a visibilidade da favela inscrita nas obras da Literatura Periférica;  
 Participar das discussões permitidas pelo texto;  
 Pensar sobre os estigmas carregados pelos residentes das zonas periféricas;  
 Levantar hipóteses sobre o cenário que compõe um ambiente periférico;  
 Expressar ideias teatralmente;  
 Desenvolver a expressão oral;

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
 A favela e sua visibilidade;  
 O cenário periférico e seus estigmas;  
 Leitura e interpretação;  
 Expressão oral.

### CENAS

1º Momento: exibição da música “O jogo é duro”, de Igor kannário.  
 Justificativa: a música retrata cenas do dia a dia na favela, por isso, os alunos serão

questionados quanto a temática trazida na música, se a letra representa um fato real da nossa sociedade ou apenas uma fantasia. Ainda serão questionados sobre a realidade de cada um deles em relação àquela abordada na música.

2º Momento: participação da dinâmica “Faço parte do cenário”.

Justificativa: dispostos em grupos, serão disponibilizadas para a classe algumas imagens pertencentes à paisagem cultural (casas de todos os tipos, edifícios, postes de eletricidade, piscinas, barracas, hipermercados, mercadinhos, etc); os discentes precisarão montar o cenário de uma comunidade periférica e de uma comunidade central. Ao término da montagem, os alunos serão questionados sobre suas escolhas. Logo após, a professora oferecerá um outro grupo de imagens, agora contendo pessoas de todos os tipos, de diferentes profissões e vestidas com trajes diversos. Pediremos aos alunos que posicionem as pessoas que devem fazer parte daqueles cenários. As escolhas efetuadas pelos discentes também serão fruto de uma discussão em classe a fim de analisarmos os motivos das escolhas.

3º Momento: reflexão e discussão sobre os questionamentos apresentados no texto, “Os Miseráveis”, de Sérgio Vaz, que evidencia esse contraste existente entre os moradores da periferia e centro. Posicionamento do texto no painel “Registros Marginais”

4º Momento: continuidade da dinâmica acrescentando palavras relacionadas a cada cenário e discussão a respeito do resultado final dos cartazes.

Justificativa: O objetivo dessa dinâmica é que os alunos percebam o quanto temos em nossas mentes uma opinião formada a respeito das características de cada ambiente, opiniões estas que, muitas vezes, estão relacionadas a um preconceito que promove e prolifera a segregação social.

5º Momento: produção escrita em verso ou dissertação do conteúdo que tinham aprendido durante a oficina e partilha das produções para os colegas.

### **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas;

Participação das discussões e dinâmica.

### **RECURSOS NECESSÁRIOS**

Imagens pertencentes a paisagem cultural e imagens de diferentes pessoas;  
 Cenários (periférico e central);  
 Cópias do texto;  
 Recurso multimídia.

### REFERÊNCIAS

<https://www.letras.mus.br/igor-kannario/o-jogo-e-duro/>  
 VAZ, Sérgio. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2013.

No ato 6, “O CENÁRIO”, procuramos refletir sobre o processo de visibilidade da favela a partir do olhar preconceituoso já instaurado nas sociedades, desconstruindo essa visão com base nos textos das obras literárias periféricas. Para tal, iniciamos a oficina ouvindo a música do cantor Igor Kannário, “O jogo é duro”, Ao término, questionei sobre a temática da música e se a letra representava realmente aquilo que acontecia nos bairros periféricos. Os alunos responderam que realmente essa era uma realidade das regiões mais pobres e que, hoje em dia, as meninas estão cada vez mais engravidando cedo e perdendo a sua juventude. Eles também falaram sobre a questão de que nem todos que moram nas periferias são bandidos ou pessoas ruins, apesar de enfrentar uma vida bastante difícil.

Para provocá-los mais sobre essa temática, convidei-os a participar da dinâmica “Faço parte desse cenário”. Dividi a classe em dois grupos e dei a cada um uma folha de cartolina, cola, tesoura e imagens variadas de casas, praças e estabelecimentos comerciais. Informei que um grupo ficaria responsável pelo centro e outro pela periferia. Assim, expliquei que cada grupo deveria montar o cenário referente à temática que ficou responsável utilizando as imagens oferecidas. Ao final da montagem, pedi para que cada grupo apresentasse para seus colegas o cenário que eles haviam montado e explicasse as escolhas. Iniciamos pela equipe da periferia. A aluna iniciou sua fala cumprimentando os colegas e explicou que havia escolhido aquelas imagens, pois eram as que mais representavam a periferia:

**As casas:** “as casas são pobres e uma em cima da outra”.

**O posto de saúde:** “Lotado de gente e cheio de pessoas sem atendimento correto, largadas pelo chão, nossos direitos não são respeitados”.

**O supermercado:** “Essas são as conhecidas vendinhas ou mercearias, na favela não tem supermercado.”

**Área de lazer:** “Qualquer campinho de terra ou terreno vazio é um espaço para brincar dos mais pobres, não temos praças nem parques”.

Em seguida, foi a vez da equipe do Centro apresentar o que tinha produzido. O aluno iniciou também cumprimentando a classe e explicou as escolhas das imagens:

**As casas:** “como podemos ver, as casas são bem bonitas, grandes e luxuosas, coisas que na periferia não tem”.

**Os hospitais:** “como vemos, os hospitais são bem grandes e não há filas, basta ter dinheiro e é atendido.”

**O supermercados:** “No centro acha de tudo, são supermercados muito grandes”

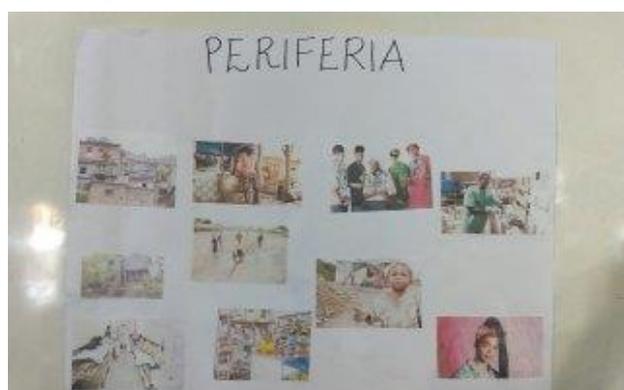
**Área de lazer:** “As crianças se divertem muito, tem praças bonitas, parques”.

Após as duas equipes se apresentarem, questionei sobre os motivos de as imagens pertencentes ao centro não poderem fazer parte também da periferia. A aluna 5 questionou: “Ah professora! Na periferia, é tudo pobre, ninguém liga para nós não! Afirmei que esse era o motivo de precisarmos estudar e aprender, para reivindicarmos por melhores condições, seja no centro ou na periferia. Como cidadãos, todos, independente do lugar social, temos os mesmos direitos. Nessas horas em que os fazia refletir sobre a função de cada um deles na sociedade, sentia que ficavam pensativos, olhavam para mim com um olhar duplo, ora de “Você tem razão”, ora “Ninguém vai nos ouvir, eles não se importam”.

Dando continuidade à dinâmica, distribui para os grupos imagens de diferentes tipos de pessoas, de várias raças e de diferentes profissões e pedi que posicionassem no seu cenário montado: Periferia e Centro.

Nessa parte da dinâmica, pudemos comprovar o quanto os estereótipos estão encrustados nas mentes. Não aprofundei a discussão inicial justamente para não influenciá-los nas escolhas para essa segunda parte da dinâmica. Negros e profissões mais humildes foram posicionadas na periferia, os brancos, louros de olhos azuis e as profissões mais bem remuneradas ficaram no cartaz do Centro.

Figura 24 – Cartaz Periferia



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25 – Cartaz Centro



Fonte: Arquivo pessoal.

Convidei para que cada equipe colocasse seu cartaz na lousa para compararmos e discutirmos. Iniciei perguntando: “porque essa menina não pode fazer parte do centro?” (apontei para a imagem da jovem negra que os alunos tinham colado na periferia). A aluna 8 respondeu: “Porque ela é preta, professora!” Esse cabelo dela é da quebrada!”. Continuei indagando: “E o médico, porque não pode ser da periferia?” O aluno 1 respondeu: “Oxe, professora! Para ser médico precisa de muito dinheiro, tem que ser rico! Onde já se viu um favelado médico?”

Aproveitando as respostas, pude iniciar com eles uma reflexão sobre o quanto somos preconceituosos com nós mesmos, que deveríamos acreditar mais na nossa força, pois todos podemos pertencer a qualquer espaço e ocupar as mais distintas profissões. Apesar da falta de oportunidades e espaço para os jovens periféricos, ainda podemos contar com nosso esforço! Parados, não fazemos nada! Questionei ao aluno 1: “Você não quer ser médico?” Você não é periférico? Isso vai te impedir?. Ele pensou um pouco e respondeu: “Verdade professora, vou estudar muito para ser médico, com fé em Deus!”

Para mediar esse debate, declamei a poesia “Os miseráveis”, do escritor periférico Sérgio Vaz. Os alunos puderam interpretar a poesia posicionando cada personagem em seu cenário correto. Perceberam, também, que mesmo em meio às oportunidades oferecidas ao Jovem rico, Hugo, ainda assim seguiu pelo caminho da criminalidade, porém, por ser rico, não era descoberto e vivia livre. O aluno 5 ainda conseguiu fazer relação da poesia lida com o material trabalhado na oficina 2, o conto de Ferréz, mostrando, assim, o quanto eles estavam avançando no sentido de conseguir estabelecer a intertextualidade.

Em meio às reflexões sobre o texto e a temática do dia, fui surpreendida com um questionamento do aluno 15: “Professora, muito legal todos esses questionamentos e discussões mas, isso vai servir para qual disciplina aqui da escola?” Confesso que, nesse momento, de maneira muito rápida, refleti sobre todo o trabalho que me acompanhava para realizar aquele projeto e meu aluno queria ver sentido nele para as disciplinas. Respondi: “Para a disciplina da vida, meu amor!”. Conversei com ele e com toda a turma que as discussões ali travadas, os questionamentos levantados, serviam para que cada um pudesse refletir sobre seu papel na sociedade e, assim, portadores de conhecimento, não deixar que ninguém os enganem ou manipulem. O conhecimento é o único bem que não pode ser furtado de nós.

Ainda acrescentei que é importante aprender as regras gramaticais, as quatro operações, a história do mundo, mas que também é preciso aprender a ler, a refletir, a questionar. Os alunos ficaram mudos, parados, me olhando. Talvez, refletindo sobre minhas

palavras e o quanto precisavam abrir suas mentes para o novo. Voltando à dinâmica, para finalizar, os alunos foram convidados a acrescentar aos cartazes palavras que estivessem ligadas àqueles cenários.

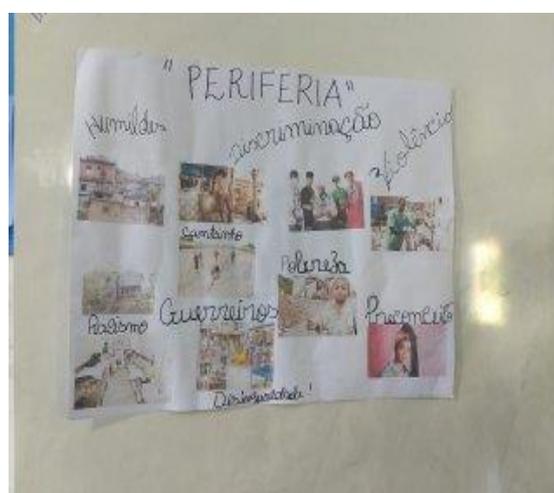
As palavras escolhidas para cada cenário foram discutidas, a aluna 7, ao falar sobre “Se acham melhores”, presente no cartaz do Centro, salientou o quanto os alunos do Balão Mágico (escola localizada no centro de São Félix), se acham melhores que eles. Afirmou que sempre quando se encontram nos eventos realizados pela Secretaria de Educação, eles os chamam de “foveiros, burros, favelados”.

Figura 26- Cartaz Centro 2



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 27 – Cartaz Periferia 2



Fonte: Arquivo pessoal.

Para finalizar nosso ato pedi que os alunos escrevessem em forma de verso, ou dissertação, uma mensagem sobre o que eles tinham compreendido sobre aquela oficina. A seguir, dois dos textos produzidos pelos alunos:

#### PERIFERIA

Qual a diferença entre os que moram no centro para os que moram na periferia se todos são iguais? Quando uma família negra, periférica consegue se formar ou consegue um futuro melhor é novidade, e se uma pessoa do centro consegue passa muito tempo sendo bem falada.

Porque as pessoas do centro têm supermercados, grandes hospitais e as da periferia tem as famosas vendinhas e postos? Se todo são seres humanos, todos tem que ter os mesmos direitos independentemente de cor ou aparência. Os periféricos são humildes e não ladrões.

RESPEITA OS PERIFÉRICOS! (A 4)

Esse texto revela a voz de alguém indignado com as grandes disparidades existentes entre centro e periferia e preconceito vivido pelos periféricos. Logo, mostra que a aluno conseguiu refletir sobre as injustiças e descaso que os periféricos enfrentam. Ainda sobre a atividade:

#### NEGRO SOFREDOR

Como falar do povo negro que toda dia sofre o preconceito?  
Sem poder se defender  
Somente levando a dor no peito  
Vamos respeitar o próximo independente da sua cor  
Hoje sou eu, amanhã pode ser você a enfrentar esse desamor! (A14)

Utilizando a arte poética, a aluna A15 também evidencia o sofrimento que o periférico, em especial, o negro, sofre com o grande preconceito instaurado na nossa sociedade. Com sua poesia, ela também evoca uma postura de respeito mostrando que todos estão sujeitos a serem vítimas de preconceito um dia.

#### **Reflexão sobre a cena**

Mais uma vez, procurei direcionar a atividade proposta de maneira que o posicionamento dos alunos fosse o centro. Primeiro, foi necessário ouvi-los para, posteriormente, questionar sobre cada fala e ato. Dessa forma, os alunos ficaram livres para produzir o material proposto. Posteriormente, ao refletirmos sobre o que eles haviam exposto, pude perceber o quanto já eram capazes de inferir utilizando as informações obtidas nas demais oficinas para reforçar os questionamentos. Isso nos mostra que os discentes aprenderam sobre as temáticas trabalhadas, pois utilizavam de maneira coesa cada discussão antes realizada. Apesar dessa constatação, ainda é notória uma mentalidade engessada por parte dos alunos no que se refere aos estereótipos dos moradores da periferia.

Sobre o questionamento levantado por um dos alunos, sobre a validade do projeto para as disciplinas, podemos refletir sobre o quanto as escolas têm-se omitido no trabalho de uma mentalidade reflexiva do aluno nos assuntos relacionados à vivência diária de cada discente. A preocupação centrada na aprendizagem de conteúdos “livrescos” tem sido um dos grandes entraves na nossa educação. Os alunos saem preparados para fazer um vestibular, passar em um concurso (quando saem), mas não estão preparados para viver socialmente, refletir sobre suas mazelas e lutar contra elas.

Voltando à atividade, as ideias obtidas no momento de reflexão puderam ser representadas através das palavras em forma de dissertação e prosa mostrando a competência argumentativa dos alunos a respeito da temática trabalhada. Apesar de os textos não apresentarem uma estrutura devidamente organizada, as ideias neles contidas demonstraram o quanto cada um havia compreendido sobre a temática.

## ROTEIRO Nº 07

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**

**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**

**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**

**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 4 aulas**

**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

### ATO

#### ATO 7: INTRPRETANDO O TEXTO

### OBJETIVOS

Ler e interpretar textos;

Refletir sobre a importância dos estudos para a formação cidadã;

Participar das discussões permitidas pelo texto;

Praticar a escrita como processo de expressão da representatividade da leitura em suas vidas;

Refletir sobre os empecilhos que dificultam o caminho das pessoas, em especial as periféricas ao acesso ao conhecimento;

Pensar sobre o uso da palavra e seu papel transformador;

Expressar ideias teatralmente;

Desenvolver a expressão oral.

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;

A importância da leitura;

Leitura e interpretação;

Expressão oral.

### CENAS

1º Momento: reflexão e discussão das temáticas trazidas pelos textos (tirinha de Mafalda, Trecho da obra “Quarto de despejo”, de Maria Carolina de Jesus e Poema de Sérgio Vaz).

Justificativa: apresentados em diferentes tipos textuais: tirinha, diário e poema, espera-se que os alunos consigam relacionar os textos e identificar a temática central que os une. Em seguida, discutir as ideias apresentadas em cada obra.

2º Momento: leitura e reflexão da obra de Drummond, “No meio do caminho”.

Justificativa: após leitura, os alunos serão questionados sobre o que seriam essas pedras de que trata o poema a fim de avançarmos para a execução da dinâmica seguinte.

3º Momento: participação na dinâmica “No meio do caminho tinha uma pedra”;

Justificativa: Após abordar sobre como a educação, na lei, direito de todos, ainda continua sendo um privilégio de uma minoria, esta atividade consiste, em distribuir para grupos algumas pedras com espaços em branco que serão preenchidos com palavras relacionadas às possíveis dificuldades encontradas pelos jovens, em especial, os marginalizados, no seu caminho até a escola. A professora terá previamente montado o cenário com um manequim (representação do jovem) e a escola. Os alunos, após cumprirem a atividade, deverão um a um ir até o cenário montado e explicar o valor simbólico da sua pedra, colocando-a entre o jovem e a escola.

Refletiremos sobre o peso de cada pedra ali representada e se essas também fazem parte da vivência de cada um deles.

4º Momento: continuidade da dinâmica

Justificativa: para encerrar a dinâmica, os discentes serão desafiados a levar o jovem do cenário até a escola. Para isso, irão, um a um, de maneira teatral, apresentar soluções para a inexistência daquelas pedras e retirá-las do meio do caminho daquele jovem. Dessa forma, a professora poderá proporcionar aos discentes uma maior reflexão sobre como é possível enfrentar as dificuldades impostas a nós e caminharmos na direção dos nossos sonhos.

## **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas;

Participação das discussões e dinâmica.

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Cenários para a dinâmica;  
Cópias do texto;  
Recurso multimídia.

### REFERÊNCIAS

VAZ, Sérgio. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2013.  
<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>

O ato 7, “INTERPRETANDO O TEXTO”, foi o momento de refletirmos sobre a importância dos estudos, em especial, da leitura para o pleno exercício da cidadania. Iniciamos com a contemplação de três imagens (tirinha de Mafalda, Fragmento da obra “Quarto de despejo”, de Maria Carolina de Jesus e um texto de Sérgio Vaz do seu livro “Flores de Alvenaria”).

Alguns alunos, espontaneamente, realizaram a leitura das imagens e, em seguida questionei qual seria a temática trabalhada naquela oficina. Uns responderam: “ livro”, outros disseram “leitura”. Parabenizei-os pelas respostas e acrescentei que falaríamos sobre a importância dos estudos de uma maneira geral, em especial a leitura. Relembrei a pergunta que o aluno havia feito, na oficina anterior, sobre o aproveitamento daquelas discussões para as disciplinas escolares. Enfatizei que a leitura nos liberta das amarras que a sociedade tenta nos prender.

Logo após, perguntei: hoje, são todos que têm direito à educação? O aluno 17 respondeu: “Sim, porém que as escolas estão muito ruins. Tipo a nossa, não tem um campo decente para brincarmos, a biblioteca está toda bagunçada e nem abre para agente entrar!”

O aluno 6 acrescentou: “nem dá a senha da internet para a gente, nem tem computador”!

Aproveitando essas queixas, acrescentei que eles, enquanto cidadãos, possuem o direito a todas essas vantagens questionadas, e que cabe a cada um deles reivindicar junto com pais e familiares aos órgãos responsáveis. “Calados, vocês não conseguirão nada!”

Para reforçar essa ideia do sucateamento da educação, em específico, nas zonas periféricas, os alunos foram convidados a participar da dinâmica “No meio do caminho tinha uma pedra”. Para começar, li para os discentes a poesia de Drummond, “No meio do caminho”. Os alunos acompanharam a leitura bastante entretidos em cada palavra

pronunciada. A seguir, questioneei: “e essa pedra apresentada na poesia é uma pedra física, real?” A aluna 4, sempre muito participativa, respondeu: “São as dificuldades, professora!”.

Muito feliz, falei: “Agora vocês, movidos pela mensagem desse poema, irão formar duplas para pensar: quais são as dificuldades impostas aos meninos e meninas das periferias para trilhar o caminho da educação?”

Distribuí para cada dupla uma pedra confeccionada no papelão e um pitoto e pedi que escrevessem a dificuldade encontrada pelos jovens periféricos na sua trajetória educacional. Também, ofereci para a turma um pedaço grande de papel metro para que desenhassem a escola e um caminho até ela.

Ao término dessa atividade, pudemos apresentar para a turma o que cada um tinha colocado em suas pedras. Posicionei na parede a ilustração feita por eles e coloquei ao final do caminho um manequim representando o jovem periférico. Dessa forma, pedi para que cada dupla se posicionasse na frente da sala, falasse a dificuldade e colocasse a pedra entre o jovem e a escola.

As pedras foram:

- ✓ Racismo;
- ✓ Preconceito;
- ✓ Drogas;
- ✓ Discriminação;
- ✓ Violência;
- ✓ Falta de transporte público

Após todos terem-se apresentado, fizemos uma leitura geral das pedras ali posicionadas e pudemos verificar que são muitas as dificuldades para o jovem da periferia ter acesso à educação de qualidade. Os alunos chegaram a comentar a dificuldade encontrada por muitos deles para estar ali na escola. Muitos moram em regiões em que o transporte não têm acesso, logo têm que caminhar quilômetros até chegar ao ponto de ônibus, atravessando rios e matagais. A seguir, as pedras apresentadas pelos alunos:

Figura 28 – Painel pedras do caminho



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final da dinâmica, pedi que, mais uma vez, as duplas chegassem até a frente da sala e retirassem a sua pedra do meio do caminho apresentando uma solução para acabar com aquela dificuldade. Fui surpreendida com a grande revolta dos alunos que não apenas retiraram as pedras, mas chutaram com tanta força, como se quisessem, a partir daquele ato, realmente por um fim naquelas dificuldades. As soluções apresentadas foram:

- ✓ Racismo - DEVEMOS ACABAR COM AS DIFERENÇAS
- ✓ Discriminação - TEMOS QUE SER IGUAIS
- ✓ Falta de transporte escolar - DEVEMOS DENUNCIAR
- ✓ Drogas - DIGA NÃO
- ✓ Preconceito - TEMOS QUE SER IGUAIS E TRATAR COM AMOR

Ao final de cada fala, de maneira espontânea, os alunos iam aplaudindo os colegas. Assim, após todas as pedras terem sido retiradas do caminho, pedi que um aluno levasse nosso boneco até a escola. Solicitei que todos festejassem aquele acontecimento e pensassem que não importam as pedras que estejam no nosso caminho, se estivermos munidos de informação e conhecimento, acharemos soluções para retirá-las e prosseguirmos rumo aos nossos sonhos.

Finalizamos nossa oficina, posicionando o texto lido na última temática das oficinas.

### **Reflexão sobre a cena**

A leitura de textos diferenciados permitiu-me a constatação de que os alunos avançaram quanto à reflexão dos conteúdos advindos dos textos. Todos conseguiram inferir sobre as temáticas apresentadas estabelecendo a intertextualidade.

Mais uma vez os alunos mostraram grande disposição na realização das atividades em grupo, principalmente quando envolvia a ludicidade. Ainda pude constatar um avanço no quesito argumentação, quando pedi que falassem sobre suas pedras e apresentassem soluções para removê-las do meio do caminho.

#### ROTEIRO Nº 08

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 100 min**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

### ATO

#### ATO 8: ENSAIOS

### OBJETIVOS

Ensaiar as apresentações.

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
 Dança;  
 Teatro.

### CENAS

1º Momento: Escolha das obras para apresentação e diálogo de como os textos escolhidos poderão ser apresentados e quais recursos serão utilizados.

2º Momento: Divisão da sala em grupos

Justificativa: para que todos participem ativamente da culminância do projeto torna-se necessário dividir a sala em grupos atribuindo responsabilidades para cada um.

3º Momento: Ensaios das obras escolhidas.

### AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Execução das tarefas propostas

Participação dos ensaios.

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Textos para leitura;

### REFERÊNCIAS

VAZ, Sérgio. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2013.

<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>

ROSA, Allan Santos da. **Da Cabula**. São Paulo: Global Editora, 2008.

<http://www.danielgtr.com/spoken-poetry/o-menino-e-um-farol.html>

No ato 8, ENSAIOS, iniciamos com uma retomada dos textos que tralhamos durante as oficinas no intuito de selecionar quais poderiam fazer parte da nossa apresentação. Salientei que os demais textos seriam distribuídos para as outras turmas da escola que também seriam convidadas para participar do sarau Literário de encerramento do nosso Projeto. Enquanto discutíamos, a aluna A12 sugeriu a apresentação da música de Iza, “Pesadão”. Em outra oportunidade, de maneira informal, havia exposto para ela que as músicas de Iza também tinham uma vertente de obra periférica, uma vez que versava sobre assuntos da periferia e sua intérprete era uma moradora de regiões periféricas.

A turma ficou empolgada com a sugestão e permiti que a música fizesse parte do Sarau; como tinha a música no celular, pus na caixa de som e discuti com os alunos a temática ali abordada. Outra escolha musical foi a música de Igor Kannário, “Aba Reta”, em meio às sugestões apresentadas de como ela seria levada ao público, acordou-se em fazer uma apresentação teatral utilizando sua letra como roteiro; por fim, pensamos em outra equipe falar sobre as temáticas que foram trabalhadas durante o projeto com o intuito de informar o público.

Com as apresentações definidas, dividimos os grupos a partir dos interesses pessoais e afinidade com o recurso (dança, interpretação teatral e exposição oral). Um grupo de cinco alunos não demonstrou interesse em participar de nenhum dos trabalhos; apesar de conversar com os mesmos, não pude forçá-los, mas deixaram claro que estariam no dia do Sarau para ajudar no que fosse necessário.

O grupo de dança se reuniu e achou melhor buscar alguém de fora, que trabalhasse com coreografias para ajudá-los: “Não queremos fazer feio, professora!”, elucidou a aluna A2.

Com o grupo de teatro, nos reunimos para pensar em como poderia ser as sequências das apresentações; aos poucos, cada um foi sugerindo e eu realizava as anotações no papel para serem passadas ao professor de Educação Física, que também ficaria responsável em ensaiá-los.

Já os discentes responsáveis pela exposição oral das temáticas trabalhadas no projeto se organizaram para escrever uma mensagem retratando cada um dos temas; logo após, fiz a correção com cada um deles e procedemos aos ensaios.

Vale ressaltar que este ato, ENSAIOS, estendeu-se por outros dias, visto a necessidade de tempo para que a dança e teatro ficassem bem produzidos e organizados. Sendo assim, no turno oposto aos das aulas em dias pré-estabelecidos, os alunos compareciam à escola para os ensaios. Como eu não podia acompanhá-los em todos os momentos, sempre deixava um colega/professor encarregado de fiscalizar como estava procedendo os ensaios.

Figura 29 - Ensaios



Fonte: Arquivo pessoal.

## Reflexão sobre a cena

Apesar de já ter esquematizado previamente como aconteceriam as apresentações, fui surpreendida pela postura autônoma dos alunos que trouxeram muitas sugestões e ideias de como nosso Sarau poderia acontecer. Dessa forma, acolhi a iniciativa dos alunos e fui montando de maneira colaborativa os esquemas de apresentações, as músicas, os textos, enfim, todo o desenrolar da Culminância, integrando as sugestões trazidas pelos discentes.

ROTEIRO N° 09

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 2 aulas**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

### ATO

#### ATO 9: CABELO DE LELÊ EM CENA

### OBJETIVOS

Representar teatralmente a obra escolhida para a turma da Educação Infantil, compartilhando saberes por meio da expressão oral e postura cênica.

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
 A importância da leitura;  
 O negro na sociedade.

### CENAS

1º Momento: preparação do ambiente em que ocorrerá a apresentação  
 2º Momento: entrada da professora trajada como a personagem da história iniciando uma conversa informal com os meninos.  
 3º Momento: dinâmica “A Caixa surpresa”.  
 Justificativa: na obra selecionada “O cabelo de Lelê”, a personagem principal, se olha no espelho e não gosta do que vê. Dessa forma, a dinâmica tem por objetivo convidar cada criança da Educação Infantil, individualmente, a abrir a caixa surpresa que contém um espelho, e responder se ela gosta do que vê dentro da caixa.

4º Momento: leitura teatral da obra “O cabelo de Lelê”.

Justificativa: utilizar a técnica teatral no momento da contação de histórias torna o momento mais lúdico e criativo despertando na criança um maior interesse.

5º Momento: reflexão e discussão sobre os questionamentos apresentados no texto

Justificativa: é importante deixar que a criança expresse seus sentimentos e visões sobre o texto que lhes foi apresentado para o desenvolvimento do seu poder argumentativo e expressão oral.

6º Momento: execução da atividade xerografada. A atividade, possuindo dois rostos, consiste em completar a face de um dos bonecos com as características físicas das crianças e na outra as características da personagem da história estudada, “Lelê”.

7º Momento: socialização da atividade com os colegas de classe.

8º Momento: “A beleza do outro em mim”. Fotos das crianças utilizando a peruca de Lelê.

Justificativa: este momento faz-se importante, pois sensibiliza a criança que não possui os traços de Lelê a se colocar no lugar do outro, respeitando, e para as crianças que já possuem os traços afro, aprender a se valorizar e se amar do jeito que são.

9ª Momento: retomada dos valores que foram aprendidos e distribuição das lembranças e lanche.

#### **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

Execução das tarefas propostas;

Participação das discussões.

#### **RECURSOS NECESSÁRIOS**

Cenário para apresentação;

Caixa com espelho;

Tapetes;

Lanche;

Lembranças.

#### **REFERÊNCIAS**

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustr.: Adriana Mendonça. São Paulo:

Companhia Editora Nacional, 2007.

O ato 9 “CABELO DE LELÊ EM CENA”, foi um momento relevante no decorrer do processo pois pudemos envolver os demais alunos que fazem parte da escola como um todo, neste caso, os discentes da Educação Infantil. Como os alunos participantes do projeto estavam imbuídos nos ensaios para a apresentação final, resolvi não envolvê-los nessa etapa da intervenção. Desta forma, eu preparei toda a apresentação que seria realizada para a turma escolhida. O texto selecionado foi “O cabelo de Lelê”, a escolha, justifica-se, primeiramente, por seu conteúdo que envolve um processo de consciência e respeito as origens afro e, também, por já existirem relatos de discriminação racial entre as crianças da sala em que seria apresentada a obra.

Durante o intervalo da turma, preparei a sala dispondo tapetes pelo chão e arrumando um pequeno cenário que daria suporte à apresentação da história escolhida. Para ilustrar a obra e envolver os alunos, entrei na sala com uma peruca de cachinhos. Quando adentrei no espaço, as crianças me olhavam admiradas, algumas por já me conhecerem, riam, achando engraçado eu está com aquela peruca. Uma das crianças, de pele clara, cabelos compridos e lisos, que é bastante próxima a mim, chegou perto e perguntou: “Por que você está com esse cabelo feio? Tira ele e deixa seu cabelo bonito e grande aparecer!”

Fingi que estava chorando e retruquei: “Por que meu cabelo é feio? Você não gostou dele?” uma outra criança que estava também perto de mim falou: “Ele é lindo!”. Mostrei uma grande felicidade naquele momento, a outra criança que havia dito que meu cabelo era feio, mudou de opinião e disse: “Tá bom... Esse seu cabelo é bonito!” Eu apenas sorri.

Aproveitando que os meninos já estavam curiosos, acomodei-os nos tapetes dispostos no chão e iniciei meu diálogo com a turma perguntando se eles gostavam de surpresas. Todos responderam que sim. Falei que havia no meu cestinho algo para eles, todos iriam ver, mas não podiam contar para o coleguinha antes de ele também poder contemplar o que havia na caixa surpresa. As crianças ficaram bastante empolgadas e curiosas. De um a um, fui chamando para ver o que tinha na caixa e indagava-os se eles gostavam do que viam. Na caixa surpresa havia um espelho, cada um se via e admirava seus próprios traços. Todos responderam que gostaram do que viram. Foi assim que dei início à história “O cabelo de Lelê”, conforme visualizamos:

Figura 30 – Contação de história



Fonte: Arquivo pessoal

Essa dinâmica da caixa surpresa com o espelho foi utilizada pois, na história, a personagem “Lelê” não gosta do que vê no espelho, ela não gosta dos seus cachinhos e fica se perguntando porque seus cabelos são daquele jeito. Assim, com um pequeno cenário montado na sala, ia lendo e teatralizando a história; em alguns momentos, incitava a participação das crianças. Lelê procura a resposta para sua indagação em um livro e, assim descobre que seus cabelos vieram do outro lado do oceano, lá da África! Nesse momento, utilizei o globo terrestre para mostrar aos pequenos onde estava localizado o Brasil e onde estava localizada a África. Também expliquei sobre como os negros chegaram ao Brasil trazendo consigo toda a sua herança.

No final da história, Lelê percebe que existem vários tipos de cabelos (enrolados, trançados...) assim, recorro aos diferentes cabelos que as próprias crianças da sala tinham e ilustro a grande diversidade que Lelê encontrou no livro. Continuo mostrando que a personagem da história descobriu que cada cabelo tem história e fica feliz, agora, com o que vê no espelho. Desse modo, sensibilizo as crianças a também se amarem do jeito que são, e respeitarem aqueles que são diferentes delas.

Para reforçar o uso da história, convidei as crianças a realizarem uma atividade de pintura em que são desafiadas a completar duas faces. Uma, as crianças deveriam ilustrar como cada uma delas eram (seus cabelos, sua boca, seus, olhos...) e, na outra face, ilustrar os cabelos de Lelê. Toda a atividade foi dirigida e acompanhada por mim e pela professora

regente. Ao término, cada aluno compartilhou o que havia feito e em seguida convidei-os para tirar uma foto com a peruca de Lelê. A grande maioria dos alunos quis tirar as fotos e ficaram bastante empolgados, mas três alunos com fenótipos variados (dois de traços afro e uma menina com traço bem europeu) se mostraram resistentes e não quiseram por a peruca. A seguir, crianças realizando a atividade e tirando fotos com a peruca de Lelê:

Figura 31 – Momento da atividade



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 32 – Foto menino com peruca



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 33- Foto menina com peruca



Fonte: Arquivo pessoal.

Em todo o momento, reforçava a ideia da diversidade existente e como é preciso respeitar o outro mesmo ele sendo diferente de nós. Encerrei minha participação na turma,

distribuindo uma sacolinha personalizada com a frase “Apesar de diferentes, temos direitos iguais!”, com guloseimas. A professora regente agradeceu a minha participação e convidou os alunos para apresentarem para mim em forma de agradecimento, uma música que estavam ensaiando para o dia do encerramento. Ao final, todos me abraçaram e agradeceram. Saí daquele espaço bastante feliz e esperançosa com os frutos daquele dia. Precisamos desde cedo ensinar à nossas crianças a importância de se amarem e de respeitar o outro, pois esta é a única garantia de um futuro melhor.

### **Reflexão sobre a cena**

É impressionante como alguns preconceitos se apresentam tão enraizados na nossa sociedade que, até mesmo as crianças reproduzem e praticam tais posturas preconceituosas.

Como profissional, essa oportunidade de apresentar a literatura infantil ofereceu-me um momento de reflexão sobre o quanto são necessários discussões, por meio das obras literárias que tratem de temáticas referentes ao preconceito, desde a Educação Infantil.

A formação de uma consciência crítica e reflexiva não possui faixa etária, muito pelo contrário, percebi que a partir da ludicidade, oferecida pela Literatura Infantil, podemos ajudar na formação de posturas críticas, pois as crianças, no momento da contação de histórias, sentem-se envolvidas e livres para participarem do jogo lúdico do aprender.

ROTEIRO Nº 10

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 100 min**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

#### **ATO**

#### **ATO 10: VENDENDO A PEÇA**

#### **OBJETIVOS**

Divulgar a culminância do projeto para as demais turmas da escola;  
 Recitar poesias e músicas;  
 Falar sobre a Literatura Marginal às turmas do Fundamental II;  
 Compartilhar saberes;

Desenvolver a expressão oral;  
Convidar as demais turmas a participarem do Sarau de culminância do projeto.

### CONTEÚDOS

Expressão oral;  
Socialização de saberes.

### CENAS

1º Momento: concentração na sala, organização do material para levar às escolas que serão visitadas;

2º Momento: chamada no ônibus para contabilizar os alunos que irão para o centro.

3º Momento: visita a Escola Municipal “Balão Mágico” para convidá-los a participarem do encerramento do projeto. Distribuição de cartazes;

4º Momento: lanche;

5º Momento: visita à Escola Estadual Rômulo Galvão para conversar sobre o projeto e também convidá-los para o sarau literário de encerramento;

6º Momento: entrada no ônibus para realizar a chamada e voltarmos para a Escola;

7º Momento: na própria escola, fazer a divulgação do Sarau e partilha de saberes sobre o projeto para as demais turmas do Fundamental II;

Justificativa: um dos grandes objetivos desse momento é o rompimento da ideia de que apenas o centro é produtor de saberes. Logo, esta visita tem como objetivo mostrar aos discentes do centro que a periferia também é produtora de cultura, bem como sensibilizar os próprios alunos do projeto, mostrando o quanto eles também podem disseminar saberes.

### AValiação DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Execução das tarefas propostas;  
Participação das discussões.

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Instrumentos musicais;  
Convites;  
Cópias do texto.

A etapa VII, VENDENDO A PEÇA, foi uma das etapas do trabalho que considero como uma das mais relevantes do processo, pois foi o momento em que os alunos puderam expor um pouco do que haviam aprendido e, conseqüentemente, romper as barreiras da timidez mostrando aos estudantes do centro que eles também são capazes de desenvolver trabalhos bons e significativos.

Durante todas as oficinas, os alunos da Escola do centro da cidade, em especial, os da escola Municipal do Fundamental II, eram citados como exemplos de intolerância e preconceito para com os alunos da zona rural. Por isso, quando meus alunos foram por mim desafiados a levar o trabalho desenvolvido para esta escola, um misto de sensações tomou conta deles. Primeiro, o medo, por não conseguirem falar bem, medo por serem ridicularizados. Mas, também, a determinação. Eles queriam mostrar aos alunos do centro que também eram capazes, por isso se empenharam para dar o melhor.

Marcamos para todos se encontrarem na escola de onde sairia o ônibus. Os alunos tinham um brilho diferente no olhar, uma empolgação por poderem, enfim, afirmar para os alunos do centro e para si próprios: “Somos capazes!”. Estavam, todos muito bem arrumados, as meninas maquiadas e com tênis (normalmente vão para a escola de sandálias). Antes de partirmos, juntei todos na sala e, mais uma vez, motivei-os. Estavam nervosos, ensaiavam as falas, perguntavam se estava bom. Sempre os elogiava afirmando que estava ótimo!

Ao chegarmos à primeira escola, aquela temida pelos alunos devido ao alto índice de preconceito, era notório o nervosismo presente em cada um. Eu também estava nervosa, não queria que meus alunos ficassem decepcionados caso a recepção dos alunos do centro fosse ruim, porém, não deixava transparecer, naquele momento eu era o grande espelho para eles.

O coordenador da escola nos recepcionou e levou-nos de sala em sala para as apresentações, os discentes, apesar de nervosos, conseguiram transmitir a mensagem que foram levar. Infelizmente, a recepção por parte dos alunos da escola visitada deixou a desejar. Ora se ouviam “burburinhos”, ora risadas de desprezo. Porém, foi bastante prazeroso contemplar que meus alunos não se deixaram desanimar. Ao contrário, saíam de cada sala agradecendo, tratando a todos com muita educação.

Claro que aproveitei a oportunidade para, ao final de cada apresentação, reiterar o que meus alunos haviam dito e falar sobre a necessidade de rompermos com o pensamento de que há uma superioridade do centro para com a periferia/zona rural. “todos são produtores de cultura, a diferença é apenas espacial”.

Ao fim de cada apresentação, os alunos convidavam as turmas para a culminância do projeto. Porém fomos informados pela diretora da escola que não poderiam comparecer visto

que a Semana de Avaliações estava marcada para aquela data. Insisti enfatizando a importância dessa troca de conhecimento e integração entre centro e periferia, mas não houve acordo e saímos com a certeza de que eles não compareceriam. Na verdade, muito mais do que o empecilho das avaliações, a problemática reside na rivalidade ainda existente entre as escolas municipais, o que acaba dificultando o intercâmbio de conhecimentos de grande valia para podermos acabar de uma vez por todas com as diferenças que segmentam Periferia/Centro.

Ao término das visitas nessa escola, levei os discentes para fazer um lanche em uma lanchonete próxima. Era também um momento para dialogar informalmente com eles e sentir as emoções de cada um em relação à experiência ali vivenciada. Também, sair da rotina, caminhar nas ruas do Centro, para eles foi uma grande realização. Minha felicidade transbordava ao vê-los felizes e empolgados. Meu medo era que ao sair da escola “rival”, a tristeza e o desânimo os abatessem. Porém, foi o contrário, ao ouvir depoimentos, como:

Depois dizem que nós da roça é que somos mal educados! Não me troco por eles! Eles que são mal educados! Ficam rindo enquanto os outros se apresentam! Jamais faríamos isso! Sabemos respeitar.

Ao término do lanche, caminhamos pelas ruas, conversamos e tiramos fotos, rumo a Escola Estadual. Nesse momento, os alunos já estavam bem mais tranquilos e à vontade. Primeiro, porque a temida escola já havia ficado para trás e, também, porque nessa Escola Estadual muitos estudantes são pertencentes à comunidade deles, ex-estudantes da escola na qual os alunos do projeto estudam atualmente.

Chegando lá, fomos recepcionados pela diretora e pela professora de história que nos conduziu até as salas que estavam tendo aula. Algumas turmas já haviam sido dispensadas, mas passamos em quatro salas e a recepção foi totalmente diferente da primeira escola. Os alunos ouviam com atenção, participavam e, ao final, aplaudiam as apresentações. Muitos se mostraram bastante interessados em comparecer no dia da Culminância; saímos com a certeza de que, se conseguissem o transporte, iriam nos prestigiar.

Meus alunos, que já estavam empolgados com esta visita, ficaram ainda mais felizes e animados para continuar trabalhando e ensaiando a fim de realizarem uma excelente apresentação na Culminância. Além disso, percebi que, ao visitarem a Escola Estadual que oferece o Ensino Médio, meus alunos ficaram deslumbrados com o ambiente e bastante empolgados com a certeza de estudarem naquele espaço no próximo ano. Logo, esta visita

também serviu como um meio de incentivá-los na continuidade dos estudos visto que muitos desistem quando concluem o 9º ano.

Também apresentamos o projeto para as demais turmas da escola que os alunos envolvidos pertencem, afinal, toda a Escola estaria envolvida no trabalho, por isso, esta etapa do projeto também foi destinada para que eu o apresentasse aos meus colegas de profissão, pois um dos objetivos era integrar e envolver toda a comunidade escolar. A aceitação foi bastante favorável, principalmente pela direção da escola que transformou o projeto de leitura que estava programado para acontecer na escola em meu projeto.

Dessa forma, pude envolver todos os professores e turmas da escola. Discutimos em conjunto e aconteceu a distribuição das temáticas e materiais que cada turma trabalharia, ficando cada professor responsável por uma turma.

A princípio, pensei que o projeto não alcançaria uma boa aceitação por parte dos meus colegas de trabalho frente aos grandes conflitos internos pelos quais estávamos passando: redução salarial, cobranças extras, falta de respeito para com a classe docente. Porém, todos abraçaram meu projeto, deixando claro que dariam o seu melhor apenas porque se tratava de um projeto pessoal, não da Escola, por isso, fariam de tudo para ajudar.

Confesso que fiquei emocionada com a atitude dos meus colegas, pois vivemos em um período de tanto desamor e falta de respeito para com o próximo que poder vivenciar atitudes como essas nos faz acreditar que ainda há esperança para todos os conflitos que vivemos.

Figura 34 – Visita à escola estadual



Fonte: Arquivo pessoal.

### **Reflexão sobre a cena**

Apesar do nervosismo dos alunos, percebi neles uma postura bastante confiante. Acredito que as discussões que sempre realizamos em torno das músicas de Igor kannário e Literaturas Periféricas tenha despertado um sentimento de capacidade, independente das lutas e barreiras impostas.

Ao sair da primeira escola, essa postura de confiança se tornou mais visível, por isso, quando chegaram à Escola Estadual já estavam mais soltos e despreocupados, o que permitiu que o trabalho fluísse melhor.

As apresentações para as Escolas e colegas das outras turmas foi necessária para elevar a autoestima dos jovens, principalmente no que tange ao processo de inferiorização, muitas vezes marcado entre periferia e centro.

A troca de saberes entre as turmas, outro objetivo desse encontro, proporcionou resultados muito além do esperado, visto que além de todo desenvolvimento oral, ainda garantimos a permanência desses alunos nos estudos, uma vez que, ao visitarem a escola do Ensino Médio, sentiram-se animados e impelidos a continuar ali sua vida estudantil.

Compartilhar sobre o projeto para os meus colegas de profissão também se revelou uma atitude bastante positiva. Com a escola envolvida por completo, pude compartilhar saberes com os demais professores, trocar experiências, ouvir sugestões e, principalmente, romper com as disputas tão frequentes entre os professores. Ao abraçarem meu projeto, o trabalho se transformou no projeto de toda a escola, proporcionando uma integração entre os colegas de profissão e demais funcionários.

### ROTEIRO N° 11

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 4 aulas**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

#### **ATO**

#### **ATO 11: DESFECHO**

#### **OBJETIVOS**

Representar artisticamente as obras escolhidas para as turmas do Fundamental II;

Compartilhar saberes;  
Desenvolver a expressão oral e postura cênica;

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
A importância da leitura;  
O negro na sociedade;  
O papel da mulher e seus estereótipos;  
A representação da favela;  
O papel do cidadão;  
Teatro.

### CENAS

Preparação do ambiente que ocorrerá a apresentação;  
Leitura teatral das obras para as turmas do Fundamental II;  
Apresentação teatral das obras por representantes das outras turmas da Escola;  
Expressão teatral;  
Reflexão e discussão sobre os questionamentos apresentados nos textos;  
Reconhecimento da voz autoral dos textos;  
Apresentação de danças;  
Distribuição do lanche.

### AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Execução das tarefas propostas  
Participação das discussões.  
Envolvimento com as atividades;

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Cenário para apresentação;  
Cópias do texto;  
Lanche;

No décimo primeiro ato, DESFECHO, um clima de muita ansiedade abraçava todos os envolvidos no projeto, que a essa altura não se tratava apenas de mim e dos alunos do nono ano, mas sim todas as turmas e funcionários da escola que acolheram o projeto e se envolveram na produção final.

No dia anterior havíamos arrumado toda a praça com os cartazes produzidos durante o projeto, o banner e o palco. A diretora aproveitou a culminância para, nesse dia, também realizar o bazar que arrecadaria fundos para a formatura dos alunos do nono ano; dessa forma, as barracas também foram montadas na praça do colégio.

A escolha da praça como cenário para a culminância foi oriunda de um dos objetivos desse projeto, o envolvimento de toda a comunidade local, não apenas a escolar e, a praça, por se tratar de um lugar público e que ao mesmo tempo compõe o espaço escolar, era perfeita para a integração escola e comunidade.

Ainda, contamos com a presença de três turmas da Escola Rômulo Galvão que havia sido convidada para prestigiar o trabalho; após recepcioná-los, iniciamos as apresentações de encerramento. Tendo como oradoras eu e uma aluna participante do projeto, todas as apresentações seguiram um cronograma previamente elaborado que intercalava textos e apresentações das turmas, como descrito a seguir:

**ABERTURA:** Bom dia! Hoje estamos encerrando o nosso projeto; “Periferia em cena: vivenciando teatralidades construindo cidadania”. Durante sua execução, discutimos um pouco sobre a literatura periférica juntamente com as letras da música de Igor Kannário, onde pudemos refletir sobre a importância de reconhecermos e lutarmos pelos nossos direitos, cumprir nossos deveres e, principalmente, respeitar o nosso semelhante! Foram temas diversos que trabalhamos: convido alguns dos nossos alunos para apresentar as temáticas estudadas:

Figura 35 – Abertura do Sarau



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse momento, alguns alunos participantes do projeto foram até a frente com uma placa de cada temática trabalhada e falaram um pouco sobre o que aprenderam em cada oficina.

**MULHER:** Durante o projeto, aprendemos que homens e mulheres possuem os mesmos direitos devendo, portanto, ser respeitados independente do gênero. Nada de mulher como sexo frágil!

**NEGRO:** Refletimos que é necessário acabar com o preconceito racial tão presente na nossa sociedade. Sou negro, mereço respeito.

**FAVELA:** Não é a localização espacial que define o que você é ou será. Centro e periferia, apesar de desfrutarem de oportunidades diferentes, possuem pessoas de grande valor.

**LEITURA:** Percebemos o quanto o conhecimento é importante para atingirmos os nossos objetivos e não deixar que ninguém nos manipule.

**VIOLÊNCIA/ DROGAS:** Percebemos que a violência se acentua nos espaços mais pobres, como as periferias. Porém não é porque somos pertencentes à periferia que devemos ser confundidos como traficantes/bandidos.

Figura 36 – Apresentação das temáticas



Fonte: Arquivo pessoal.

ORADORA 1- Com todas essas discussões, percebemos que a palavra da vez é RESPEITO - respeitar as escolhas do outro, sua cor de pele, sua condição social; enfim, o direito de igualdade sem julgarmos simplesmente pelo seu exterior.

ORADORA 2 - Assim aconteceu na passagem bíblica com a Parábola do Bom Samaritano, aqueles que julgávamos ser os mais aptos a estenderem suas mãos para ajudar um necessitado deram as costas, restando ao discriminado “SAMARITANO” o ato de bondade.

Dessa forma, abrimos nossas apresentações de hoje do nosso SARAU literário com a apresentação do 6º ano M, “O BOM SAMARITANO”.

A turma do 6º ano M apresentou uma encenação referente à música que relata a passagem bíblica do Bom Samaritano; em seguida, se reuniram em grande coro para cantar a música e finalizar a apresentação.

Figura 37 – Encenação “O Bom Samaritano”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 38 – Coral “O Bom Samaritano”.



Fonte: Arquivo pessoal.

ORADORA 1 - Precisamos estender nossas mãos aqueles que estão à margem: homens, mulheres, negros, índios, brancos, pobres ou ricos e principalmente, RESPEITAR!

A música é uma das maneiras mais democráticas de espalhar informações, ela não exclui ninguém, o ritmo envolve a todos, assim está exposto na música “MI GENTE”, de J.Balvin, que será apresentado pelas meninas do 6ºano M.

Algumas meninas do 6º ano M, apresentaram uma dança da música do DJ Balvin, “Mi gente” que fala sobre a música como forma de unir as pessoas.

ORADORA 2 - A falta de respeito para com o outro, o julgamento precipitado, nos leva a cometer erros, muitas vezes, irreversíveis. Vemos diariamente notícias nos jornais nos mostrando mortes de inocentes, principalmente jovens negros, periféricos que, confundidos com bandidos, têm suas vidas ceifadas.

É esta mensagem que a turma do 7º Ano nos traz através da música de Igor Kannário, “ME DIZ”.

(A aluna do 7º ano M fez a declamação da música de Igor Kannário, “Me Diz”, enquanto a cena declamada se passava no palco por trás dela. Ao final, os meninos haviam ensaiado uma roda de capoeira, porém, no momento da apresentação ficaram com vergonha e não se apresentaram).

Figura 39 – Declamação da música “Me diz”.



Fonte: Arquivo pessoal.

ORADORA 1 - A capoeira aqui apresentada faz parte da cultura afro trazida para o nosso país. E hoje, dia da Consciência Negra nos eleva à necessidade de respeito para com

esta rica cultura. Infelizmente, o negro ainda é alvo de muito preconceito! Mas sigamos fortes e resistentes gritando ao mundo NEGRO SOU!!!

Após constantes ensaios em sala de aula do poema “Negra Sou” de Victoria Santa Cruz, que seria declamado e acompanhado por um coro gritando: “Negro, Negro...”; apenas o aluno responsável pela declamação se apresentou contando com minha ajuda e de outros alunos para compor o coro. Os colegas que o acompanhariam ficaram nervosos e não se apresentaram.

ORADORA 2 - Pensando ainda nesse dia de Consciência Negra, voltamos nossos olhares ao negros trazidos da África nos porões dos navios e nos anos que se passaram e que parece que o grande erro cometido com o negro não teve fim.

Hoje vozes ecoam em defesa dos direitos do negro, principalmente vozes de mulheres.

As alunas do 6º ano V ensaiaram a poesia de Conceição Evaristo, “Vozes Mulheres”, fazendo a divisão de cada voz representada no poema para uma menina interpretar.

Figura 40 – Declamação da poesia “Vozes Mulheres”.



Fonte: Arquivo pessoal

ORADORA 1 - Discriminação racial, social, de classe, todas elas estão presentes em nossa sociedade.

O que a roupa tem a ver com o querer ser alvo de assédio e estupro? O que meu boné tem a ver com o fato de eu ser confundido com um bandido?

Por que o meu exterior revela mais de mim do que aquilo que eu carrego no meu interior?

Representando a música “ABA RETA”, de Igor Kannário a turma do Projeto, o 9º ano irá nos levar a refletir sobre esta triste realidade, o PRECONCEITO.

Os alunos do projeto ensaiaram e apresentaram uma encenação teatral partindo do conteúdo presente na música de Igor Kannário, “Aba Reta”. Retrataram, na cena, como um jovem negro, pobre, periférico, é confundido facilmente com bandido enquanto aqueles, aparentemente, bem vestidos, não são alvos fáceis de preconceito.

ORADORA 2 - Para nossa luta se fazer mais forte, devemos unir forças; juntos, podemos mais! Por isso unimos nossas forças nesse SARAU LITERÁRIO de Protesto e convidamos o grupo de dança da cidade de São Félix, “Força Jovem”, para também trazer a sua mensagem através da arte da dança.

Para continuar enfatizando o quanto é necessário abraçarmos toda comunidade na realização de um projeto e valorizarmos o que cada um traz como representação de seus costumes, cultura, convidamos um grupo de dança local para abrilhantar o nosso projeto, representando, através da dança, a resistência presente nas letras das músicas de Igor Kannário e a própria resistência contra o preconceito sofrido por eles, ao pertencerem a um grupo de dança do estilo musical: Pagode.

Figura 41 – Grupo de dança convidado



Fonte: Arquivo pessoal

ORADORA 1 - A luta é constante! Luta por nossos direitos, por mais respeito, por mais dignidade. Ainda que derrubem nossos castelos, nossos sonhos, devemos levantar a cabeça para reerguê-los. Ainda que tentem nos destruir, devemos nos reconstruir, voltar mais fortes que antes. E esta é a mensagem trazida pela música de Iza “PESADÃO”.

Sim, devemos ser PESADOES na luta a favor dos nossos direitos!

(Para encerrar as apresentações, a turma do projeto apresentou a música de Iza, “Pesadão”, mostrando o quanto é necessário continuar de cabeça erguida frente aos muitos obstáculos impostos).

Figura 42 – Dança final “Pesadão”



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 43 – Dança final “Pesadão”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante as apresentações, um menino pertencente a comunidade me procurou e perguntou-me se também poderia se apresentar através de uma dança do cantor Igor Kannário, respondi que sim, afinal, o projeto tinha como finalidade esse envolvimento de toda a comunidade:

Figura 44 – Apresentação da plateia.



Fonte: Arquivo pessoal

Ao final, agradecemos a presença dos visitantes que abrilhantaram o trabalho e também os próprios integrantes da Escola que se uniram ao projeto contribuindo, sobremaneira, para a Culminância. Aproveitamos para convidar a Escola visitante para um lanche preparado para eles:

Figura 45 – Lanche da Escola convidada



Fonte: Arquivo pessoal.

## Reflexão sobre a cena

Aconteceram nesse dia alguns imprevistos, como a ausência de alguns alunos e o atraso em alguns detalhes (microfone sem funcionar, espera dos visitantes), porém nada interferiu na realização do evento. Apesar do nervosismo presente em cada discente responsável pelas apresentações, era notória a felicidade e o contentamento de poderem estar participando daquele evento que, para eles, possuía um valor maior. Aquele era o momento de mostrar o resultado dos seus estudos e esforços emanados durante o projeto.

Mais uma vez considero as apresentações para o público um momento singular na vida do discente, principalmente, para os jovens moradores de bairros periféricos e zona rural, uma vez que são poucas as possibilidades que lhes são oferecidas para se tornarem os protagonistas do fazer cultural. Este momento levanta a autoestima e desperta uma valorização pessoal, muitas vezes, perdida.

Pude verificar, durante as apresentações, que os alunos conseguiram utilizar as técnicas de leitura interpretativa quando recitavam os poemas, expressão corporal nas danças e, apesar do nervosismo, também conseguiram exercitar a dramaticidade utilizando os recursos aprendidos durante as oficinas.

## ROTEIRO Nº 12

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Universidade do Estado da Bahia**  
**Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos**  
**Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos**  
**Série/Ano: 9º A Turno: Matutino Duração das aulas: 2 aulas**  
**Data: \_\_/\_\_/\_\_**

### ATO

#### ENCONTRO 12: AVALIANDO A PEÇA

### OBJETIVOS

Retomar as aprendizagens desenvolvidas durante o projeto;  
 Compartilhar saberes;  
 Avaliar o progresso dos discentes.

### CONTEÚDOS

Literatura Periférica;  
 A importância da leitura;  
 O negro na sociedade.

### CENAS

Roda de conversa sobre todo o percurso durante o projeto;  
Momento de respostas através de um questionário sobre o que foi aprendido;  
Apresentação de slides com fotos dos atos durante o projeto;  
Confraternização da turma e pesquisadora.

### AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Execução das tarefas propostas;  
Participação das discussões.

### RECURSOS NECESSÁRIOS

Recurso multimídia;  
Cópias do questionário;  
Lanche;  
Lembranças.

No décimo segundo ato, *AVALIANDO A PEÇA*, um saudosismo se fazia presente entre todos. Os alunos me pediam para dar continuidade ao projeto. Expliquei que não podia, pois agora estaria trabalhando nas análises do que aconteceu durante o percurso, mas que o projeto não havia encerrado no dia da culminância, ele continuaria nas falas e atos de cada um de agora em diante. Todos deveriam por em prática aquilo que aprenderam durante o projeto.

Iniciamos uma conversa informal a respeito dos temas que havíamos trabalhado e relembramos as discussões travadas durante as oficinas. Como registro, pedi a produção de um texto que abordasse o que significou o projeto na vida de cada um deles. Como a escrita ainda é uma linha que precisa ser trabalhada nos discentes, tivemos uma variedade de produções desde as mais elaboradas até aquelas produzidas em apenas três linhas. Como exemplos, tivemos os seguintes textos:

#### PERIFERIA EM CENA

Com o projeto *Periferia em cena*, aprendemos muito com as oficinas trabalhadas... Aprendi o quanto devemos lutar contra o racismo, pois não deve existir desigualdade entre nós, com a leitura também aprendi o quanto é importante em nossas vidas, porque com ela aprendemos muito mais para não deixarmos que ninguém nos manipule.

Compreendemos que somos todos iguais, devemos ter voz sempre que um racista quiser falar mais alto, não podemos abaixar a cabeça e deixar ser

levados por ninguém e sim erguer a cabeça e dizer, Não ao racismo, discriminação e ao preconceito! Não devemos deixar que a desigualdade cresça entre nós, em nosso país. Independente de ser homem ou mulher, todos devem ter os direitos iguais, podemos aceitar críticas; a discriminação pode ser excluída se todos se unirem e falar por uma só voz. Nunca podemos discriminar o próximo por ter baixa renda ou julgar pela aparência só porque mora na favela, pois isso não define quem são de verdade e sim o caráter que eles tem. Não precisamos ser ricos para termos dignidade, porque dignidade é conquistada com caráter e não por dinheiro. Diga não a discriminação!

(A 4)

O texto da aluna apresenta uma forte reflexão acerca de uma mudança de postura do estudante em relação ao preconceito instaurado na nossa sociedade. Ela enfatiza a necessidade de um posicionamento contrário à discriminação principalmente contra o negro e periférico. Ainda evidencia o poder da leitura e, conseqüentemente, do conhecimento para sabermos protestar pelos direitos:

#### O MEU APRENDIZADO ESCOLAR

O meu aprendizado começou a render com o projeto. Com o projeto eu aprendi melhor sobre as coisas da vida como: preconceito e direitos, que todos deveriam aprender a respeitar melhor o próximo ter mais responsabilidade. Eu também aprendi mais sobre as culturas como foram se desenvolvendo. Também aprendi que todos não podiam discriminar as pessoas por cor de pele e também por condições financeiras, termos respeito, não ser uma pessoa sem cultura porque com cultura nós vamos mudar o mundo. (A 8)

O aluno discute no seu texto o quanto o projeto mudou seu aprendizado, em especial, sobre os assuntos “da vida”. Também enfoca a questão da luta contra a discriminação e a importância da cultura na vida do indivíduo:

O projeto foi muito bom, conheci mais a história de Igor Kannário, sobre o que ele fala na música “Desigualdade”, ele fala um pouco disso na música sobre desrespeito com as pessoas que moram na favela.

Só porque as pessoas moram na comunidade que têm que ser abandonadas? Não! Só porque eles não têm condição para comprar coisas boas tipo: sapato de marca, casa, carro...

Periferia em cena foi uma das melhores coisas que a professora trouxe pra sala de aula, eu conheci a história de Conceição Evaristo e Igor Kannário.

(Aluna 7)

A escrita da aluna nos revela mais uma vez a temática sobre o preconceito contra os periféricos ressaltando sua indignação a respeito dos motivos que levam até esse preconceito. Também apresenta alguns autores trabalhados, mostrando a importância de trazer para a sala de aula uma apresentação da vida dos autores, não apenas suas obras:

### PROJETO – PERIFERIA EM CENA

O projeto periferia em cena foi uma das melhores coisas que aconteceu pois estamos vivendo em um mundo onde há muita discriminação, etc. então o que tem que ser feito é exatamente isso, temos que acabar com isso e para que isso venha acontecer a mudança tem que começar sendo feita por nós, então é aí que o projeto entra. Entrou em nossas vidas para vermos que não há diferença alguma entre os homens, independente da cor, da condição social, lugar onde mora, etc. então acredito que isso irá ficar marcado pra sempre em nossas vidas. Uma coisa bastante legal foi termos trabalhado com as músicas de Igor Kannário, eu acredito que muitos já tinham ouvido porém nunca parado para escutar suas letras que fala exatamente sobre isso, a discriminação com o povo da favela, etc. então é isso, amei o projeto, obrigada professora Daiana! (Aluna 11)

Mais uma vez a escrita da aluna traz em seu bojo a questão da discriminação e a necessidade de lutarmos contra. Mostra ainda a importância de tratar esses assuntos em sala de aula desenhando um caminho para rompermos com as barreiras da discriminação. Enfoca a importância de trazer para sala de aula as músicas de Igor Kannário, refletindo sobre a letra e, talvez, enxergando algo que sempre estivesse oculto para muitos. A seguir outro texto:

O projeto periferia em cena nos ensinou durante dois meses o valor que temos sem precisar ser: Branco, rico. Aprendi que não somos melhores que ninguém, somos todos iguais porém com suas diferenças.  
Gostei muito de passar as tardes com os meus colegas e com a professora Daiana! Aprendemos também que o jeito que a pessoa se veste não define o que eles são o nosso caráter não está em nossas vestes e sim no nosso coração. Vivemos temas bastante importantes, fizemos: danças, teatro, etc. Ouvimos músicas bastante que está em nossas realidades como as do cantor Igor Kannário.  
#Igualdade para todos  
Somos todos periféricos e com muito orgulho! (Aluna 12)

Na escrita do seu texto, a aluna aborda a questão da valorização pessoal independente da cor da pele, condição social, moradia. Assim como os demais colegas, também aborda a questão da discriminação e a importância de enxergarmos além das aparências. Ainda fala sobre as diferentes estratégias de ensino utilizadas durante o processo e enfatiza o trabalho realizado, levando em consideração a realidade de cada um deles. No próximo, temos:

Nosso projeto foi muito bom ensinou muito sobre a periferia que é um lugar bom de poesia e artistas como:  
Igor Kannário;  
Conceição Evaristo;  
Sacolinha, etc. (Aluno 3)

Apesar de apresentar um relato breve, o aluno aborda que na periferia também brota arte e relembra alguns autores trabalhados durante as oficinas.

Ainda solicitei de alguns professores que também produzissem um breve relato sobre o seu olhar e participação no projeto, era imprescindível reconhecer quais marcas foram deixadas para os demais envolvidos no processo.

#### RELATO ACERCA DO PROJETO LITERATURA MARGINAL

A princípio soou estranho aos alunos e alunas o trabalho com os textos, haja vista a forma, a proposta em si, visto que não estavam acostumados(as) a realizarem leituras com aquelas temáticas e metodologias.

O trabalho foi fluindo de forma bem positiva e os alunos envolvidos começaram a dar sugestões e discutirem as temáticas abordadas nos textos.

O poema de Conceição Evaristo, *Vozes Mulheres*, começou a sair do papel e tomar forma e corpo nas vozes das alunas do 6º ano vespertino, foi incorporado e dramatizado com louvor instigando um sentimento de força e renascimento, buscando mesmo o empoderamento da mulher, tão imprescindível nos dias atuais. Não era um empoderamento vazio, apenas porque é uma palavra bonita e está na moda hoje em dia, mas porque aquilo tudo passou a fazer sentido para elas, haja vista a história de resistência travada por gerações de mulheres, e que fizeram e ainda fazem, de fato, parte de suas vidas. Suas expressões faciais e corporais descreviam isso.

Já o poema de Felipe Hudson, “João Maria”, introduzido nas aulas também mediante intervenção do projeto, teve uma maior participação da classe, promoveu um debate muito amplo acerca do objeto - gênero - e foi bem legal observar os pontos de vista iniciais e após o debate as transformações positivas sob os universos masculino e feminino e de como ampliou a visão deles de que vivemos num contexto cultural que reprime a mulher. Muitos alunos e alunas que percebiam algumas coisas com naturalidade fizeram umas pontuações bem interessantes na roda de conversa.

A partir do trabalho iniciado no projeto as atividades de interpretação, realizadas em sala de aula, tiveram outro olhar, enfatizando o sentido do texto no que tange realmente sua mensagem e o mais interessante é que os alunos corresponderam muito mais as expectativas, e com muito mais segurança. Só percebi pontos positivos e a confirmação de que é extremamente necessária a inclusão desses temas no universo escolar e que o trabalho com a metodologia de projetos só agrega conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento intelectual/pessoal desses alunos e alunas tão carentes desse tipo de informação.

O projeto em si trouxe à tona temáticas bem relevantes e interessantes para serem trabalhadas, com metodologias bem diversas e instigantes; envolveu toda a escola num contexto bem divertido, não deixando de ser sério. A abordagem da literatura marginal elevou tudo aquilo que os estudantes já tinham acesso – com denominação periférica - numa outra configuração, mostrando-lhes que o universo cultural é diverso e, por isso, lindo... (Professora A.P)

O relato da professora A.P aborda, primeiramente, o seu trabalho como orientadora da turma do 6º ano para a apresentação das poesias “Vozes Mulheres” de Conceição Evaristo e “João Maria” de Felipe Hudson, para a culminância do Projeto. Como a Escola estava envolvida, era necessário que todos mergulhassem no Universo literário refletindo inicialmente sobre as temáticas presentes nos textos. A docente elucida o quanto soou estranho aos alunos o trabalho com essas obras o que nos revela a carência de um estudo centrado nessas temáticas tão presentes na nossa sociedade e, ao mesmo tempo, tão marginalizadas. Mostra, também, que com a descoberta dos assuntos, relacionados as problemáticas vivenciadas por cada um, a interpretação fluiu e a participação dos discentes foi ativa.

Logo, trabalhar com temas de interesse dos alunos, torna a aula mais produtiva e, conseqüentemente, desenvolve no discente uma reflexão mais apurada dos textos que poderá ser utilizada futuramente com obras de natureza diversa. No outro relato, temos:

Projeto: Periferia em cena.

O projeto desenvolvido pela professora Daiana na Escola General Flamarion foi executado com muita competência e criatividade. Todas as turmas do fundamental II se envolveram com o tema que tratou de questões étnico-raciais. A cultura negra como protagonista na construção de conhecimentos de afirmação de identidades foi abordado na culminância do projeto através de metodologias variadas, atingindo sem sombra de dúvida o objetivo central das apresentações por turma. Outro fator importante está relacionado com a presença de estudantes de outras unidades escolares que a convite da idealizadora do projeto, veio contemplar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos da Escola General Flamarion.

A professora Daiana está de parabéns por ter articulado ensino-pesquisa-aprendizagem no ambiente em que a mesma leciona e nos proporcionou reflexões importantes sobre o conceito de periferia, arte e negritude. (Professora G.T).

O relato da professora G.T, também, aborda a importância do estudo de temáticas referentes a questões que envolvem preconceito e intolerância a fim de desenvolver uma mentalidade crítica nos discentes. Discorre sobre a necessidade de utilizar metodologias variadas para alcançar os objetivos propostos e menciona, ainda, o quanto é imprescindível a partilha de conhecimentos entre os alunos da mesma comunidade escolar e do entorno.

Outro ponto relevante que notamos é o alcance do projeto, além de proporcionar reflexões nos discentes, pode, também, envolver os professores e funcionários elevando-os à necessidade de pensarem sobre os assuntos ligados a realidade da nossa clientela escolar.

## **Reflexão sobre a cena**

Foi possível perceber a satisfação dos alunos ao fazer parte daquela atividade. A Literatura Periférica proporcionou, além da aquisição de habilidades leitora e reflexiva, um processo de identificação entre os textos lidos e suas vivências diárias, despertando uma sede de luta e igualdade de direitos.

Os textos produzidos nesta cena final revelam esse caráter de descoberta onde é possível fazer brotar vida e ao mesmo tempo declarar guerra apenas com o uso correto da palavra. Outro aspecto importante revelado pelas produções é a lembrança dos autores lidos. Quando aplicado o questionário inicial, os alunos não souberam citar nomes de autores.

O entendimento sobre cidadania também pode ser notado em alguns textos, tendo a luta contra o preconceito e a discriminação, como as temáticas mais presentes em todos eles. Talvez isso demonstre a necessidade maior em superar os preconceitos impostos pela sociedade a cada um.

No que se refere aos textos produzidos pelos professores, observo o quanto foi relevante o trabalho com temáticas referentes ao contexto da literatura periférica (periferia, negro, entre outras) que geralmente estão completamente distanciadas do contexto de sala de aula. Dessa forma, percebo que o projeto pode despertar não apenas nos alunos, mas também nos professores, a necessidade de reflexões e um trabalho que contemple tais temáticas.

Encerro este projeto com a certeza de que muito tenho para fazer, mais este espetáculo fechou as cortinas deixando rastros de reflexão e busca por uma sociedade mais justa e igual.

### **3.4 ENQUANTO ISSO NA PLATEIA E BASTIDORES...**

No teatro, a trama envolve tanto o público quanto aqueles que participaram ativamente dela. As ações, as falas, os sentimentos impactam conduzindo cada participante (receptor ou produtor) a refletir sobre o seu lugar no mundo. Da mesma maneira, acredito que aconteceu com este projeto. Desde o início, pensado não para se manter no interior de quatro paredes, mas para atingir a toda comunidade (pais, alunos, professores, sociedade), seus conteúdos foram, aos poucos, alcançando aqueles que, de alguma forma, entravam em contato com ele. Esta certeza de que o público pode também ser atingido se fez presente desde a primeira semana de aplicação da proposta. Os ecos da “Periferia em cena” se fizeram ouvir no interior das famílias dos alunos participantes do projeto. Na primeira semana de aplicação da

proposta, um irmão de uma aluna do 9º ano presenciou o início da oficina e, contemplando o *Banner* que estava posicionado na frente da sala, aguçou a sua curiosidade.

Dessa forma, na segunda semana em que me encontrei com os participantes do projeto, fui surpreendida pela aluna A5 que me entregou uma composição musical elaborada por seu irmão que, interessado pela temática, dialogou com ela em casa e, juntos compuseram a canção:

#### PERIFERIA EM CENA

Um lugar de povo lutador  
Que acorda cedo para trabalhar  
Para sua família sustentar

Rosto marcado pelo abandono da sociedade  
Que impõe coisas que as vezes  
Não acreditamos que é realidade

Mas periferia também é lugar de alegria  
Como todo lugar lá não poderia ser diferente  
É a cor da nossa gente!  
Um povo lutador e governo  
Que não baixa a cabeça, opressores!  
É rapaz, somos todos lutadores!

Por meio desse venho dizer  
Continuamos nossa luta até vencer  
Por meio desse venho pelos jovens  
Alertar o futuro tem algo para os jovens  
Grande para te dar  
Basta querer  
E na base não tremer  
Da desigualdade não se abalar  
E dos estudos cuidar! (Irmão da A5)

Nesta composição, há um enfoque na situação real do jovem periférico que mesmo enfrentando as fortes dores da segregação e discriminação social, deve seguir em frente lutando pela conquista dos seus objetivos e focando sempre na importância dos estudos. A entrega desta composição se deu passada apenas uma oficina, ou seja, toda a temática aqui exposta apenas tinha sido comentada superficialmente quando expliquei os objetivos do projeto; ainda assim, a aluna, juntamente com seus familiares, pôde ir além, trazendo grande contribuição e enriquecimento para o projeto.

Esta foi a primeira aparição de um ator da plateia. Fiquei bastante feliz com a repercussão do trabalho e em como estava conseguindo alcançar não só os meus alunos, mas também seus familiares. Achei que não seria mais agraciada com um presente desses, porém,

após uma oficina que incentivou os alunos na composição de poesias, o aluno A13 durante as aulas no período da manhã, procurou-me alegando ter algo para mostrar. Quando encerrei a aula, fui encontrá-lo e, todo empolgado, entregou-me sua composição:

Eu sou favela, não posso negar  
Os meus direitos eu vou conquistar  
Na favela tem muita discriminação  
Mas os moradores tem coração  
Temos que parar com tanta discriminação  
E vivermos em união. (A 7)

Essa foi apenas a primeira poesia que saiu dos bastidores do projeto; logo após entregar-me e receber meus elogios, toda semana, ele produzia uma nova poesia baseada nas temáticas que havíamos trabalhado nas oficinas. Muito mais prazeroso que ver as composições, era notar a satisfação e felicidade no rosto daquele aluno que tinha se descoberto poeta:

#### MULHER GRANDIOSA

Toda mulher tem seu jeito  
Temos que respeitar  
Não importa a cor da pele  
Não temos que julgar  
Mulher é uma flor  
Que temos que cuidar  
Temos que dar carinho  
E também as amar  
Delicada como uma flor  
Não podemos machucar  
Algumas dão amor  
Algumas dão carinho  
Mas na verdade,  
Todas são um amorzinho. (A 7)

Esta foi mais uma de suas composições produzida após a oficina temática sobre a mulher. Vale ressaltar que este aluno foi um dos que mais colocou mensagens preconceituosas no primeiro perfil da mulher. A produção mostra uma verdadeira mudança de postura quanto à imagem feminina.

As cenas dos bastidores não se encerraram por aí, já no final do projeto, enquanto estávamos no período dos ENSAIOS, a aluna A10, uma das mais ativas no projeto, relatou-me que, em casa, ao assistir a um programa na televisão, pode associar o conteúdo da programação aos assuntos que estávamos trabalhando no projeto; por isso, sentiu-se motivada

a escrever um texto. Mostrei demasiado interesse e, confesso que ao ler, as lágrimas chegaram ao meu olhar. Em sua composição, ela dizia:

#### PERIFERIA EM CENA

O preconceito hoje em dia cada vez mais aumenta o número de maldades, principalmente com os periféricos. Os periféricos são os negros, pobres e os infelizes para os centrais, ou seja, quem mora no centro.

Quando Jesus morreu, ele não escolheu cor nem aparência ele morreu por todos. Então por que muitas pessoas são felizes criticando os outros?

Um iphone faz a mesma ligação que um samsung, com uma camisa de marca você entra no mesmo lugar que fulano entra com uma camisa de 15 reais, tênis de mil pisa no mesmo chão de uma havaianas. Não queira ser melhor que ninguém, porque daqui nada se leva. Pra você chegar lá em cima a humildade tem que prevalecer e nunca abandonar o certo. Outra coisa é os políticos, eles acham que nós, negros, temos que comer capim! Somos humanos, como todos...

Mito para mim é a mulher que cria o filho sozinha porque o “pai” abandonou, ou que se vira com 200 “conto” de pensão que o cara dá. Mito é homossexual que assume a sexualidade pros pais e tem que ouvir todo o dia que é aberração. Mito é travesti que passa na rua e é feita de chacota a cada esquina mas se mantém de pé. Mito sou eu e outros milhões de mulheres que andam nas ruas apertando o passo com medo de estupro. Mito é minha mãe, sua mãe que tem medo até de sentar na porta com sua criança com medo de passar um carro e levar seu “guri”.

“Político para mim é só político mesmo”.

Eu preciso de você, você precisa de mim, sabe para quê? Para acabar com o preconceito com os periféricos!

Eu preciso de você, você precisa de mim, sabe por quê? Porque juntos somos mais fortes para combater os preconceituosos!

Eu preciso de você, você precisa de mim, sabe com quê? Com humildade, porque, com ela, mudamos o Brasil!

Foi na favela que aprendi o verdadeiro sentido da palavra humildade. Por isso fica a dica em baixo:

**MORENA NÃO, PRETA MESMO!**

Nesse texto, munida de informações adquiridas durante o projeto, a aluna A4 reflete sobre as diferenças entre centro e periferia, mostrando que estas não nos torna melhores nem piores que ninguém, somos todos iguais; ainda pôde relacionar tais debates à questão política que estávamos vivenciando naqueles dias, trazendo à pauta, uma reflexão de quem são os verdadeiros mitos da nossa sociedade. Vale ressaltar que, durante as oficinas, não havia nenhum comentário sobre partidos políticos. Ainda quando questionada por meus alunos, fazia questão de não direcionar para nenhum caminho, afinal, minha função naquele momento era de provocar a reflexão e a análise a fim de que cada discente obtivesse autonomia para realizar suas escolhas em todos os âmbitos da sua vida.

Projeto encerrado mas seus ecos permaneciam presentes. A Escola Estadual que nos visitou no dia da Culminância, ao contemplar as temáticas e apresentações realizadas, convidou-nos a participar do seu projeto “Brincando com coisa séria”; nessa oportunidade, recebi o convite para realizar uma oficina sobre as ABAYOMIS e os estudantes do projeto apresentaram a dança que fez parte do Sarau Literário.

Figura 47 – Oficina Abayomi



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 48 – Dança na Escola Estadual



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta foi mais uma oportunidade em que os alunos puderam entrar em contato com a realidade do Ensino Médio trocando saberes e compartilhando conhecimento. Ainda como reconhecimento do trabalho dentro da temática da música como resistência e arte, tive o prazer de ser convidada para participar do Projeto TCEM (Trabalho de Conclusão do Ensino Médio), do Colégio Estadual Rômulo Galvão em São Félix-Ba, como banca examinadora dos seguintes trabalhos:

Figura 49 – Cartaz TCEM 1



Fonte: Elba Matos

Figura 50 – Cartaz TCEM 2



Fonte: Elba Matos

Aproveito este espaço para registrar a brilhante ideia dos idealizadores do projeto: TCEM, em mostrar que é possível produzir pesquisas no Ensino Médio, valorizando os discentes e, mostrando dessa forma, que o caminho até as Universidades também pode ser percorrido por cada um deles.



#### 4 CONCLUSÃO: FECHANDO AS CORTINAS

“E o que antes eram feras viraram rosas – com espinhos – capazes de exalar um perfume de revolta, amor, palavras e carinhos que olhando nos meus olhos dizem: não só a literatura é possível, professor, Nós também”.

(Rodrigo Ciríaco)

O espetáculo acabou, as luzes se apagaram, a plateia se dispersou, a cortina fechou. É o fim? Não, esse é apenas mais um começo. O começo para que novos enredos sejam escritos, novos cenários surjam e outros atores brilhem.

Neste projeto/espetáculo, a maior preocupação não estava centrada na atuação em cada cena. O foco maior estava contido na atuação individual e coletiva que cada envolvido no projeto teria nos diferentes cenários que ocupam e nos distintos enredos que contracenam: um projeto com vistas a atuação cidadã de cada discente, professor, funcionário e comunidade que estiveram em contato com seus reflexos.

Dessa forma, começo essa reflexão a partir da minha práxis pedagógica. Desde a entrada no PROFLETRAS, as disciplinas curriculares, a elaboração do projeto e sua aplicação, pude verificar o quanto cada cena trazia para a minha vida docente uma transformação. Escolhida pela Literatura Periférica como porta-voz naquela escola, fui, aos poucos, me despindo de preconceitos, experimentando os diversos figurinos que aquela trama me proporcionava. Não foi fácil subir nesse palco encarnando tal papel. Porém, cada cena apresentada, cada diálogo exposto, cada aplauso recebido me garantiram a paixão pela Literatura Periférica.

Ao encontrar-me apaixonada, pude também encantar meus alunos, pois, na verdade, o professor precisa sensibilizar-se para, também, sensibilizar o outro. Como em toda boa trama, o clímax se fez presente trazendo conflitos para os personagens, em especial, para mim que, por muitas vezes achei que não chegaria a um bom resultado. Inicialmente sem sala para desenvolver o projeto, a necessidade de trabalhar no turno oposto para cumprir com a carga horária do mesmo, foram alguns dos entraves que, ainda assim, não atrapalharam o andamento do trabalho.

Porém, o desfecho possui um final feliz. Ao contemplar todo o percurso dessa proposta, analiso cada passo como um crescimento diário para todos os envolvidos. O objetivo proposto por este projeto era exatamente utilizar a Literatura Periférica em parceria com as músicas de Igor Kannário para desenvolver o protagonismo cidadão.

Assim, aqueles que antes eram apenas aspirantes a atores, hoje, podem atuar conscientemente em seus papéis de cidadãos. A literatura lhes permitiu isso. Em cada oficina realizada, pude acompanhar um crescimento reflexivo atrelado a um poder argumentativo que antes eles não tinham. Os alunos se tornaram mais questionadores e participativos. Mesmo após o término do projeto, verifiquei comportamentos em que os discentes lutavam por seus direitos ao argumentarem sobre o calendário de provas que foi antecipado, ao exigirem que na próxima escola eles permaneçam juntos na mesma sala, ao argumentarem junto à professora de Língua Portuguesa sobre o preconceito existente na sociedade, entre outros.

O uso do teatro como estratégia de ensino também trouxe à tona o brilho necessário para o cumprimento dos objetivos. A partir das técnicas teatrais, alunos que antes eram inibidos e não gostavam de se posicionar em público, mudaram suas posturas e passaram a atuarem nas aulas de maneira efetiva, participando de todas as dinâmicas. Isso proporcionou o desenvolvimento da oralidade e, conseqüentemente, uma postura mais autônoma na luta pelos seus direitos.

Todos esses reflexos, oriundos do projeto, trouxeram-me a certeza de que, quando trabalhamos com vistas a envolver nossos alunos, proporcionando um crescimento, torna-se necessário voltar os holofotes, inicialmente, para eles, contemplar seus gostos, seus gritos silenciosos em sala de aula. Por isso considero que o uso das músicas de Igor Kannário tenha sido a grande “isca” para físgar meus alunos, envolvendo-os, chamando-os para mim e para a Literatura.

A escola tem o costume de desprezar a cultura trazida pelos nossos alunos de seus locais de vivências. Não buscamos conhecer, apenas queremos que eles vislumbrem o que ofertamos e não contemplamos as bagagens que cada um traz em suas malas. Como refletido pela artista DLUAR na imagem que abre essa conclusão, (depois de nossas conversas sobre o projeto), onde ela relata a respeito da textura da pele simbolizando o muro humano com toda a dureza que emana de uma vida marginalizada e repleta de preconceitos, enfrentados por nossos alunos; evidencia que, é necessário, transpor esse muro com afeto e resiliência, abrindo caminho para a contemplação do universo e fazendo brotar flor, de onde se pensava ser impossível.

Sendo assim, penso nesse projeto como uma possibilidade de além de romper muros, abrir cortinas para uma nova postura de trabalho, primeiramente, minha, que pude contemplar, na prática, os resultados obtidos a partir da escolha de um planejamento cuidadoso e centrado nas necessidades reais dos alunos. Ainda, esse projeto pode ser reflexo

para a escola participante que, envolvida por mim, pode colaborar ativamente em todo o processo do projeto e, conseqüentemente, colher os frutos advindos dele.

Também espero que outros profissionais possam ter acesso a esta dissertação e direcionar seu trabalho vislumbrando um olhar mais atento para seus alunos, fazendo uso desse mesmo projeto ou adaptando-o para a sua realidade. Essa cortina se fecha com a certeza de que várias outras podem ser abertas de agora em diante. A cortina do espetáculo individual que cada discente envolvido atuará em sua trajetória, a cortina para uma atuação maior da Literatura Periférica nas salas de aula, a cortina do espetáculo do respeito ao semelhante, enfim, espero um descortinar a cada manhã.

Dessa forma, encerro minha conclusão com uma atuação baseada nos contos de fadas:

Os contos da literatura infantil e juvenil são realmente incríveis, capazes de impactar não apenas os pequenos em seu puro estágio de imaginação e magia mas, em raras vezes, alguns adultos que se permitem despir-se das preocupações e pensamentos referentes as obrigações diárias e dar lugar aos encantos do “era uma vez”.

Em um desses meus estados de criatividade e nudez do “ser adulto”, comecei a refletir sobre como esses supostos contos imaginários estão intrinsicamente ligados ao nosso cotidiano, podendo assumir diferentes roupagens a depender da situação vivida.

Assim aconteceu... Estava eu, professora, em minha sala de aula a admirar meus alunos cumprindo as atividades por mim solicitadas, tudo acontecia em meio a reclamações, “muxoxos” e até mesmo a recusa de tal cumprimento. Neste exato momento me veio à mente a passagem em que o autor periférico, Rodrigo Ciríaco, faz analogia dos alunos a feras que com palavras de carinho, aos poucos se transformam em rosas (com espinhos).

O que aconteceu depois foi tão natural... Transmudei-me ao conto da Bela e a Fera. Claro, tudo se encaixava perfeitamente, naquele estágio, meus alunos eram feras, horríveis, capazes de despertar medo em qualquer professor que se atrevesse a manter um mínimo contato. Mas, qual teria sido o feitiço que os transformara em seres tão ríspidos e de relacionamento tão difícil?

Não há complicações para esse questionamento. A grande feiticeira da desigualdade social os havia retirado, aos poucos, a beleza dos sonhos, jogando sobre eles o desencantamento, o “pó” da realidade cruel própria das zonas periféricas pouco assistidas pelos governantes. Porém, em meio a tanta tristeza, solidão e desencantos, havia uma rosa do conhecimento que simbolizava a esperança da transformação, de enfim, aquelas terríveis feras tornarem-se belos príncipes.

Infelizmente, havia um tempo, e este, estava se esgotando levando consigo, pouco a pouco, pétala por pétala, a rosa da esperança. O feitiço não apenas transformara os alunos em feras, mas toda a beleza do “castelo” em que viviam havia assumido tons obscuros. Suas famílias e vizinhos da comunidade também levavam consigo o peso do feitiço, ficando inertes quanto à possibilidade de mudanças.

É neste cenário, que nós, as Belas, professores e professoras, surgimos como aqueles que deverão enfrentar o medo e conviver com as Feras com o intuito de consertar um erro cruel que a sociedade cometeu, “o

roubo”. No conto original, representado pela retirada de uma flor do jardim da Fera, na nossa sociedade simboliza a retirada dos sonhos do jardim de cada ser.

Somos os responsáveis por quebrar o gelo da indiferença e, mostrar através da arte do ensinar com afeto, criatividade e sabedoria, que ainda existe um meio para desfazer o feitiço. Devemos tentar mirar além dos pelos volumosos da violência que envolvem os corpos frágeis dos nossos alunos escondendo lindos príncipes e princesas capazes de reinarem absolutos seus próprios sonhos.

## REFERÊNCIAS: ATORES COADJUVANTES

- ARAÚJO, Emanuel. **Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico**. Brasília: Unb, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail, **Estética da criação verbal**, 4.ed., São Paulo, 2003.
- BARBOSA, Jaqueline Peixoto. ROVAI, Célia Fagundes, **Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas**, São Paulo: FTD, 2012.
- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Tradução de Fiama Paes Brandão. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem: Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias. In: ALMEIDA, Manoel Antônio. **Memórias de um Sargento de Milícias**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CARVALHO, José Murilo. **Desenvolvimento de la Ciudadania en Brasil**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- CIRÍACO, Rodrigo. **Te pego lá fora**. São Paulo: Edições Toró, 2008
- COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- DALLARI, Dalmo. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DRUMMOND, Carlos. **No meio do caminho**. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>
- EVARISTO, Conceição. **Vozes mulheres**. In: Cadernos Negros. São Paulo: Quilombhoje, 1990.
- FERRÉZ, O grande assalto. In: **Ninguém é inocente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- \_\_\_\_\_, **Capão Pecado**, 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.
- \_\_\_\_\_, (Org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.
- FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. In: BARBOSA, Jaqueline Peixoto. ROVAI, Célia Fagundes, **Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas**, São Paulo: FTD, 2012.

FIORINDO, Peixinho .Priscila. **Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico**. Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático, São Paulo, p. 28 – 33, fevereiro, 2012.

\_\_\_\_\_, WENDELL, Ney. **Literatura infantil em cena: o teatro como estratégia pedagógica**. Pensares Revista, São Gonçalo – RJ, p. 113 – 129, jul/dez, 2014.

GOULART, Cecília. Alfabetização e Letramento: Os processos e o lugar da Literatura. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

GROUT, D. PALISCA, C. **História da Música Ocidental**. Lisboa: Gradiva, 2007.

HUDSON, Felipe. **João Maria**. Disponível em: <https://sentadonamuralha.wordpress.com/>

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: ED UNESP, 2002.

KANÁRIO, Igor. **Só queremos paz**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igor-kannario/so-queremos-paz/>

\_\_\_\_\_. **Aba reta**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igor-kannario/aba-reta/>

\_\_\_\_\_. **A teia**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igor-kannario/a-teia/>

\_\_\_\_\_. **Me diz**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igor-kannario/me-diz/>

\_\_\_\_\_. **O jogo é duro**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igor-kannario/o-jogo-e-duro/>

KELL, Maria Rita. **A fratria órfã: conversas sobre a juventude**. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo, Ática, 1993.

MACHADO, Ana Maria. Sangue nas veias. In: FAILLA, Zoara. (org). **Retratos na leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

MARCHUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, Egon de O.; ROJO, Roxane H. R. **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MELLO, Camila - **Conheça a história de Igor Kanário, cantor do grupo baiano A Bronkka**, in CORREIO, (versão eletrônica), julho de 2011. Disponível em:

/www.correio24horas.com.br/noticia/nid/conheca-a-historia-de-igor-kanario-cantor-do-grupo-baiano-a-bronkka/ Acessado em: 28 de outubro de 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura Marginal**: os escritores de periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Jenyffer. O grito. In: **Terra fértil**, Rio de Janeiro, Mijiba, 2014.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. IN: WENDELL, Ney Oliveira Cunha. **A mediação teatral na formação de público**: o projeto Cuida Bem de Mim na Bahia e as experiências artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec. Tese (Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Teatro ). Universidade Federal da Bahia, 2011.

WENDELL, Ney Oliveira Cunha. **A mediação teatral na formação de público**: o projeto Cuida Bem de Mim na Bahia e as experiências artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec. Tese (Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Teatro ). Universidade Federal da Bahia, 2011.

RANGEL, Egon de Oliveira. Educação para o convívio republicano: o ensino da Língua Portuguesa pode colaborar para a construção da cidadania?. In: RANGEL, Egon de O.; ROJO, Roxane H. R. **Língua Portuguesa**: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ROCHA, João - **Dialética da marginalidade - caracterização da cultura brasileira contemporânea**, in *Folha de São Paulo*, (versão eletrônica), fevereiro de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2902200404.htm>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

ROSA, Allan Santos da. **Da Cabula**. São Paulo: Global Editora, 2008.

SODRÉ, MUNIZ. Samba, o dono do corpo. São Paulo: Ed. Mauad, 1998.

VAZ, Sérgio. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2013.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**: histórias de um povo lindo e inteligente. São Paulo: Global, 2011.

**Vídeo Rede de Mentiras sociais**. Disponível em: [www.outube.com/watch?v=ovCrmhz0x3k](http://www.outube.com/watch?v=ovCrmhz0x3k)

## APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO

<b>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</b>			
Universidade do Estado da Bahia Departamento de Ciências Humanas – Campus V			
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS			
Instituição Coparticipante: Escola General Flamarion Pinto de Campos – São Félix-Ba			
Professora-Pesquisadora: Daiana Silva dos Santos			
Série/Ano:	Turma:	Turno:	Data:

1. Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

2. Localidade onde reside ( ) Zona Urbana ( ) Zona Rural

3. Você se considera de qual raça/cor?

a) ( ) Parda

b) ( ) Negra

c) ( ) Branca

d) ( ) Indígena

e) ( ) Amarela

f) ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

g) ( ) Não sei responder

4. Você tem afinidade com a disciplina de Língua Portuguesa? Especifique:

a) ( ) Não tenho

c) ( ) Tenho, mas pouca

b) ( ) Não sei dizer

d) ( ) Sim, tenho afinidade

7. De qual tipo de aula você mais gosta? Pode escolher mais de uma opção.

a) ( ) Expositiva

c) ( ) Aula de leitura

b) ( ) Aula de campo

d) ( ) Debates

8. Tirando as tarefas escolares, quanto você acredita que lê e escreve diariamente?

a) ( ) Nada

b) ( ) Pouco

c) ( ) Muito

9. Quais as atividades (livres) que costuma fazer fora do período de aula de segunda feira a sexta feira? Pode escolher mais de uma opção.

a) ( ) Redes Sociais

b) ( ) Leitura

c) ( ) Jogos / online

d) ( ) Televisão

e) ( ) Esporte

f) ( ) Outra (s) \_\_\_\_\_

10. Dos gêneros textuais abaixo, qual(is) mais lhe agrada(m)?

a) ( ) Conto

b) ( ) Poesia

c) ( ) História em Quadrinhos

d) ( ) Peça Teatral

e) ( ) Romance

f) Outros \_\_\_\_\_

g) ( ) Nenhum

11. Quantos livros você leu este ano?

a) ( ) 0

b) ( ) 1 Qual? \_\_\_\_\_

c) ( ) 2 ou mais Quais? \_\_\_\_\_

12. Quantos livros você acredita que já leu em toda sua vida?

a) ( ) Menos que 5

c) ( ) Entre 10 e 15

b) ( ) Entre 5 e 10

d) Outros \_\_\_\_\_

13. Você conhece o que é teatro?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

14. Você já assistiu a alguma peça teatral?

a) ( ) Sim Qual? \_\_\_\_\_

b) ( ) Não

15. Você gosta de Literatura?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

c) ( ) Não sei dizer

16. Você gosta de ouvir músicas?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

17. Quais são os gêneros musicais de sua preferência?

a) ( ) Pagode

b) ( ) Funk

c) ( ) Arrocha

d) ( ) Rock

e) ( ) Sertanejo

f) ( ) Rap

g) ( ) Reggae

h) ( ) Outros

18. Qual cantor da atualidade você considera alguém que o represente?

\_\_\_\_\_

19. Qual(is) autor(es) de literatura você se recorda nesse momento?

\_\_\_\_\_

20. Em sua opinião, a leitura e a escrita são importantes para as pessoas?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

21. Você geralmente utiliza a internet para... (Pode escolher mais de uma opção.)

a) ( ) Acessar redes sociais

d) ( ) Assistir a vídeos

b) ( ) Jogar online

e) ( ) Ler textos

c) ( ) Fazer pesquisas escolares

f) ( ) Navegar pelos sites

g) ( ) Não tenho acesso a internet

22. Geralmente você acessa a internet...

- a) ( ) Não acesso
- d) ( ) Em casa
- b) ( ) Pelo celular
- e) ( ) Na lan-house
- c) ( ) Na escola

23. Ao concluir o Ensino Fundamental, você pretende dar continuidade aos estudos?

- a) ( ) Sim
- b) ( ) Não
- c) ( ) Ainda não decidi

24. Você possui planos para seu futuro?

- a) ( ) Sim
- b) ( ) Não

Qual (is) \_\_\_\_\_

25. Qual profissão almeja seguir quando se formar?

\_\_\_\_\_

Leia o trecho da música de Igor Kannário:

### **SÓ QUEREMOS PAZ**

Eu me sinto feliz

Quando vejo o meu povo contente

Minha tribo é da paz

Eu arrasto uma massa de gente

Não somos essa fera

Que esse sistema impõe pra você

Aqui não tem bicho não

Somos cidadãos

Queremos respeito e paz

Amor e união

Mas só é enxergar, tire o mal do seu olhar

O garoto que veio da favela nasceu pra brilhar

Só queremos paz, paz

Só queremos paz, paz

Só queremos paz, paz

Só queremos paz, paz

26. Para quem o músico canta esta CANÇÃO? Qual é a sua “tribo”?

---

26. O que o cantor quer dizer quando fala “não somos essa fera que o sistema impõe para você.”?

---

---

27. Você saberia dizer quem é o “Sistema”?

---

26. Ele prossegue dizendo que somos CIDADÃOS. Você sabe o que é cidadania?

a) ( ) Não

b) ( ) Sim. Explique: \_\_\_\_\_

---

27. Todas as pessoas são cidadãs?

---

28. O que é preciso para um indivíduo ser considerado cidadão?

---

29. Você se considera um cidadão?

a) ( ) Sim. Por quê? \_\_\_\_\_

b) ( ) Não. Por quê? \_\_\_\_\_

c) ( ) Não sei responder

**ANEXO 1****Só queremos paz****Igor Kannário**

Eu me sinto feliz  
Quando vejo o meu povo contente  
Minha tribo é da paz  
Eu arrasto uma massa de gente

Não somos essa fera  
Que esse sistema impõe pra você  
Aqui não tem bicho não  
Somos cidadãos

Queremos respeito e paz  
Amor e união  
Mas só é enxergar, de modo seu olhar  
O garoto que veio da favela nasceu pra brilhar

Só queremos paz, paz (4x)  
Só queremos paz, paz  
Só queremos paz,  
Amor e união

Ainda criança eu tinha esperança  
E sonhava em crescer  
Ser cantor, jogador  
Crescer na vida, um astro de Tv

Mas a real é diferente  
Nem sempre é assim  
Muitos falam de você, muitos falam de mim  
Ter fé no meu povo mesmo  
isso mim satisfaz  
Não tô querendo guerra  
Tô lutando pela paz!

Só queremos paz, paz (4x)  
Só queremos paz, paz  
Só queremos paz,  
Amor e união

<https://www.lettras.mus.br/igor-kannario/so-queremos-paz/>

**ANEXO 2**

**A Teia**  
**Igor Kannário**

Acorda, parceiro  
Abra seu olho  
Pegue sua visão!  
Respeite o favela ou entre nela

Sinta a pulsação  
Tem gente que desce, sobe  
Tem gente que sobe e desce  
O erro da gente é achar que domina  
Aquilo que não conhece  
Se me der uma ideia te dou uma ideia e meia  
Qual a teia que você tece  
Qual a história que você escreve

Qual a teia que você tece  
Para não ser só mais um  
Pense no futuro  
Seu filho maduro querendo oportunidade  
Difícil ser feliz nesse país de tanta desigualdade

<https://www.lettras.mus.br/igor-kannario/a-teia/>

**ANEXO 3****Me Diz  
Igor Kannário**

Foi mais um negro do gueto  
Não teve a oportunidade  
De fazer uma faculdade  
Mas cedo foi trabalhar  
Pra família ajudar

Nunca se rendeu a marginalidade  
Mas não adiantou  
Foi confundido com bandido  
Covardemente o matou  
E do corpo deram sumiço  
Agora a lágrima cai  
Quem segura sua mãe e seu pai?  
Agora a lágrima cai  
Me diz quando essa zorra vai parar?  
Quando vão parar de nos matar?  
Quando vão deixar de nos discriminar?  
Não entro em nada  
Sou da quebrada e ninguém vai calar minha voz  
A mensagem fica  
E se um dia eu for outro surgirá pra falar por nós

<https://www.lettras.mus.br/igor-kannario/me-diz/>

**ANEXO 4****Vozes-mulheres****Conceição Evaristo**

A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.  
A voz de minha filha  
recorre todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem - o hoje - o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

In Cadernos Negros, vol. 13, São Paulo, 1990.

## ANEXO 5

**João Maria  
Felipe Hudson**

Maria João  
Maria e João  
Maria sovava o pão,  
João comia,  
Comia a maior parte,  
E as migalhas pra Maria.  
João e Maria,  
João se achava o ganha pão,  
Maria ganhava pano de chão,  
João chamava de justiça,  
Mas ninguém perguntou à Maria!  
O tempo e as mudanças,  
Pouco se viu mudar após tamanha andança,  
João ainda pensa comandar a dança,  
Maria já não segue os seus passos,  
João lhe questiona o descompasso,  
Maria só deseja mais espaço,  
Pano e vassoura lhe causam cansaço,  
João se acha descolado,  
Descobriu onde está o pano de prato,  
Maria também lhe apresentou as panelas,  
De quebra lhe mostrou a pia.  
Abriu as portas de sua casa e vislumbrou alegria.  
As mudanças e o tempo,  
Maria é João,  
João é Maria,  
Maria João,  
João Maria,  
A igualdade se faz presente,  
Ainda que em versos de poesia,  
A diferenças se entrelaçam,  
E o respeito não é mais ironia! Ou assim deveria...

## ANEXO 6

**O grito**  
**Jenyffer Nascimento**

Tenho um grito entalado na garganta.  
 Um grito longo, fino, estridente,  
 Um grito dolorido, abafado.  
 Um grito de mulher.  
 Feminismo?  
 Não sabia nem o que era.  
 E mesmo antes de saber  
 O grito já estava lá.  
 Sempre estive  
 Sufocado.  
 Em toda a parte  
 Em todos os lugares.  
 Não tenha amigos homens.  
 Lugar de mulher é no fogão.  
 Mulher tem que se dar o respeito.  
 Tá parecendo uma puta com essa saia  
 curta.  
 Madrugada não é hora de mãe de família  
 ficar pela rua.  
 Nem pense em transar no primeiro  
 encontro.  
 Seu batom vermelho está chamativo  
 demais.  
 Obedeça ao seu marido.  
 Mulher de bar não presta.  
 “Mulheres vulgares uma noite e nada  
 mais”.  
 Faça isso, não faça aquilo.  
 Seja assim, não seja assado.  
 Regras demais,  
 Condutas demais,  
 Proibições demais.  
 Por quê?  
 Pelo simples fato de ser mulher?  
 Até quando?  
 A encoxada matinal no ônibus,  
 A cantada barata do chefe cretino,  
 A passada de mão na escada do metrô,  
 Murros e pontapés do próprio  
 companheiro.

Sem falar nos inúmeros casos de estupro.  
 Então é só isso?  
 Criar os filhos,  
 Cuidar da casa,  
 E servir meu sexo numa bandeja  
 Sempre que o outro quiser?  
 Nas multidões muitas mulheres estão  
 mortas.  
 Dá pra ver nos olhares opacos  
 Morreram por dentro  
 E apenas vagueiam.  
 E quando as mulheres morrem  
 Os homens – rebentos de seus ventres  
 Ainda não perceberam  
 Mas também estão morrendo.  
 Não é possível  
 Ninguém vai fazer nada?  
 Mas há também as mulheres que lutam  
 Dá pra reconhecer pelo olhar firme e  
 aceso  
 No vai e vem da marcha cotidiana.  
 Carrego comigo o legado  
 De minha mãe, de minha avó  
 E de tantas outras que me antecederam.  
 O grito que carrego também é delas.  
 Pelos prazeres que não puderam ter  
 Pelo corpo feminino que não puderam  
 explorar  
 Pelo voto e palavras negadas  
 Pelo potencial não exercido  
 Pelo choro em lágrimas secas.  
 Tenho um grito entalado na garganta.  
 Um grito denso, volumoso,  
 Um grito ardido, de veias saltadas.  
 E hoje ele vai sair.  
 - O corpo é meu!

Terra Fértil, (Mjiba, 2014)

## ANEXO7

**Aba Reta**  
**Igor Kannário**

Se meu traje te incomoda  
Lá no gueto eu tô na moda  
Se minhas gírias te ofendem  
Todos lá me compreendem  
Meu caráter anda comigo  
Quem vê cara, não vê coração  
O que é que aba reta tem a ver com ser ladrão?  
Só queria entender, alguém pode explicar  
O que tem de errado com meu jeito de andar  
Sou da periferia, mas também sou irmão  
Preconceito gera violência  
Se ligue na ideia, negão!  
Aba reta e um bermudão  
Mão na cabeça, deve ser ladrão  
Tá de terno e paletó  
O cara é santinho, primo do major  
Coloquei minha Cyclone e a Kenner no pé  
Pegada segura que é da ralé  
Quando essa gente vai entender  
Minha roupa não muda o meu jeito de ser!

<https://www.lettras.mus.br/igor-kannario/aba-reta/>

**ANEXO 8****O Jogo é Duro**  
**Igor Kannário**

Deus pai ouça meu pedido por favor

Olha pra esse povo aqui do gueto

(Esteja nos ventos que cortam os becos pai)

Ouçã meu pedido por favor

Olha pra esse povo aqui do gueto

(Me leve um conselho que quebre o silêncio)

Na esquina um menino treinado pro erro já sabe o que faz

A menina criança tem outra criança e quem é o pai?

A esperança é o que resta pra esse povo sofredor

Já falei que o jogo é duro até demais

Deus pai eu te imploro por favor

Olha pra esse povo aqui do gueto

(Esteja nos ventos que cortam os becos pai)

Ouçã meu pedido por favor

Olha pra esse povo

(Me leve um conselho que quebre o silêncio)

Na esquina um menino treinado pro erro já sabe o que faz

A menina criança tem outra criança e quem é o pai?

A esperança é o que resta pra esse povo sofredor

Já falei que o jogo é duro até demais

<https://www.lettras.mus.br/igor-kannario/o-jogo-e-duro/>

**ANEXO 9****Os Miseráveis.****Sérgio Vaz**

Vítor nasceu... no Jardim das Margaridas.  
Erva daninha, nunca teve primavera.  
Cresceu sem pai, sem mãe, sem norte, sem seta.  
Pés no chão, nunca teve bicicleta.  
Já Hugo, não nasceu, estreou.  
Pele branquinha, nunca teve inverno.  
Tinha pai, tinha mãe, caderno e fada madrinha.  
Vítor virou ladrão, Hugo salafrário.  
Um roubava pro pão, o outro, pra reforçar o salário.  
Um usava capuz, o outro, gravata.  
Um roubava na luz, o outro, em noite de serenata.  
Um vivia de cativo, o outro, de negócio.  
Um não tinha amigo: parceiro.  
O outro, tinha sócio.  
Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,  
enquanto Hugo fazia pose pra revista.  
O da pólvora apodrece penitente, o da caneta  
enriquece impunemente.  
A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente.

(VAZ, Sérgio. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2013).

**ANEXO 10****No Meio do Caminho**  
**Carlos Drummond de Andrade**

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.

<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>

## ANEXO 11

Conto: **O Grande Assalto**

Avenida Santo Amaro. Às 13 h.

Um homem malvestido para em frente a uma concessionária de automóveis fechada e nota as bolas promocionais amarradas à porta.

Um policial desce da viatura, olha para todos os lados e observa um suspeito parado em frente a uma concessionária.

O suspeito está malvestido e descalço.

Uma senhora sentada no banco do ônibus que para na avenida para pegar passageiros comenta com a moça sentada ao seu lado que tem um mendigo todo sujo parado em frente a uma loja de automóveis.

Um senhor passa por um homem todo sujo, segura a carteira e começa a andar apressado. Logo que nota a viatura estacionada mais à frente, se sente seguro, amenizando os passos.

Um jovem tenta desviar de trás do ônibus parado, os policiais que ele vê logo à frente lhe trazem desconforto, pois seu carro está repleto de drogas que serão comercializadas na faculdade onde estuda.

O homem malvestido resolve agir, dá três passos à frente, levanta as mãos e agarra duas bolas promocionais; faz a conta rapidamente e se sente realizado, quando pensa que ao vender as bolas comprará algo para beber. Uma moça alertada pela senhora ao seu lado no ônibus, chama a atenção de vários passageiros para o homem que, segundo ela, é um mendigo, e diz alto que ele acabou de roubar algo na concessionária.

Um jovem com o carro cheio de drogas para vender na sua faculdade nota o homem correndo com duas bolas e dá ré no carro ao ver os policiais vindo em sua direção.

Um policial alcança o homem malvestido e bate com o cabo do revólver em sua cabeça várias vezes; o homem tido como mendigo pelos passageiros de um ônibus em frente cai e as bolas rolam pelo asfalto.

Um motorista que dirige na mesma linha há oito anos tenta ficar com o ônibus parado para ver os policiais darem chutes e socos em um homem malvestido que está caído na calçada, mas o trânsito está livre e ele avança passando por cima e estourando duas bolas promocionais.

## ANEXO 12



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** PERIERIA EM CENA: Leitura da obra teatral periférica, de Allan da Rosa, atrelada à músicas de Igor Kannário para desenvolvimento do protagonismo sociocultural

**Pesquisador:** DAIANA SILVA DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 86190318.1.0000.0057

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.691.102

**Apresentação do Projeto:**

A PRESENTE PESQUISA POSSUI POR OBJETIVO O ESTÍMULO A LEITURA ATRAVÉS DA OBRA TEATRAL PERIFÉRICA "A CABULA", DE ALLAN DA ROSA, ATRELADA À MÚSICAS DO CANTOR IGOR KANNÁRIO A FIM DE DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA CIDADÃ E O PROTAGONISMO SOCIOCULTURAL DOS DISCENTES. A ESCOLHA DA OBRA BASEIA-SE EM UMA TENTATIVA DE PARTIR DE UM ESPAÇO JÁ CONHECIDO PELOS ALUNOS, PODENDO PROPORCINAR UM OLHAR MAIS APURADO PELA LITERATURA E POSTERIORMENTE PODEREM APRECIAR TAMBÉM OS

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

DESNVOLVER O HÁBITO DA LEITURA PARTINDO DO JÁ CONHECIDO E APRECIADO POR ELES (MÚSICAS DE IGOR KANNÁRIO) PARA A OBRA TEATRAL PERIFÉRICA DE ALLAN DA ROSA E, ATRAVÉS DESTA, PROMOVER A CONSCIÊNCIA DA IMPORTÂNCIA DO SER CIDADÃO E O PROTAGONISMO SOCIOCULTURAL.

Objetivo Secundário:

DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DE ESCRITA E DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos e Benefícios informados conforme preconiza a Res. 466/12.

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.691.102

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.691.102

contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_998771.pdf	23/03/2018 20:34:13		Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.pdf	23/03/2018 20:33:46	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_da_proponente.pdf	19/03/2018 22:04:43	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	termo_de_autorizacao_da_coparticipant e.pdf	19/03/2018 22:02:45	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	termo_de_concordancia.pdf	19/03/2018 22:00:46	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	termo_de_compromisso_do_pesquisador.pdf	19/03/2018 21:56:18	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_completo.docx	19/03/2018 21:38:21	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	22/02/2018 22:09:08	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/02/2018 21:18:26	DAIANA SILVA DOS SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 05 de Junho de 2018

Assinado por:  
**WARLEY KELBER GUSMÃO DE ANDRADE**  
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br